

COMENTÁRIO

**LIVRO DAS FUNDAÇÕES**

DE SANTA TERESA DE JESUS

Fátima, 2012

Preparação para o V Centenário do Nascimento  
de Santa Teresa de Jesus (1515-2015)



#### **SIGLAS UTILIZADAS**

**C:** *Caminho de Perfeição;*

**F:** *Livro das Fundações;*

**M:** *As Moradas*

**BMC:** *Biblioteca Mística Carmelitana;*

**MHCT:** *Monumenta Histórica Carmeli Teresiani*

# ÍNDICE

## ÍNDICE

### PRÓLOGO

#### CAPÍTULO I

Quinquénio 1562-67 ..... 9

#### CAPÍTULO II

Visita do Padre Geral..... 11

#### CAPÍTULO III

Medina del Campo ..... 15

#### CAPÍTULO IV

Vida nos Sete Carmelos Existentes..... 19

#### CAPÍTULO V

Binómio “Oração-actividade” ..... 23

#### CAPÍTULO VI

Riscos na Vida de Oração..... 31

#### CAPÍTULO VII

Melancolia..... 36

#### CAPÍTULO VIII

Fenómenos Místicos..... 42

#### CAPÍTULO IX

Malagón..... 48

#### CAPÍTULO X (1ªPARTE)

Valhadolid ..... 53

#### CAPÍTULO X (2ªPARTE) E XI

Cassilda de Padilla..... 57

#### CAPÍTULO XII

Beatriz Oñez ..... 61

#### CAPÍTULO XIII

Duruelo ..... 63

#### CAPÍTULO XIV

Duruelo ..... 66

#### CAPÍTULO XV

Toledo ..... 72

<b>CAPÍTULO XVI</b>	
Modelos de Virtude.....	76
<b>CAPÍTULO XVII</b>	
Pastrana.....	79
<b>CAPÍTULO XVIII</b>	
Avisos às Priorosas.....	82
<b>CAPÍTULO XIX</b>	
Salamanca .....	87
<b>CAPÍTULO XX</b>	
Alba de Tormes.....	91
<b>CAPÍTULO XXI</b>	
Segóvia .....	94
<b>CAPÍTULO XXII</b>	
Beas .....	98
<b>CAPÍTULO XXIII</b>	
Sevilha (Padre Graciano).....	101
<b>CAPÍTULO XXIV</b>	
Sevilha.....	104
<b>CAPÍTULO XXV</b>	
Sevilha.....	108
<b>CAPÍTULO XXVI</b>	
Sevilha.....	111
<b>CAPÍTULO XXVII</b>	
Caravaca.....	115
<b>CAPÍTULO XXVIII</b>	
Villanueva de la Jara .....	119
<b>CAPÍTULO XXIX</b>	
Palência .....	123
<b>CAPÍTULO XXX</b>	
Sória .....	127
<b>CAPÍTULO XXXI</b>	
Burgos .....	132

**EPÍLOGO**

**BIBLIOGRAFIA**



## PRÓLOGO

O Prólogo é a porta de ingresso na obra. Nele reflecte Santa Teresa o seu estado de alma ao iniciar o Livro das Fundações.

No momento em que escreve, Santa Teresa encontra-se já no estado de matrimónio espiritual desde 1572, tem 58 anos de idade (terminará o Livro aos 67 anos, em 1582, ano da sua morte), é Carmelita Descalça há mais de dez anos, actualmente é Priora no convento da Encarnação, mas está há um mês no Carmelo de Salamanca, lutando por resolver os grandes problemas materiais deste Carmelo, carregada “de muitos negócios, como cartas e outras ocupações forçosas” e “com muito má saúde”.

Inicia o Prólogo tecendo um grande elogio à obediência, pois o livro nasce da obediência:

- *Obediência externa*: é mandado escrever pelo seu confessor, o Padre Jerónimo Ripalda, sj e também mais tarde pelo Padre Jerónimo Graciano.
- *Obediência interior*: o Senhor referenda o pedido do confessor, dizendo-lhe: “Filha, a obediência dá forças” e este pedido do Senhor estender-se-á ao longo de todo o Livro.

Teresa obedece e põe-se a escrever a história dos sete Carmelos fundados depois de S. José de Ávila e também os princípios da fundação dos Conventos de Padres Descalços, Duruelo e Pastrana.

Naquilo que escrever ela diz que tudo contará conforme à verdade e a partir do que tem na sua memória; poucas vezes recorrerá ao apoio de papéis e documentos. Apesar do carácter narrativo, não escreve um relato profano, mas um livro com sentido profundamente religioso, em que intervém, como primeiro protagonista, o Senhor. E, por isso, sempre que for oportuno, irá introduzir avisos e conselhos sobre a vida de oração. A obra irá, portanto, constar de história e ensinamentos espirituais.

Tal como aconteceu no Caminho, vai escrever em chave de amor entre ela e as suas Irmãs, isto é, escreve em clima de intimidade e sujeitando-se em tudo à Santa Igreja Romana.

Este é, portanto, o panorama exterior e interior que está a viver ao iniciar o escrito no “ano de 1573, dia de S. Luís, rei de França, dia 25 de Agosto. Seja Deus louvado”.



## CAPÍTULO I QUINQUÊNIO 1562-67

Neste Capítulo Santa Teresa promete contar a história da fundação do Carmelo de Medina, o que realmente só virá a fazer no Capítulo III.

O que ela vai começar por narrar é o quinquênio intermédio entre a fundação do Carmelo S. José de Ávila, em 1562, e o de Medina, em 1567.

O que ocorreu nestes cinco anos?

Santa Teresa responde com dois relatos fundamentais:

– Primeiro conta o **idílio espiritual** vivido nesses cinco anos, “os mais descansados da minha vida”. Destaca-se aqui a paz, a ingenuidade e simplicidade, o fervor, a pobreza e a obediência daquelas “donzelas religiosas de pouca idade” e a repercussão que tudo isto teve na alma de Santa Teresa: “Eu deleitava-me entre almas tão santas e puras”... “Louvava Nosso Senhor por ver tão altas virtudes”... – Estando esta miserável entre estas almas de anjos..., – muitas vezes me parecia que era para algum grande fim as riquezas que o Senhor punha nelas...-, sempre procurava [que] as Irmãs se afeiçoassem ao bem das almas e ao aumento da Igreja...”.

Depois da descrição do idílio espiritual, anota aquilo que deu origem à segunda parte do relato.

– Neste segundo relato narra o acontecimento da visita ao conventinho de S. José, do feroso missionário, chamado **Francisco Maldonado** que tinha vindo da América para interceder junto do Rei pela causa dos indígenas da América Central. Passou por Ávila e foi nesse momento que se terá encontrado com as Irmãs no locutório e lhes falou dos “muitos milhões de almas que se perdiam à falta de doutrina”. “Depois de nos ter feito um sermão e prática e animar-nos à penitência, partiu”. Santa Teresa fica fortemente impressionada: “Fiquei numa tristeza profunda

e como fora de mim com a perdição de tantas almas. Recolhi-me a uma ermida e, com muitas lágrimas, clamei a Nosso Senhor suplicando-Lhe que me desse meios de ganhar uma só alma, pois tantas o demónio levava. Pedia-Lhe poder para a minha oração; outra coisa não estava a meu alcance. Sentia muita inveja dos que, por amor de Deus, podiam dedicar-se à salvação das almas, mesmo através de mil mortes”.

E ocorre a surpresa. Deus responde aos seus rogos, numa noite em que se encontrava em oração, como ela diz: “mostrando-me muito amor, à maneira de querer consolar-me, disse-me: Espera um pouco, filha, e verás grandes coisas”.

“E sucedeu o que agora direi”. E termina assim este Capítulo, dando-nos a entender que a obra das fundações nasce de um momento de tensão e da promessa do próprio Deus, que é o grande protagonista desta obra.

Em resumo, os actores deste relato foram quatro:

- o Franciscano Maldonado que já não volta a aparecer no livro;
- Teresa e Deus: actores principais;
- o grupo de Carmelitas pioneiras do novo Carmelo: no pano de fundo da cena.

Como se recordam, este Capítulo I tem alguns **paralelismos** com o *Livro da Vida*, mas assemelha-se mais directamente ao Capítulo I do *Caminho*:

- No Capítulo I do *Caminho* aparece a pedagogia do livro para as doze primeiras Irmãs ante o panorama da Igreja em divisão e as guerras por obra dos luteranos: “o mundo está a arder!”. Grande “sentido de Igreja”.
- Neste Capítulo I das *Fundações*, aparece, sobretudo, a tensão missionária da Santa e do grupo das primeiras Irmãs. Surge uma franca abertura ao novo mundo e a correspondente acção missionária, nas Fundações.

Como podemos ver, o texto teresiano encaixa perfeitamente na actualidade social e eclesial do seu tempo e, não menos, no nosso.

## CAPÍTULO II VISITA DO PADRE GERAL

Neste Capítulo surgem quatro personagens:

- O Padre Geral da Ordem: Padre Rubeo (João Baptista Rossi)
- O Bispo de Ávila: D. Álvaro de Mendoza
- Santa Teresa: “uma mulherzita tão pobre e fraca como eu”
- O Senhor: no pano de fundo da cena

O Padre Geral, Padre João Baptista Rossi, no léxico de Santa Teresa, “Padre Rubeo” (1507-1578), foi designado pelo Papa Vigário Geral em 1562, por morte do seu predecessor Nicolás Audet, e logo depois eleito Geral no Capítulo de Roma, em 1564. Sai de Roma rumo a Espanha no mês de Abril de 1566 para a visita canónica. Chega a Madrid a 10 de Junho de 1566, para obter o “exequatur” do Rei. Depois de concluídos os trâmites civis, inicia a visita às Províncias de Espanha, proclamando a Reforma do Concílio. Em concreto, Andaluzia de 16 de Junho a 2 de Novembro de 1566; Portugal, 25 de Novembro de 1566 a 23 de Janeiro de 1567; Castela, 4 de Fevereiro a 20 de Abril de 1567; Aragão, 20 de Maio a metade de Julho de 1567; Catalunha, meados de Julho a 8 de Setembro de 1567.

O Padre Rubeo chega a Ávila a 16 ou 17 de Fevereiro 1567, onde visitou o convento dos Frades e o feminino da Encarnação, onde havia muitas monjas, muitas enfermas, muita gente secular e grande penúria económica. Em Abril celebrou o Capítulo Provincial de Castela, em Ávila. Entre os dias 20 a 27 de Abril encontra-se com Santa Teresa no conventinho de Ávila. Narra a Santa ao saber que vinha o Padre Geral de Roma: “parece-me ter ficado pesarosa quando o soube, porque, como já disse na fundação de S. José aquela casa, pelos motivos que disse, não estava sujeita aos Frades. Duas coisas temia: uma, que ficasse desgostoso comigo, e teria razão, não sabendo como as coisas se passaram; outra,

que me mandasse regressar ao Mosteiro da Encarnação, que era de Regra Mitigada. Grande desgosto isto seria para mim, por muitas razões” (F 2,1).

Como sabemos, o Carmelo de S. José não estava sob a jurisdição do Geral, mas do Bispo, pois o Provincial recusara a fundação do conventinho de S. José. Daí os receios de Teresa. Ela resolve estes medos convidando o Geral a vir quanto antes a S. José e ter um diálogo franco, cara a cara com ela. Convidou-o também o Bispo D. Álvaro que é o Prelado, nesta altura.

Mas logo no primeiro encontro e passado este primeiro sufoco, captando a Santa a profunda sintonia espiritual do Padre Geral com a sua fundação, abriu-lhe o seu espírito, tanto no plano jurídico e administrativo do seu mosteiro, como o seu próprio coração. Este captou em profundidade a situação jurídica e canónica do convento e a da própria Santa que, sendo sua súbdita, não o havia consultado neste negócio fundacional. Finalmente puseram-se de acordo: Teresa continuaria em S. José, seria procuradora do próprio Geral e trataria de estender a sua obra fundacional, com os mandatos e patentes do Geral, a monjas e Frades contemplativos (F 2,2).

O Geral sentiu grande alegria e mais ainda quando a Santa lhe confirmou a sua obediência. A Reforma que ele e a Ordem andavam à procura estava garantida em Castela, se a realidade correspondia ao que se via. As relações estabelecidas entre os dois descreve-as a Santa, dizendo: “Tendo chegado a Ávila, esforcei-me por conseguir uma visita sua ao Mosteiro de S. José, e o Bispo teve por bem que fosse acolhido como a sua própria pessoa. Dei-lhe conta de tudo, com toda a verdade e franqueza, pois gosto sempre de tratar assim com os prelados, aconteça o que acontecer, pois estão em lugar de Deus, e também com os confessores; de contrário, não sentiria a minha alma em segurança. Assim, dei-lhe conta dela e de quase toda a minha vida, embora seja muito ruim. Deu-me muito conforto e a certeza de que não me mandaria sair dali. Alegrou-se por ver como vivíamos e por encontrar uma reprodução, ainda que imperfeita, dos princípios da nossa Ordem, quando a Regra Primitiva se observava com todo o rigor, porque agora todos os mosteiros seguiam a Regra Mitigada” (F 2,2-3).

Teresa tinha grandes desejos, mas não tinha planos para o futuro. Será o Geral a tomar a iniciativa e a dar-lhe poderes para fundar mais Carmelos femininos em Castela, como veremos já a seguir.

O Geral tinha a autoridade de Superior da Ordem e a de comissário apostólico para a sua Reforma, por Breve de 24 de Fevereiro de 1566. Portanto, em vez de repreender a Madre, como ela temia, propõe-lhe algo surpreendente: que fundasse outros conventos como o de S. José, mas dentro da Ordem e sob os seus superiores, como ela conta em *F* 2,3-4: “E com grande desejo de a ver progredir neste princípio, deu-me amplas patentes para novos mosteiros, com censuras para que nenhum Provincial me pudesse ir à mão. Não lho tinha pedido, contudo ele entendeu, pela minha maneira de proceder na oração, que era grande a minha vontade de ajudar as almas a irem para Deus. Estes meios não os procurava eu, antes me pareciam desatino, porque uma mulherzita tão pobre e fraca como eu, reconhecia que não podia fazer nada; mas, quando a alma é assaltada por tais desejos, não tem poder para rejeitá-los. O amor de contentar a Deus e a fé tornam possível o que por razão natural não o é: e assim, vendo eu no Nosso Reverendíssimo Geral a grande vontade de que fizesse mais mosteiros, já me parecia vê-los concluídos”. O testemunho da Santa neste caso é decisivo.

O primeiro documento que o Padre Rubeo emite para a Santa é de 27 de Abril de 1567, no qual faz uma síntese da vida das Carmelitas de S. José, tal como ele a viu: “Vivem segundo a primeira Regra, com a forma do vestir e de outras maneiras santas que têm e guardam em S. José [de Ávila]”.

Mais tarde emite outra patente a 16 de Maio de 1567, em que altera dois pontos: que não funde em Andaluzia e que a forma de vida das Irmãs de S. José de Ávila até agora em suas mãos fique plasmada na lei, ou seja, as Irmãs sigam a Regra e as Constituições. Terá sido feito um texto complementar da Regra Primitiva, a que se chamou Constituições Teresiano-rubeanas.

Mais tarde ocorre a D. Álvaro uma ideia que propõe ao Geral: fundar algum convento de Frades como o de Madre Teresa, isto é, da primeira Regra da

Ordem, no seu bispado. Outras pessoas insistem também, mas o plano fracassa, pela contradição que o Padre Geral encontrou na Ordem.

Santa Teresa pensa e volta ao mesmo tema, escrevendo ao Padre Geral, apontando os prós e os contras de uma ou mais fundações de Padres e a sua carta convence o Geral, que já de regresso a Itália, em Barcelona, lhe envia uma missiva para fundar em Castela dois conventos de “Carmelitas contemplativos”, como ele gostava de chamar aos Padres. Era o dia 10 de Agosto de 1567. Teresa receberá esta carta quando já está a caminho da primeira fundação fora de Ávila.

### CAPÍTULO III MEDINA DEL CAMPO

Esta é a primeira saída de Teresa como fundadora. Conta as dificuldades sofridas pelo grupo e a profunda emoção religiosa vivida por ela ao fundar.

Podemos dividir este Capítulo em quatro cenas sucessivas:

- Decisão firme de fundar: (n. 1-6)
- Aventuras do grupo no caminho e na erecção do novo Carmelo: (n. 2-15)
- Repercussão e crise na alma de Santa Teresa: (n. 10-15)
- Desenlace noutra projecto fundacional, presságio de Duruelo: (n. 16-18)

Teresa tinha recebido há alguns meses do Padre Geral licença para fundar em Castela: 27 de Abril de 1567. Quando o Padre Geral a mandou fundar mosteiros em toda a Castela, ainda não tinha nenhum em perspectiva. Eram uma esperança da Santa e do Geral. Ela escolhe Medina del Campo, que era uma cidade próspera e mercantil. Pede ajuda e conselho aos jesuítas de Medina. Envia o Capelão do Carmelo de Ávila, Padre Julião de Ávila, a tratar das licenças, civil e eclesiástica. Arranja uma pobre vivenda, quase um tugúrio. São seis as monjas que leva a fundar: duas do Carmelo de S. José, quatro da Encarnação e uma jovem postulante que leva alguns cobrezinhos. Ao todo, com Teresa, são oito.

Este projecto empreendido pela Santa é apelidado pelo ambiente de Ávila como absurdo, uma loucura, disparate, desatino... Santa Teresa vai apenas confiada na palavra do Altíssimo e, por isso, tudo se lhe torna fácil. E põe-se em marcha.

A meio caminho, enquanto pernoita em Arévalo, chegam mensageiros inoportunos, com más notícias de Medina. Apesar disso, Santa Teresa prossegue o seu caminho. Chega de noite a Medina. Atravessa a pé a cidade, instala-se na

vivenda-tugúrio, com Missa e Santíssimo Sacramento. Só ao amanhecer se dá conta da situação desoladora da casa, quase em ruínas. Passa oito dias a procurar uma solução improvisada, levando dois meses a regularizar a fundação.

Apesar de confiante no Senhor, ao constatar todas estas dificuldades, sente-se invadida por todo o tipo de dúvidas e sem razões deste desatino de fundar, dúvidas acerca da autenticidade da sua vida interior e das suas experiências místicas. Passa sozinha a crise de uma densa noite escura. Agora, ao escrever e recordando o sucedido, prorrope em pedidos de ajuda, de luz, perdão: “Oh! meu Deus! Que coisa é ver uma alma que Vós quereis deixar em pena! Quando me recordo desta e doutras angústias passadas nestas fundações...” (F 3,11).

Esta fundação de Medina, teve que ter o apoio normativo do Geral e não ficar sob o Provincial, isto é, ficaria directamente sob o Geral e não sob o Provincial. Passando por alto as ponderações que o Geral faz da Santa na carta do dia 1 de Janeiro de 1569 às Carmelitas Descalças de Medina, vê-se bem o tipo de governo que ele esperava quando diz: “admoesto-vos a todas a obedecer à mencionada Teresa como a verdadeira prelada... Recordem-se do primeiro Capítulo da Regra, onde se manda a obediência ao seu primeiro prelado e pastor”. Isto é, na realidade a Madre Teresa era a delegada do Geral para o convento de Medina.

Em 1568 fundou-se o convento de Malagón e, no Verão do mesmo ano, o de Valladolid. Era chegado o momento de o Padre Geral pôr um superior dos Conventos. Apesar de, na realidade, quem governava as monjas era Santa Teresa, no dia 15 de Maio de 1569, nomeia o Padre Alonso González, então Provincial, como comissário geral das Carmelitas Descalças fundadas e que se fundem até nova designação.

Por tudo o que dissemos, ficamos com a noção que o Padre Geral tinha constituído a Santa sua procuradora já em 1567. Numa carta à Priora de Medina, de 1569, apresenta-a como sua delegada geral de governo. Esta confiança do Padre Rubeo na Santa Madre é completada em 1570, quando lhe concede o título de “vigaria geral” para as fundações dos novos mosteiros femininos. É na patente de 24 de Setembro de 1570, que aprova as cláusulas da funda-



ção de Toledo, onde o Geral a nomeia Teresa de Jesus, “*in erigendis sanctimonialium monasteriis vices nostras gerenti*”. Também mais abaixo na mesma patente acrescenta “*Teresae, vices nostras gerenti*” para as fundações, etc. Em ambas as passagens aplica a Santa Teresa a expressão técnica “*vices nostras gerenti*” no que se refere às fundações das monjas; isto é, que tem a autoridade de vice-geral para as novas fundações.

Numa patente posterior, de 6 de Abril de 1571, constitui formalmente Santa Teresa fundadora geral, sem lhe assinalar limites territoriais alguns, ou seja, mesmo fora de Castela foi-lhe dada licença para fundar. Com este documento, além de ser concedida a Santa Teresa a autoridade de “geral da Ordem”, agora o Geral completa-o com a autoridade de “comissário apostólico”, que tinha de Pio V.

Podemos dizer que com esta patente e mandato do Geral, é concedida a Santa Teresa faculdade de fundadora com a dupla autoridade de geral da Ordem e de comissário pontifício.

Esta situação jurídica dos conventos de Carmelitas Descalças, com poderes absolutos de fundadora dados à Santa e governados paternalmente pelo Padre Alonso González em nome do Padre Geral, prolongou-se vários anos, de 1569-1575 (F 27,19). Assim foram amistosas as relações da Santa com o Presidente da Ordem, até que as fundações dos Padres Descalços de Andaluzia e as calúnias e murmurações pelas fundações da Santa em Beas e Sevilha, em 1575, distanciaram o Geral na relação com a Santa Madre, como sabemos.

O relato deste Capítulo III prossegue, tendo um desenlace inesperado. Depois das peripécias da fundação e as sombras e nuvens na alma de Teresa, abre-se o horizonte para outra esperança: a fundação dos Descalços.

É aqui em Medina que chega às mãos da Santa a carta do Padre Geral de 10 de Agosto, concedendo-lhe licença para fundar dois conventos. E, pouco depois, surge, de surpresa, o encontro com dois possíveis fundadores, António Herédia e Frei João de S. Matias, futuro Frei João da Cruz. E Santa Teresa exulta de gozo: “Quando vi que já tinha dois Frades para começar, pareceu-me que estava feito o negócio” (F 3,17).

O mais interessante a reter do relato é a presença de Deus que marca secretamente o rumo dos acontecimentos e dos caminhos. Por isso conclui Santa Teresa: “Seja para sempre bendito, amen, Aquele que mais não espera senão ser amado para amar!” (F 3,18).

## CAPÍTULO IV VIDA NOS SETE CARMELOS EXISTENTES

Neste Capítulo vai ocorrer uma mudança de registo. Interrompe-se a narração e passa-se à exposição doutrinal. Santa Teresa já o tinha referido no prólogo. Será um parêntesis de cinco Capítulos (do IV ao VIII), antes de retomar a narração das fundações no Capítulo IX.

A este bloco de cinco Capítulos refere-se o título do presente Capítulo IV: *“Trata de algumas mercês que o Senhor faz às freiras deste mosteiros e dá conselhos às Prioras sobre o modo de proceder em tal assunto.”*

Os temas tratados nestes cinco Capítulos, podemos sintetizá-los assim:

- Capítulo IV: o status de vida nos sete Carmelos existentes
- Capítulo V: avisos sobre o binómio “oração-actividade”
- Capítulo VI: possíveis excessos e riscos na vida de oração
- Capítulo VII: uma anomalia daninha: a enfermidade da melancolia na Comunidade
- Capítulo VIII: prudência face aos fenómenos místicos

Neste Capítulo IV, propõe Santa Teresa um diálogo com as suas Irmãs dos sete Carmelos fundados, não incluindo os dois dos Padres (Duruelo e Pastrana), acerca da vida que se vive dentro destes Carmelos. Nos números 2, 5 e 8 vai destacar especialmente a acção de Deus na vida de oração dessas sete Comunidades, como ela narra: “Vendo as coisas espirituais que sucediam durante estes anos nestes mosteiros, conheci a necessidade que há daquilo que quero dizer” (F 4,2). “À medida que começaram a povoar-se estes pequeninos pombais da Virgem Nossa Senhora, começou também a Divina Majestade a mostrar Suas grandezas nestas mulherzinhas fracas, embora fortes em desejos e em despreendimento de todo o criado, que é, afinal, o que mais une a alma ao seu Criador, andando com limpa consciência” (F 4,5). “São tantas as mercês que o Senhor

faz nestas casas que, se há uma ou duas a quem Deus leve agora pela meditação, todas as outras chegam à contemplação perfeita” (F 4,8).

O que Santa Teresa pretende destacar neste Capítulo é a constatação da obra de Deus, isto é, aquilo que Deus faz nessas Comunidades orantes.

Estas constatações vão sendo intercaladas com digressões ou advertências:

- 1 - Sobre os perigos reais ou temores infundados que provêm de fora.
- 2 - Os pretextos evasivos que surgem dentro da Comunidade

1 – Empreender este caminho sem medo, pois perigos há-os em toda a parte, mas o perigo não pode ser grande para quem pensa em Deus e procura aperfeiçoar a vida. Já o tinha dito no Caminho de Perfeição: “Não falo agora em se há-de ser mental ou vocal para todos; para vós digo que, de uma e de outra, tendes necessidade. Este é o ofício dos religiosos. A quem vos disser que isto é um perigo, a esse tende-o pelo verdadeiro perigo e fugi dele. E não vos esqueçais, que porventura tereis necessidade deste conselho. Perigo será não ter humildade nem as outras virtudes; mas caminho de oração ser caminho de perigo, nunca Deus tal permita. Parece que o demónio inventou pôr estes medos, e assim tem sido manhoso em fazer cair alguns que tinham oração, ao que parece” (C 21, 7) e di-lo também agora no *Livro das Fundações*: “Estão, por nossos pecados, tão decaídas no mundo as coisas de oração e perfeição, que é forçoso explicar-me assim. Porque, mesmo sem verem perigo, temem entrar neste caminho, que seria se mostrássemos algum? Ainda que, na verdade, em tudo o haja e, enquanto vivemos, é preciso andar com temor em todas as coisas, pedindo ao Senhor que nos ensine e não nos desampare. Mas, conforme já disse, segundo creio uma vez, se nalguma coisa pode deixar de haver muito menor perigo, é para aqueles que mais pensam em Deus e procuram aperfeiçoar a vida. Se vemos, Senhor meu, que nos livrais muitas vezes dos perigos em que nos metemos, ainda mesmo para nos pormos contra Vós, como não acreditar que haveis de livrar-nos quando não pretendemos mais do que contentar-Vos e regalar-Vos? Não, eu nunca o poderia crer. Poderia ser que, por Seus juízos secretos, Deus permitisse algumas coisas que, assim como assim, teriam de acontecer; mas o bem nunca trouxe mal. Que

isto sirva para nos ajudar a percorrer melhor o caminho e assim contentar mais a nosso Esposo e encontrará-l'O mais depressa, mas não para deixar de caminhar; e para dar-nos ânimo para percorrer com fortaleza desfiladeiros tão ásperos como o são os desta vida, mas não para nos acobardarmos. Enfim, indo com humildade, e pela misericórdia de Deus, chegaremos àquela cidade de Jerusalém, onde tudo quanto temos padecido nos parecerá pouco, ou mesmo nada, em comparação do que se gozará” (F 4,3-4).

2 – Santa Teresa chama a atenção para não cairmos no engano de pensar e dizer que as grandes mercês que aconteciam nos princípios das Ordens eram dadas àqueles que eram os alicerces das Ordens Religiosas. Santa Teresa adverte e afirma que se hoje as não há, é por falta de fervor da nossa parte, pois sempre nos deveríamos considerar alicerces dos que hão-de vir depois, como ela diz: “Oíço algumas vezes dizer que, nos princípios das Ordens Religiosas, como eram os alicerces, fazia o Senhor maiores mercês àqueles santos nossos antepassados. E assim é; mas sempre nos havíamos de considerar alicerce dos que vierem depois. Porque, se agora nós, os que vivemos, não tivéssemos perdido o fervor dos nossos antepassados, e se os que viessem depois de nós fizessem outro tanto, sempre estaria firme o edifício. Que me aproveita a mim que os santos passados tenham sido assim, se depois sou tão ruim que, com meus maus costumes, deixo estragos no edifício? Porque, é claro: os que vão chegando, não se recordam tanto dos que há muitos anos morreram, como dos que estão vendo. Coisa engraçada é que eu atribua o mal ao facto de não ser das primeiras e não veja a diferença que há entre a minha vida e virtude e as daqueles a quem Deus fazia tantas mercês. Valha-me Deus! Que desculpas tão rebuscadas e que enganos tão manifestos!” (F 4,6-7).

Por isso há que cultivar sempre da nossa parte um desejo profundo de fidelidade ao espírito da nossa Ordem, ao desejo de ir sempre bem em melhor, não se contentando com uma vida medíocre, isto é, uma vida com o mínimo de exigência, sem estarmos dispostas a ser plenamente generosas e a dar tudo de nós mesmas, custe o que custar.

Todo este Capítulo serve de preâmbulo aos temas fortes dos Capítulos seguintes. Por isso termina assegurando que o que escreve é: “para que se entenda que não são fora de propósito os avisos que quero dar” (*F 4,8*), já de seguida.

## CAPÍTULO V BINÓMIO “ORAÇÃO-ACTIVIDADE”

Segundo o título do Capítulo, Santa Teresa propõe-se dar alguns **avisos sobre coisas de oração**, ensinar a **substância da verdadeira oração** (F 5,2).

Durante este Capítulo colocará outras questões:

- Como se adquire o amor, que é a alma da oração e da perfeição? (n. 3)
- “De que procede o desgosto” ou mal-estar por ter de interromper a oração para se “empregar noutras coisas?” (n. 4)
- Que remédio há para acabar com esta batalha interior? (n. 12)

Poderíamos estruturar o Capítulo da seguinte forma, como resposta a estas questões:

- 1- Tema fundamental: em que consiste a perfeita oração (n. 2-3)
- 2- Como compaginar oração em solidão com o serviço aos outros (n. 4-9)
- 3- O grande meio ou remédio: a obediência e o amor aos irmãos (n. 3.10-17)

O desenvolvimento destes temas vai sendo alternado com exemplos, lemas bíblicos, axiomas/máximas da vida espiritual.

### **A substância da oração perfeita**

Para Santa Teresa a oração – e a oração contemplativa – não consiste “em pensar muito, mas em amar muito”. Podemos dizer que para Santa Teresa a substância da verdadeira oração é o amor. E como se adquire este amor? “Determinando-se a agir e a padecer, e fazê-lo quando se oferecer a ocasião” (F 5,3).

Desta forma a oração conduz à perfeição, à santidade de vida, que não consiste senão na plena conformidade de amor com a vontade de Deus e a plena

conformidade a Ele. Já de seguida, vamos ver qual o meio para esta conformidade de amor.

Para Santa Teresa todo o caminho da oração e todo o edifício espiritual assenta no amor, na caridade. Santa Teresa compreende profundamente o preceito do amor a Deus e ao próximo. Repete este preceito ao longo de todos os seus escritos, e esta formulação do preceito da caridade sintetiza-o admiravelmente nas *Moradas*: “A perfeição verdadeira é amor de Deus e do próximo, e com quanto mais perfeição guardarmos estes dois mandamentos, mais perfeitas sere-mos” (M I, 2,17). E ainda: “Aqui só estas duas coisas nos pede o Senhor: amor de Sua Majestade e do próximo, é o que devemos trabalhar. Guardando-as com perfeição, fazemos a Sua vontade, e assim estaremos unidas com Ele” (M V, 3,7).

Na formulação deste preceito do Senhor adverte-se uma progressiva evolução, que vai desde o encarecimento do amor a Deus (*Vida*), passando pela exortação ao amor fraterno (*Caminho*), até chegar à síntese do amor a Deus e ao irmão (*Moradas*). Isto não significa que Santa Teresa não vivesse, desde o princípio, o amor cristão em todas as suas dimensões; esta progressão diz apenas da descoberta progressiva da caridade, que alcança o seu cume na vida mística, narrada no livro das *Moradas*.

Santa Teresa, no cume da sua vida mística, ao falar nas *Moradas* da união com Deus, diz claramente que o amor do próximo e a união estão inseparavelmente unidos (Capítulo V). Para ela, a união com Deus caracteriza-se pelo cumprimento da vontade de Deus e este cumprimento da vontade de Deus, traduz-se para a Santa em serviço de amor ao próximo.

Santa Teresa vive a sua própria união com Deus como um chamamento ao serviço do próximo. Esta união não é difícil de alcançar e está ao alcance de todos, como ela o diz: “a verdadeira união pode-se muito bem alcançar, com o favor de Nosso Senhor, se nós nos esforçamos a procurá-la, com não ter a vontade senão atada com que for a vontade de Deus” (M V, 3,3); e para a Santa esta união da vontade que se caracteriza no serviço e amor do próximo, é muito mais importante que a outra chamada “união regalada”. Para Santa Teresa o importante é a união de vontade com a de Deus, como ela diz: “Esta é a união que desejei toda a minha vida; esta é a que peço sempre a Nosso Senhor e a



que está mais clara e segura” (M V, 3,5). E esta união de vontade consiste em definitivo, no amor a Deus e ao próximo: “Aqui só estas duas coisas nos pede o Senhor: amor de Sua Majestade e do próximo, que é o que temos de trabalhar. Guardando-as com perfeição fazemos a Sua vontade, e assim estaremos unidas com Ele”. “Praza a Sua Majestade nos dê graça para que mereçamos chegar a este estado, que na nossa mão está, se quisermos” (M V, 3,7).

E continua a dar-nos critérios mais precisos: “O sinal mais certo que há, a meu parecer, para ver se guardamos estas duas coisas, é guardar bem a do amor ao próximo; porque, se amamos a Deus não se pode saber, embora haja grandes indícios para entender que O amamos, mas o amor do próximo, sim. E estou certas que, quanto mais neste vos virdes aproveitadas, mais o estais no amor de Deus; porque é tão grande o que Sua Majestade nos tem, que em paga do que temos ao próximo, fará crescer o que temos a Sua Majestade por mil maneiras. Disto não posso eu duvidar” (M V, 3,8).

É aqui que se mostra claramente como a substância da verdadeira oração é o amor. Para a Santa é claro “que o amor não é sentimento, nem emoção; que não há amor sem obras; que, como havia explicado no Capítulo VII do *Caminho*, o amor verdadeiro é oblato, sacrificado, realista, em profunda simbiose com o amigo e com o Amado” (T. Alvarez).

### **Como compaginar oração em solidão com o serviço ao próximo**

É verdade que há duas horas de oração a fazer e que há que cuidar e pôr todo o empenho em tê-las. A Carmelita, verdadeira apaixonada de Jesus, tem a sua alegria em estar a sós com Quem ela sabe que tanto a ama.

Então como unir oração em solidão e serviço ao próximo, quando ele é requerido? Para Santa Teresa não existe o dilema “oração/acção”. O orante, se é verdadeiro orante, mesmo o mais mergulhado em experiência de oração “a sós”, *deve estar disposto ao serviço*, quando:

- uma ocasião o exija
- a obediência o peça
- o simples amor aos irmãos o requeira

É neste contexto que se encontra o famoso texto teresiano, que urge as obras de amor ao Irmão, como expressão da união com Deus: “Mas não, Irmãs, não; obras quer o Senhor; e, se vês uma enferma a quem podes dar algum alívio, não se te dê nada de perder essa devoção e te compadeças dela; e se tem alguma dor, te doa a ti também; e se for preciso, jejua, para que ela coma, não tanto por ela, mas porque sabes que teu Senhor quer isso. Esta é a verdadeira união com Sua vontade; e se vires louvar muito a uma pessoa, te alegres muito mais do que se te louvassem a ti. Isto, na verdade, fácil é; pois se há humildade, antes terá pena de se ver louvada. E esta alegria por se conhecerem as virtudes das Irmãs é grande coisa, e quando virmos alguma falta em alguma, senti-la como se fosse em nós e encobri-la” (MV, 3,11).

Este é o amor que há que pedir ao Senhor e o critério de discernimento da verdadeira união com Ele, da qualidade da oração feita em solidão.

Assim fez Jesus, assim foi o amor com que nos amou: “Quanto vos virdes carecidas nisto [deste amor], ainda que tendes devoção e regalos e alguma suspensãozinha na oração de quietude, e vos pareça que já haveis chegado (que a algumas logo lhes parecerá que está tudo feito), crede-me que não chegastes à união e pedi a Nosso Senhor que vos dê com perfeição este amor do próximo e deixai fazer a Sua Majestade, que Ele vos dará mais do que sabeis desejar, desde que vos esforceis e procureis isto em tudo o que puderdes; e forçar vossa vontade para que se faça em tudo a das Irmãs, embora percais do vosso direito, ou esquecer o vosso bem pelo delas, por mais contradições que vos faça o vosso natural; e procurar tomar para vós o trabalho para o tirar ao próximo, quando se oferecer. Não penseis que isto não vos há-de custar e que o haveis de achar já feito. Olhai o que custou a nosso Esposo o amor que nos teve: para nos livrar da morte, a padeceu tão penosa como a morte na Cruz” (M 5, 3,12).

Então porque custa deixar a oração e se sente desgosto quando, por alguma razão (verdadeira e justificada), não a podemos ter?

Santa Teresa aponta duas causas:

- “Um amor-próprio muito subtil que aqui se mistura e que não deixa entender porque nos queremos contentar a nós mais do que a Deus. Porque, claro está, quando a alma começa a saborear *quão suave é o Senhor*, nada encontra que mais lhe agrade do que achar-se descansando o corpo sem trabalhar e a alma regalada” (F 5,4). E diz ainda: “O que pretendo dar a entender é a causa por que, a meu parecer, a obediência é o mais rápido ou o melhor meio que há para chegar a este tão ditoso estado. É que não podemos, de maneira nenhuma, assenhorear a nossa vontade para aplicá-la pura e simplesmente em Deus, enquanto não a sujeitarmos à razão, e a obediência é o verdadeiro caminho para a sujeitar. Não é com boas razões que isto se alcança, porquanto a natureza e o amor-próprio têm tantas que nunca chegaríamos ao fim; e, muitas vezes, o mais razoável, se bem que não é do nosso agrado, nos parece disparate pela pouca vontade que temos de o fazer” (F 5,9).
  
- “A segunda causa do dissabor em se deixar a solidão é esta, a meu parecer: como há menos ocasiões de ofender ao Senhor (que algumas não deixará de haver, porque em toda a parte estão os demónios e nos temos a nós mesmos), parece à alma que anda mais limpa; e se teme muito de O ofender, grandíssimo consolo é para ela não ter em que tropeçar. E certo é ser esta razão, a meu parecer, mais forte para desejar não ter trato com ninguém, do que a de ter grandes regalos e gostos de Deus.

É aqui, minhas filhas, no meio das ocasiões e não nos recantos, que se há-de provar o amor; e, acreditai-me, ainda que haja mais faltas e até algumas pequenas quebras, o nosso ganho é incomparavelmente maior” (F 5,14).

Que meios aponta então a Santa para resolver estas dificuldades?

## O grande meio ou remédio para acabar com esta dicotomia: a obediência e o amor aos irmãos

Se quiséssemos, podíamos ler o *Livro das Fundações* em chave de obediência:

- Prólogo: a *obediência* de escrever;
- Capítulo II: *obediência* e fé;
- Capítulo III: as Misericórdias de Deus encontram a sua raiz na *obediência*;
- Capítulo. IV, a *obediência*, conversão radical a Deus;
- Capítulo V: a *obediência* e a sua relação com a oração;
- Capítulo VI-VIII: o sobrenatural e o patológico têm uma chave de discernimento na *obediência*;
- Capítulos X-XII: a misericórdia, a dor e a *obediência*;
- Capítulos XIV- XIX: a pobreza, a vontade e a *obediência*;
- Capítulos XXIII-XXV: o perfil biográfico do Padre Graciano e a *obediência*;
- Capítulos que narram as últimas fundações: Caravaca, Villanueva, Palência e Burgos: como personificação da *obediência* em si mesma. Teresa foi ajudada, claro, pela força do Protagonista, Sua Majestade: “Que temes? Quando é que Eu te faltei? O mesmo que fui, sou agora; não deixes de fazer estas duas fundações” (F 29,6).

A Santa Madre está a escrever para as suas Irmãs. A elas lhes reitera neste Livro o primado da obediência logo desde o Prólogo e Capítulo I, e nos seguintes, como acabámos de ver. A obediência é proposta pela Santa Madre numa dupla função:

- De vida consagrada comunitária e de oração profunda: a obediência serve de medianeira para se ajustar à vontade de Deus, alegando o texto de Jesus: “quem vos ouve, a Mim ouve”.
- Mas Santa Teresa vai insistir mais na necessidade da obediência para o desenvolvimento da oração profunda, que necessita discernimento, e para isso requer um mestre ou um superior competente.

Por isso, como já referimos, para Santa Teresa não há dicotomias nem divisões na vida do orante, do verdadeiro orante. Basta, para acabar com essa dificuldade, com essas dicotomias, a obediência e o amor aos irmãos. Mesmo que se sinta desgosto em interromper a oração e a solidão para realizar um serviço (por obediência e caridade), por mais humilde que seja, aqui se mostra que grau de união a Deus tem essa pessoa, e este era o critério de discernimento usado pela Santa para ver a que grau tinha chegado a oração das suas filhas.

Santa Teresa apresenta ainda nos n. 6 a 8, episódios concretos e muito comentados sobre a obediência e coroados com o modelo da obediência de Jesus ao Pai: “Obedeceu até à morte” (n. 3 e no final).

E, porque a caridade está também sempre presente com a obediência, Teresa não hesita em apresentar mais um texto do Evangelho: “O que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes” (Mt 25, 40).

Podemos dizer que as três linhas de força do Capítulo são: oração, obediência e amor. E apresenta ao longo do Capítulo interessantes **axiomas** ou **máximas**:

- “Deve entender-se que nem todas as imaginações são capazes, de seu natural, de se aplicar a isso. Porém, todas as almas o são [hábeis] para amar” (F 5,2)
- “Queria, todavia, dar a entender que a alma não é o pensamento, nem a vontade é governada por ele, o que seria má sina” (F 5,2), isto é, que a vontade é autónoma e livre, capaz de mandar e decidir por si mesma.
- “O aproveitamento da alma não está em pensar muito, mas em amar muito” (F 5,2)
- “Oh Senhor, quão diferentes são os vossos caminhos das nossas torpes imaginações” (F 5,6).
- “Esta força tem o amor, se é perfeito, que esqueçamos o nosso contentamento para contentar a quem amamos” (F 5,10)
- “Aqui, minhas filhas, se há-de ver o amor, não nos recantos, mas no meio das ocasiões” (F 5,15).

- “O verdadeiro amante em toda a parte ama, e sempre se lembra do amado” (F 5,16).
- “Triste coisa seria que, só pelos cantos, se pudesse fazer oração!” (F 5,16)
- “Eu creio que, como o demônio vê que não há caminho que leve mais depressa à suma perfeição do que o da obediência, põe-lhe muitos dissabores e dificuldades sob a cor de bem. Notem bem isto e verão que é verdade. Claro está que a suma perfeição não consiste em regalos interiores, nem em grandes arroubamentos, nem em visões, nem em espírito de profecia, mas em ter a nossa vontade tão conforme com a de Deus, que não entendamos Ele querer alguma coisa sem que a queiramos com toda a nossa vontade, e tomemos com a mesma alegria, tanto o saboroso como o amargo, como o quer Sua Majestade. Isto parece muito difícil, não propriamente a obra em si, mas este contentarmo-nos com aquilo que, de todo em todo, contradiz a nossa vontade conforme o nosso natural; e assim é na verdade. Mas tal força tem o amor, se for perfeito, que olvidamos o próprio contento para contentar a quem amamos” (F 5,10).

E termina dizendo com toda a clareza e determinação, e como critério de verdade da vida de oração: “Esta é a união que eu desejo e queria em todas” (F 5,13). “E creiam-me: o que aproveita à alma não é o largo tempo de oração, pois, quando o emprega tão bem em obras, grande ajuda lhe dá para que, em muito pouco tempo, alcance melhor disposição para acender o amor, do que em muitas horas de consideração. Tudo vem das mãos de Deus. Seja Ele para sempre bendito” (F 5,17).

Em síntese, não há dicotomia entre oração e serviço ao próximo: quando se colocar a dificuldade em deixar a oração, basta obedecer, conformando assim a nossa vontade à de Deus (aqui está a verdadeira união com Deus), amando o nosso próximo. E se assim fizermos e formos, com toda a certeza, a nossa vida será santa e fecunda para a Igreja. Assim seja!

## CAPÍTULO VI RISCOS NA VIDA DE ORAÇÃO

Neste Capítulo anunciam-se três temas:

- O risco que correm os espirituais na oração
- Os riscos que correm os espirituais na comunhão eucarística
- Alerta destes perigos àquelas que governam estas casas: as Priorosas e Mestras de Noviças

Santa Teresa inicia esta sua reflexão a partir de um dado por ela observado: “Tenho procurado com diligência entender donde procede um embevecimento grande que vi em certas pessoas... na oração” (F 6,1).

A este embevecimento chamar-lhe-á a Santa:

- Amortecimento (n. 6)
- Deixar-se embevecer (n. 3)
- Pasmos tão demorados (n. 5)

Santa Teresa diz tratar-se de uma deformação psicológica do orante (que se não se atalha, pode até levar à loucura), submergido na concentração mental, confundindo este estado com o arrebatamento místico.

Poderíamos distribuir assim o Capítulo:

- 1 – Descreve esta anomalia na prática da oração (1-3)
- 2 – Simulação e diferença do arrebatamento (4-5)
- 3 – A sua origem psicossomática: “fraqueza corporal” (7-8)
- 4 – Exemplos de casos concretos (9-14)
- 5 – A mesma anomalia na ânsia da comunhão eucarística (16-17)
- 6 – Outro caso concreto (18-19) contraposto à sua experiência pessoal (20-21)
- 7 – Alerta às Priorosas (22-23)

## 1 – Descreve esta anomalia na prática da oração

No seu ensinamento do *Caminho de Perfeição*, Santa Teresa tinha insistido na prática do recolhimento como interiorização da oração para superar a dispersão dos sentidos e da imaginação – “a louca da casa” – e para centrar a atenção e o amor em Cristo (Capítulos 26 a 29, do *Caminho*).

Agora vai prevenir o orante contra uma deformação deste processo de interiorização, por excesso de concentração numa ideia fixa ou num tema religioso obsessivo, que bloqueie a mente e paralise ou neutralize a actividade do orante, de modo que lhe impeça a liberdade de pensamento (e de afectos), até produzir, inclusivamente, a inacção corporal. E isto com dois graves inconvenientes:

- a perda de tempo
- a grosseira simulação do arroubamento (“sei que estavam sete ou oito horas..., e tudo lhes parecia arroubamento” – n. 2)

Para a Santa é muito claro: este embevecimento é pura anomalia psicológica, podendo chegar à loucura (n. 7). Estes embevecimentos têm graus de intensidade e neles poderíamos bem incluir não só ideias fixas sobre temas espirituais, mas também todas aquelas ideias fixas que nos dominam (que podem provir de ressentimentos, mágoas e que se tornam, por vezes, obsessivas) ou “fantasmas” interiores, causados pela nossa imaginação, deformando a realidade dos acontecimentos. Há que estar vigilantes e atalhar estas ideias que se podem apegar ao espírito, não nos deixando pensar em mais nada, prejudicando assim a nossa vida espiritual e de união com Deus.

## 2 – Diferença do arroubamento

Enquanto o arroubamento é união de todas as potências, dura pouco e deixa grandes efeitos e luz interior na alma e muitos outros ganhos, o entendimento não opera e é o Senhor que actua na vontade, neste embevecimento é muito diferente: pode durar horas e “ainda que o corpo esteja preso, não o está a vontade, nem a memória, nem o entendimento que continuam o seu operar



desvairado; e se, porventura, alguma coisa os atrai, logo se prendem e dela se ocupam. Não acho nenhuma vantagem nesta fraqueza corporal” (n. 4-5).

### **3 – A sua origem psicossomática**

Esta anomalia nasce de grande fraqueza corporal, ou da imaginação, que é muito pior (n. 7).

### **4 – Exemplos de casos concretos**

Como prova do que afirma, Santa Teresa alega casos concretos por ela conhecidos e testemunhados, mas por ela desmascarados, como podemos ver nos números 9-14. E conclui: “Entenda-se, pois, daqui, que tudo aquilo que nos domina de modo a não deixar livre a razão, deve ser tido por suspeito e que nunca, por este meio, se ganhará a liberdade de espírito” (F 6,15). Por isso, muita atenção em não remorder por dias e dias acontecimentos sejam espirituais ou outros, que, de uma forma ou outra nos afectaram, e não nos deixa a razão livre para actuarmos em conformidade com ela.

### **5 – A mesma anomalia na ânsia da comunhão eucarística**

Algo um pouco diferente do achaque anterior, é o caso da comunhão, tratado na segunda parte do Capítulo. Santa Teresa descreve este como um excessivo desejo de comungar e isto com manifestações ostentosas. Relata vários casos concretos, um deles acontecido num dos seus Carmelos; o outro mais grave acontecido com uma devota secular, como veremos no ponto seguinte. Santa Teresa apelida estes casos de egoísmo, procura de si mesmo, amor-próprio: “No que toca às comunhões, será muito grande mal, por muito amor que tenha a alma e por muito que lhes sinta a falta, não se sujeitar também ao confessor e à Priora. É preciso nisto, como em outras coisas, mortificá-la pouco a pouco,

mas fazendo-lhe compreender que mais convém não fazer a sua vontade do que procurar consolação. Também o amor-próprio pode intrometer-se aqui”.

## **6 – Outro caso concreto contraposto à sua experiência pessoal**

O outro caso concreto diz respeito a uma devota secular da qual chega a dizer: “Todos os dias recebia o Senhor mas não tinha confessor certo, comunicando ora numa Igreja, ora noutra. Notava eu isto, e mais quisera vê-la obedecer a alguém e não tanta comunhão. Vivia só e fazia o que queria, penso eu; mas, como era boa, tudo ia bem. Algumas vezes lhe disse o meu parecer, mas não fazia caso de mim, e tinha razão, porque era muito melhor do que eu. Contudo, se me tivesse ouvido, creio que não teria errado” (*F 6,8*).

Por aqui vemos como Santa Teresa enaltece a virtude da obediência e a recomenda como o remédio para os possíveis desvios das práticas de piedade, onde facilmente se pode intrometer o amor-próprio e o egoísmo, como ela atesta por sua própria experiência e, assim, o que em si era bom, pode transforma-se em mal para a vida espiritual.

## **7 – Alerta às Priorosas**

Santa Teresa observa que, ao que a Madre deve estar atenta, é que as Irmãs procurem amar a Deus e contentá-Lo, e afirma que as Irmãs contentam a Deus mais pela obediência do que pelo sacrifício. Isto é o que mais importa.

A união com Deus é a união da nossa vontade à d’Ele e, quando a nossa vontade está desprendida de todo o interesse próprio, não sente nada, antes se alegra de ter com que contentar a Deus.

Enquanto a pessoa não cresceu ainda nos demais pontos de perfeição, pode-se conceder que as Irmãs sintam pena e ternura, desde que seja com sossego e paz de alma e tirando daqui motivos para crescer em humildade (isto tanto se aplica no caso do desejo de comungar, como noutros exemplos que poderíamos dar); mas se a Irmã se altera, ou fica ressentida seja com a Madre ou

o confessor, por não ter feito a sua vontade, diz a Santa Madre que a Irmã está em grande tentação; e se, pior ainda, chega a fazer o contrário do que lhe pediu a obediência, então diz que será o Senhor a julgá-la.

E Santa Teresa termina pedindo a Deus que sempre nos dê a Sua graça, para que em nada Lhe demos desgosto (cfr. *F 6,22-23*).

## CAPÍTULO VII MELANCOLIA

Tal como o anterior, Santa Teresa dirige este Capítulo sobretudo àquelas que governam a Comunidade e, como consequência, a todas as que compõem a Comunidade. Apesar de Santa Teresa ter um grande cuidado na admissão das vocações e de apresentar para as suas Irmãs critérios de discernimento, aparecem nos seus conventos pessoas psicologicamente doentes, afectadas do “humor de melancolia”, dificilmente compatível com a vida comunitária. Diz ela que “por muita cautela que haja para não aceitar pretendentes com este mal, ele é, no entanto, tão subtil que se finge morto quando lhe convém e só se descobre quando já não há remédio” (F 7,1).

Santa Teresa conhece vários casos, sabe diagnosticá-los muito bem e sabe aplicar-lhes o remédio adequado, com vista à inserção das Irmãs na vida comunitária.

Poderíamos dividir assim o Capítulo:

- O facto e o seu diagnóstico (n. 1)
- O seu remédio fundamental: sujeitá-las desde os princípios do mal (n. 2-6)
- Ter-lhes ao mesmo tempo compreensão e amor (n. 8-9)
- Duas observações ou objecções (n. 7-9)
- Conclusão: porquê tantos avisos (n. 10)

### **A melancolia e o seu diagnóstico**

Estas pessoas que aparecem nas comunidades de Teresa são casos difíceis, porque perturbam o ambiente próprio de uma Comunidade contemplativa e tornam-se difíceis de se integrar na Comunidade.

Que se entende por melancolia? Na medicina e na linguagem vulgar do seu tempo, pensava-se que a melancolia dependia de um dos quatro humores

do composto humano (sangue, cólera, fleuma e bílis); deste último – a bílis – dependeria, sobretudo, esta enfermidade da melancolia. Como não havia muitos conhecimentos e havia opiniões diversas, a melancolia compunha-se de uma série de anomalias, difíceis de sintetizar numa determinada categoria. Actualmente poder-se-ia traduzir a melancolia de que fala Santa Teresa por “neurastenia” que significa: “Neurose que acarreta enfraquecimento da força nervosa; perturbações mentais caracterizadas pela debilidade do sistema nervoso, com sintomas de tristeza, falta de vontade, perda de memória, idealização difícil, impotência, e, com maior frequência, males físicos do tipo de dores de cabeça, perturbações vasomotoras e sensitivas; mau humor, irritabilidade fácil, aborrecimento, excitação, fraqueza, impertinência, nervosismo”.

Para Santa Teresa a melancolia é:

- um achaque psicofísico (ou seja com repercussões físicas), com implicações morais,
- encerramento de uma pessoa em si mesma,
- confusão da imaginação,
- tristeza depressiva.

Diz Santa Teresa acerca dos melancólicos: “São tantas as invenções que este humor busca para fazer a sua vontade, que é preciso descobri-las para saber como suportar e governar as pessoas que o têm, sem que façam mal às outras” (F7,1).

Nestes casos de melancolia, ela adverte que há mais e menos, conforme os temperamentos das pessoas: “Quando dá em pessoas humildes e mansas de carácter, ainda que muito as faça sofrer intimamente, não as leva a prejudicar os outros, especialmente se são de bom entendimento. Também nisto há mais e menos” (F7,2).

Qual o maior efeito deste humor de melancolia?

Diz a Santa: “O maior efeito deste humor é dominar a razão; e obscurecida esta, que não farão as nossas paixões? Parece que, quando ela falta, vem a

loucura; e assim é. Nestas de que falamos, porém, o mal não chega a tanto” (F 7,2); ou seja, o humor de melancolia leva a pessoa a não conseguir dominar a razão, ficando à mercê dos devaneios da imaginação e, não tendo força a razão, não terá força a vontade para agir em conformidade e sensatamente, como é próprio de quem tem livre a razão.

Para Santa Teresa a característica mais delicada desta enfermidade e que é preciso estar muito atento para se detectar, é a subtil implicação moral da vontade na doença e, conseqüentemente, o seu influxo, a sua influência no ritmo sereno da Comunidade contemplativa. Daí a responsabilidade das Priorosas no tratamento destas enfermas.

Quando isto sucede, isto é, haver subtil implicação moral da vontade, esta melancolia é mais difícil de tratar. E dá Santa Teresa a sua definição destas melancólicas mais difíceis: “costumam tomar liberdades quando estão piores, o que é um terrível ardil do demónio para que não sejam senhoras de si mesmas quando estão boas. E assim, se virmos bem, o que mais procuram é dizer tudo quanto lhes vem à cabeça, ver as faltas alheias, encobrir as suas e regalar-se com o que lhes agrada. Enfim, procedem como quem não sabe vencer-se. Desde que as paixões não estejam mortificadas, cada uma busca satisfazer o seu capricho; que será delas, então, se não houver alguém que lhes resista?” (F 7,3). Porque ainda que não sejam loucos (não é loucura declarada a sua), contudo, estão próximos dela. Quando se consente que a vontade colabore, é preciso estar ainda mais atento e aplicar o justo remédio, como veremos já a seguir.

Estas melancólicas chamadas “caprichosas” são pessoas que perdem todo o sentido da autoridade e nem com castigos caem na conta da sua situação. Contra estas tem Santa Teresa páginas muito fortes e é preciso segurar estas pessoas, usando com elas rédea curta e fazendo-lhes ver que, apesar dos gritos, clamores e desesperos, não levarão a melhor.

Santa Teresa teme mais uma pessoa destas que a muitos demónios, pois são uma inquietação terrível para a paz de todas e a Santa Madre chega a dizer que tem muito medo de lhes dar a profissão.

## Remédios

- Uso firme da autoridade – Tendo em conta que a enferma não é dona dos seus actos, é a Priora que há-de pôr ordem neles, como diz a Santa: “Porque, o maior efeito deste humor é dominar a razão; e obscurida esta, que não farão as nossas paixões?... Mas ter de as considerar pessoas de juízo, não o tendo, e tratá-las como tal... Os que de todo estão enfermos deste mal, ... se algum meio há para os dominar, é o sentirem temor” ao castigo. E que “procurem sujeitá-las de maneira que fiquem a saber que nunca levarão a melhor”. E reitera-o: “Torno a dizer, como quem tem visto e tratado com muitas pessoas que sofrem deste mal, que não há outro remédio senão sujeitá-las por todos os meios possíveis. Se não bastarem as palavras, sejam castigos; se não bastarem pequenos, sejam grandes; se não bastar um mês de cárcere, sejam quatro, pois é o maior bem que se pode fazer às suas almas. Porque, como fica dito e torno a dizê-lo (pois importa que elas mesmas o entendam, embora uma ou outra vez não possam ter mão em si). Mas embora algumas vezes possa chegar a ser loucura, não o é sempre, e a alma expõe-se a um grande perigo porque depois, quando a razão não está tão perdida, faz o que fazia ou dizia quando não podia vencer-se. Por este perigo que aponto, é grande misericórdia de Deus que estas pessoas se sujeitem a quem as governe. Há nisto toda a vantagem para elas” (F7,3-4).
- Ao mesmo tempo que se usa a autoridade firme, há que haver compreensão com as impotências das que sofrem a melancolia, pois pode suceder que ao princípio a pessoa não tenha ainda uma vontade firme para se sujeitar àquilo que lhe mandam e, por isso, é preciso levá-las com jeito e amor, como diz a Santa: “Leve-as com jeito, com todo o amor que for preciso, mostrando-lhes, por obras e por palavras, que as estima muito para que, sendo possível, se sujeitem por amor, o que seria muito melhor” (F7,9).

- Ajudar as suas carências físicas, quando a causa da melancolia está em enfraquecimento físico, dispensando-as de jejuns e obrigando-as a comer carne, se necessário for, para que se fortaleçam: “Tenha-se cuidado de que não comam peixe senão raras vezes e de que não jejem tão continuamente como as demais” (F 7,9).
- “Ocupá-las muito em ofícios, para que não tenham lugar de dar largas à sua imaginação, pois é aqui que está todo o mal. E ainda que não sejam tão perfeitas nos trabalhos, perdoem-lhes algumas faltas para não terem de suportar-lhes outras maiores quando perdem o próprio domínio. Entendo que é este o mais eficaz dos remédios que lhes podem dar” (F 7,9).
- “Procurem também que não tenham oração prolongada, nem mesmo a do costume, porque a maioria delas tem imaginação fraca e isso prejudica-as muito. E mesmo assim lhes virão à ideia muitas coisas que nem elas, nem quem as ouve, acabam de entender” (F 7,9).
- Ajudar estas pessoas a compreender que “se chegassem a convencer-se de que tudo provém da doença e não fizessem caso, teriam grande alívio” (F 7,10).

### **Aparente contradição?**

Ao darmos conta dos remédios apresentados pela Santa, parece haver uma contraposição entre ambos os conselhos, ou seja, o uso do rigor e a brandura do amor. No entanto, não há qualquer contradição: o rigor e firmeza que se devem usar não implicam injustiça nem ofensa alguma à paciente; não há contradição na aplicação de ambos, isto é, não há contradição entre o uso do rigor e a brandura do amor, mas os dois são complementares e necessários.



### **A razão de tantos avisos**

Santa Teresa aponta duas razões:

- “A primeira, porque parecem estar de boa saúde, pois não querem reconhecer o seu mal. E como isso não as obriga a estar de cama, porque não têm febre, nem a chamar o médico, necessário é que o seja a Prioressa, pois é mal mais prejudicial para toda a perfeição do que aqueles que põem a vida em perigo e obrigam a estar de cama” (F 7,10).
- “A segunda razão é esta: com as outras enfermidades, ou saram ou morrem; desta, só por maravilha se curam e também não morrem dela, mas chegam a perder de todo o juízo, o que é morrer para matar a todas” (F 7,10).

E porque estas pessoas “passam mortais aflições interiores, imaginações e escrúpulos”, Santa Teresa mostra-se compassiva com elas, dizendo: “Tenho verdadeira compaixão destas pessoas e é justo que a tenham também todas as que com elas tratam, pensando que o Senhor lhes poderá dar o mesmo mal; e, como já disse, devem desculpá-las, sem que elas o percebam. Queira o Senhor que eu tenha acertado no que convém fazer para tratar esta tão grande enfermidade” (F 7,10).

## CAPÍTULO VIII FENÓMENOS MÍSTICOS

Neste Capítulo a Santa Madre vai tratar de certos fenômenos extraordinários que se podem dar no contexto da vida de oração. Este Capítulo revela dois aspectos:

- O contexto geral do seu tempo
- Acontecimento destas graças místicas na vida das Irmãs dos seus Carmelos

Sobre estas graças acontecidas nos seus Carmelos, diz ela: “São tantas as mercês que o Senhor faz nestas casas que, se há uma ou duas a quem Deus leve agora pela meditação, todas as outras chegam à contemplação perfeita, e algumas vão tão adiante, que chegam a arroubamentos. A outras, favorece o Senhor de modo diferente, dando-lhes, além disso, revelações e visões que claramente mostram ser de Deus; não há agora casa que não tenha uma, duas ou três destas Irmãs. Bem sei que não está nisto a santidade, nem é minha intenção louvá-las somente a elas; mas para que se entenda que não são fora de propósito os avisos que quero dar” (F 4,8).

Vamos ver como está estruturado este Capítulo:

- 1 – Ambiente de prevenção e receios contra estes fenômenos (n. 1)
- 2 – Procedências possíveis (n. 2-6):
  - de Deus
  - do demônio
  - da imaginação descontrolada
  - da melancolia
- 3 – Dois episódios clamorosos que terminaram em desatino (n. 7-8)
- 4 – Conselho final às Prioras (n. 9)

## **1 – Ambiente de prevenção e receios contra estes fenómenos**

Neste Capítulo Santa Teresa começa por dizer da pouca receptividade ou, melhor dizendo, receio, com que se julga e rejeita este tipo de fenómenos no contexto do seu tempo, como ela diz: “Há pessoas que se assustam só de ouvir falar em visões ou revelações” (F 8,1) e tem dificuldade em compreender estas reacções, como ela também afirma: “Não compreendo a razão porque têm por caminho tão perigoso o levar Deus uma alma, nem entendo donde procede este susto” (F 8,1).

Santa Teresa não se vai preocupar em dar sinais para dizer se são bons ou não estes fenómenos, mas vai apenas dar conselhos às pessoas que os tiverem e aos que as orientam, como se devem comportar face a estes fenómenos.

## **2 – Procedências possíveis**

Depois de contar o que ela própria sofreu no início da sua experiência mística, até a obrigarem a fazer figas à imagem do Senhor ressuscitado (V 29) e a intervenção e ajuda do teólogo Domingo Bañez, vai indicar as proveniências possíveis destes fenómenos, como já indicámos atrás.

*Como diferenciar de onde procedem se, muitas vezes, as descrições são aparentemente semelhantes?*

A diferença entre o fenómeno autenticamente místico e os desvarios da imaginação, ou feitos pelo demónio, ou derivados da melancolia, torna-se clara de duas maneiras:

- na humildade, ou na arrogância e presunção que os acompanham
- e nos efeitos que deixam na pessoa.

*Quando uma pessoa se apresenta dizendo que lhe acontecem tais fenómenos, que fazer para poder discerni-los?*

- Não se precipitar
- Esperar os factos no tempo (por exemplo, esperar se o que se diz, se cumpre ou não)
- Medir estes fenómenos pelo contexto moral da pessoa (como é a pessoa na relação fraterna com os outros, as suas virtudes ...)
- Submeter estes fenómenos a um confessor competente e equilibrado ou ao critério da Priora, responsável da Comunidade
- Evitar toda a publicidade, inclusivamente entre as Irmãs do próprio Carmelo
- Quem dirige a pessoa deve desvalorizar-lhe estes fenómenos, não lhe dando importância e até sufocá-los, porque se forem de Deus, eles acabarão por “dar vozes” e se darão a conhecer.

Vamos citar algumas frases da Santa Madre que ilustram muito bem o que acabámos de dizer:

- Se forem do demónio, mas se houver humildade, isto é, se a pessoa reconhecer que não é digna de tal graça, esforçando-se por servir melhor o Senhor, a pessoa sairá mais crescida nesta virtude da humildade: “Tenho para mim que Sua Majestade não lhe permitirá nem lhe dará poder para enganar uma alma com semelhantes figuras, a menos que seja por sua culpa; antes sairá enganado o tentador. Digo que não enganará, se da parte dela houver humildade, portanto não há razão para sustos. Deve, sim, confiar no Senhor e fazer pouco caso destas coisas, a não ser para mais O louvar” (F 8,2). “Pois, vendo-se tão rica quando nem sequer merecia comer as migalhas caídas (da mesa das pessoas, de quem ouvir dizer fazer-lhes Deus estas mercês, quero dizer, de nem ser digna de as servir), humilha-se e começa a esforçar-se por fazer penitência e a ter mais oração e anda mais cuidadosa de não ofender este

Senhor, de Quem julga receber esta mercê, e obedecer com mais perfeição, eu vos asseguro que o demônio não volta, antes se vai corrido sem deixar prejuízo na alma” (F 8,4).

– Se forem de Deus, mas se a pessoa não tiver humildade, colherá o efeito contrário (mesmo vindo de Deus): “Se Nosso Senhor, por Sua bondade, quer aparecer a uma alma para que mais O conheça e ame, ou para descobrir-lhe alguns dos Seus segredos, ou favorecê-la com alguns particulares regalos e mercês e ela – como já disse – em vez de confundir-se e reconhecer quão pouco a sua baixaza os merece, logo com isto se tem por santa, parecendo-lhe que esta mercê é por algum serviço feito, claro está que converte em mal, como a aranha, o bem que lhe podia advir” (F 8,4).

– Se nestas visões e revelações a pessoa receber predições do futuro, depois de tratá-lo com um confessor experimentado e com a Prioresa, far-se-á o discernimento de duas formas:

– Se se cumpre o predito, ou não

– E diz ainda a Santa como critério de discernimento: “Quando, deste modo, a alma recebe uma ordem ou uma predição do futuro, é necessário que trate disso com um confessor prudente e letrado, não fazendo nem acreditando senão o que ele disser. Pode comunicá-lo à Prioresa para que lhe dê confessor que seja assim. Tenha-se, contudo, esta norma: se não obedecer ao confessor e não se deixar guiar por ele, ou se trata de mau espírito ou de terrível melancolia. Porque, embora ele não acertasse, ela acertará sempre observando à risca o que ele diz, ainda que tivesse sido um anjo de Deus a falar-lhe. Sua Majestade dará luz ao confessor ou ordenará as coisas para que se cumpram, e assim não há perigo, ao passo que, doutro modo, pode haver muitos perigos e danos” (F 8,5).

– E, além disso, como a fraqueza do nosso natural aparece com facilidade no caminho de oração, diz ainda a Santa Madre: “Tenha-se presente que a fraqueza é natural e muito grande, sobretudo nas mulheres, e mais se mostra neste caminho de oração; e assim é preciso não pensar

logo que qualquer coisa que se nos depara na imaginação é uma visão; porque, creiam, quando o é, dá-se bem a entender. Havendo um pouco que seja de melancolia, é preciso muito maior cuidado; têm chegado ao meu conhecimento coisas acerca destas imaginações, que me deixam espantada sem compreender como é possível que tão verdadeiramente lhes pareça ver o que não vêem” (F 8,6).

- Há que esperar, portanto, pelos frutos na vida da pessoa e ao longo do tempo: “Sei de uma pessoa a quem os confessores trouxeram muito atribulada por coisas semelhantes, que depois, em vista dos grandes efeitos e boas obras que daí vieram, pôde entender que eram de Deus” (F 8,3).

### **3 – Dois episódios clamorosos que terminaram em desatino**

De seguida apresenta dois casos em que, aplicados estes princípios que a Santa acaba de enunciar, se viu claramente como não eram fenómenos provenientes do Espírito de Deus.

### **4 – Conselho final às Priorosas**

Santa Teresa ao dar-se conta de todos estes factos, aconselha então às Irmãs dos seus Carmelos e às Priorosas: “Por estas e outras coisas semelhantes, convém muito que cada Irmã dê conta clara da sua oração à Priorosa e tenha esta muito cuidado em examinar o temperamento e perfeição de cada uma, avisando o confessor para que melhor possa julgar, e o escolha competente, se o confessor ordinário não o for bastante para casos destes. Tenha-se muito em conta que, coisas destas, mesmo que sejam verdadeiramente de Deus e ainda graças reconhecidamente milagrosas, não se comuniquem aos de fora, nem a confessores que não tenham prudência para calar. Até mesmo entre si, as Irmãs não falem disso. Importa muito isso, muito mais do que poderão julgar” (F 8,9).

Sabendo ela a importância disto, deixa escrito nas próprias Constituições: “Todas as Irmãs prestem contas à Priora, todos os meses, da maneira como vão progredindo na oração (e) como Nosso Senhor as encaminha: Sua Majestade lhe dará luz, (para) que, se não vão por bom caminho, as guie, e é humildade e mortificação fazer isto e traz muito aproveitamento” (XI, 17).

E termina este Capítulo com um precioso conselho, como que em chave de ouro: “E, com prudência, a Priora mostre-se sempre mais inclinada a louvar as que se distinguem na humildade, mortificação e obediência do que as que são levadas por Deus por este caminho de oração muito sobrenatural, ainda que tenham também todas estas virtudes. Porque, se for espírito do Senhor, trará consigo humildade para gostar de ser desprezada. A ela não a prejudica, e às outras aproveita” (F 8,9).

Podemos concluir, com a ajuda da nossa Santa Madre, como não é assim tão difícil distinguir e discernir estes fenômenos: dar tempo para ver como se manifestam estas coisas, confiança em Deus, humildade, deixar-se acompanhar espiritualmente pelo confessor e pela Madre, vida de boas obras e virtudes, rica vida fraterna.

## CAPÍTULO IX MALAGÓN

Depois de apresentar os cinco Capítulos doutriniais (do IV ao VIII), Santa Teresa retoma a narração das fundações, com a fundação de Malagón. É o capítulo mais breve do livro e escreve-o à pressa, durante os últimos dias em que se encontra em Salamanca e retomará a história das fundações, estando já em Segóvia.

Poderíamos dividir assim o Capítulo:

- Evocação do Carmelo de Medina, como elo de ligação com a narração desta fundação de Malagón (n. 1)
- Dificil projecto fundacional de Malagón. (n. 2)
- Decisão sobre o modelo de pobreza para a nova fundação (n. 3-4)
- Ereção do Carmelo e dois meses de permanência nele (n. 5)

Malagón é uma vila da Província de Ciudad Real. Tinha pertencido à Ordem de Calatrava, mas no século XVI (1549) Carlos V vendeu-a ao seu secretário Árias Pardo, esposo de D. Luísa de la Cerda. Pouco tempo depois de a ter comprado faleceu, passando a propriedade para a viúva, D. Luísa.

Santa Teresa decide fazer esta fundação estando no Carmelo de Medina onde, com grande consolação, vê crescer este Carmelo, dando-se conta como o próprio Senhor dotava a Comunidade de boas vocações, que seriam alicerce das que viriam depois, como ela diz: “Achava-me, pois, em S. José de Medina del Campo, muito consolada por ver como aquelas Irmãs seguiam as pisadas das de S. José de Ávila vivendo com toda a religião, irmandade e espírito, e como Nosso Senhor ia provendo do necessário a Sua casa, quer para a Igreja, quer para as Irmãs. Foram entrando algumas noviças e parecia que o Senhor escolhia as que mais convinham para alicerces de tal edificio. Estou convencida de que, nestes princípios, está todo o bem futuro, porque as que vêm depois, vão pelo caminho que encontram” (F 9,1).



É permanecendo em Medina que trata da nova fundação à distância com D. Luísa de la Cerda, residente em Toledo e senhora de Malagón. D. Luísa insiste fortemente e Santa Teresa mostra-se muito renitente e indecisa. Será o Padre Bañez que finalmente convence Santa Teresa.

Como sabemos foi esta a senhora viúva que Teresa foi consolar em Toledo, em 1561, a pedido do Provincial, como ela narra no Livro da Vida. Foi a partir desta altura que nasceu a amizade entre a Santa e D. Luísa. Ao saber agora que Santa Teresa tinha licença para fundar mosteiros, instou com ela para que fizesse uma fundação na sua vila de Malagón (já antes, em 1562, D. Luísa, o queria ter feito, desejando um convento dos de S. Pedro de Alcântara, mas sem o conseguir), como narra Santa Teresa: “Como esta senhora soube que eu tinha licença para fundar mosteiros, começou a instar comigo para que fizesse um numa vila sua chamada Malagón. Eu não queria admitir a fundação de modo nenhum, por ser lugar tão pequeno, que forçoso seria ter rendimentos para poder manter-se. Disto era eu muito inimiga” (F 9,2).

Perante a insistência da senhora D. Luísa, Santa Teresa pede conselho: “Consultando letrados e o meu confessor, disseram-me que fazia mal porque, havendo para isso licença do Santo Concílio, não se devia deixar de fazer um mosteiro, por causa de uma opinião minha, onde tanto se podia servir ao Senhor” (F 9,3).

Continuando a senhora a insistir e oferecendo bastante renda a Santa Teresa e com o conselho de confessores e letrados, acaba por aceitar a fundação, não deixando de manifestar, no entanto, o que leva no seu espírito: “Sou sempre amiga de que os mosteiros sejam, ou de todo pobres, ou tenham de modo a que as freiras não precisem de importunar ninguém para tudo o que for necessário” (F 9,3). Portanto Santa Teresa renuncia à ideia de pobreza absoluta que tão firmemente tinha defendido ao fundar os seus dois primeiros Carmelos, acedendo assim à proposta de D. Luísa.

Depois de assinadas as escrituras, Santa Teresa mandou vir algumas Irmãs para a fundação e foram com D. Luísa para Malagón, como narra a Santa: “Como a casa ainda não estava acomodada para nós, permanecemos por mais de oito dias num aposento da fortaleza” (F 9,4). Esta fortaleza é o castelo de D. Luísa, a sua residência.

Embora a Santa não enumere na narração todos os passos, vale a pena enumerá-los:

- Sai de Medina em data incerta, talvez início de 1568
- Breve estadia em Ávila para organizar o grupo das fundadoras
- Pausa em Madrid: quinze dias nas Descalças Reais e em casa de D. Leonor de Mascarenhas, que pede a Teresa para visitar o Convento da Imagem em Alcalá
- Convive dois meses com as Carmelitas da Imagem em Alcalá
- Chega a Toledo em finais de Março
- Fazem-se as escrituras da nova fundação
- Dia 1 ou 2 de Abril chega a Malagón
- Espera oito dias no palácio de D. Luísa
- Inaugura o convento a 11 de Abril desse ano de 1568, Domingo de Ramos
- Permanece um mês e meio no Carmelo de Malagón
- Sai para Valhadolid a 17 de Maio

No dia 11 de Abril, Domingo de Ramos, como referimos antes, as Irmãs inauguram o novo convento, como narra a Santa: “No dia de Ramos de 1568, veio o povo buscar-nos em procissão. Com os véus caídos sobre o rosto e as nossas capas brancas, dirigimo-nos à Igreja do lugar, onde houve sermão. Dali foi levado o Santíssimo Sacramento ao nosso mosteiro. Isto fez muita devoção a todos” (F9,5).

No dia seguinte dá o hábito, com grande alegria, àquela que seria a futura Priora de Sevilha, Maria de S. José.

Foi ainda durante esta estadia em Malagón que, um dia, lhe disse Jesus na oração que nesta casa seria bem servido.

Ainda durante esta fundação é interessante contar um segundo episódio de carácter mais pessoal. Santa Teresa sabia que D. Luísa projectava uma viagem a terras de Andaluzia, concretamente em Fuentepiedra, em Antequera. E ansiosa como estava de submeter o seu *Livro da Vida* ao parecer do grande Mestre João de Ávila, residente em Montilla (Jaén), traz consigo o manuscrito da obra, e em Malagón entrega-o a D. Luísa, para que, em caminho, o entregue ao Mestre. E em inícios de Abril a senhora parte com a encomenda da Santa. Mas D. Luísa, ou teve dificuldades, ou pecou por preguiça no cumprimento da entrega da delicada encomenda. Santa Teresa vai escrever-lhe várias cartas, das quais só se conservam duas (n. 7 e 8, na edição espanhola), urgindo o cumprimento do seu pedido: “Eu não posso perceber por que motivo Vossa Senhoria deixou de enviar imediatamente a minha encomenda ao Mestre de Ávila. Por amor de Nosso Senhor, não faça assim, mas mande-lha quanto antes com um mensageiro (pois dizem-me que é só um dia de jornada, não mais), (...). Suplico a Vossa Senhoria que, se não lho enviou, levem-no logo, pois causou-me tal pena que parece que é o demónio metido nisto. Fiquei muito tentada com o senhor licenciado, pois o tinha avisado que o levasse quando fosse e penso que o demónio tem pena de que o veja esse santo; o motivo não o atinjo... Suplico a Vossa senhoria que o envie já e faça o que lhe pedi em Toledo; olhe que é mais importante do que possa pensar...” (*Carta 95* – edição portuguesa).

Entretanto, já em Malagón, tinha recebido ela uma breve missiva do Mestre de Ávila, desaconselhando-lhe o envio do livro, mas já era demasiado tarde, porque o manuscrito já ia a caminho. Santa Teresa não desiste e, por fim, conseguiu-lo-á, com uma magnífica resposta do ancião assessor, que falecerá logo uns meses depois.

O Carmelo de Malagón fica então erecto numa casa pobre e provisória da vila. Onze anos depois voltou Santa Teresa em 1579 para assinar o projecto e as escrituras do edifício que será feito de raiz, e para dirigir as obras do novo edifício, mais digno e duradouro. Ela própria faz questão de presidir e, em parte, dirigir as obras. No dia 8 de Dezembro de 1579, dia da Imaculada Conceição, passa a Comunidade para o novo mosteiro.

Como vemos, este acontecimento dá-se bastante tarde para inseri-lo na presente narração que ocorre em finais de 1573.

Foi em Malagón, a 9 de Fevereiro de 1570, que Santa Teresa recebeu numa visão imaginária de Nosso Senhor, alguns avisos:

“Acabando de comungar, no segundo dia da Quaresma, em S. José de Malagón, representou-se-me Nosso Senhor Jesus Cristo, em visão imaginária, como de costume. Disse-me: «que não era agora tempo de descansar, mas que me desse pressa em fazer estas casas, pois com as almas que nelas vivem tinha Ele descanso. Que tomasse conta de quantas se me oferecessem, porque havia muitas almas que, por não ter aonde, não O serviam. Que as casas que se fizessem em lugares pequenos fossem como esta, pois nelas podiam merecer o mesmo pelo desejo de fazer como nas outras. Que procurassem que todas andassem debaixo do governo do Prelado, e olhasse muito a que, por causa de mantimento corporal, não se perdesse a paz interior, pois Ele nos ajudaria a fim de que nada faltasse. Que em especial, tivessem cuidado com as enfermas, e que a prelada que não as provesse e as regalasse, era como os amigos de Job: Ele dava o açoite para bem das suas almas, e elas punham em risco a paciência. Que escrevesse a fundação dessas casas». Pensando eu como na de Medina nunca tinha achado nada para escrever sobre a fundação, disse-me: «que mais quereria eu para ver que sua fundação tinha sido milagrosa?». Quis dizer com isto que só Ele a tinha feito e, parecendo não levar nenhum caminho, eu me determinara a pô-lo por obra” (*Relação 9*).

É muito belo ver como no meio de acontecimentos tão humanos, Deus vai fazendo a Sua obra e realizando todos os Seus desígnios.

## CAPÍTULO X (1ª PARTE)

### VALHADOLID

Com este Capítulo tem início a segunda secção do *Livro das Fundações* e que se estende até ao Capítulo XIX. Escreve estes Capítulos estando em Segóvia em 1574. Nesta altura atravessa Santa Teresa um período difícil. Em Salamanca tinha preparado a supressão do Carmelo de Pastrana, por causa da princesa de Éboli e prepara para as suas monjas o acolhimento no futuro Carmelo de Segóvia. Chega a esta cidade acompanhada de um pequeno grupo de fundadoras e de Frei João da Cruz. Inaugura o Carmelo de Segóvia a 19 de Março. Vai dispor de cinco meses de sossego, permitindo-lhe escrever com calma. É aqui que continua o relato das fundações, narrando a fundação do Carmelo de Valhadolid.

Este Capítulo consta de duas partes:

1ª parte – Conta a fundação;

2ª parte – Esboça o perfil de uma jovem vocação: Cassilda de Padilla.

E podemos distribuir estas duas partes em 4 pontos:

- Projecto fundacional e morte do seu promotor (n. 1-2)
- Fundação em Rio de Olmos, fora da cidade (n. 3-5)
- Trasladação da fundação para a cidade de Valhadolid (n. 6-7)
- Pitoresca vocação de Cassilda de Padilla (n. 8-16)

A fundação de Valhadolid foi projectada durante a longa viagem de Medina para Malagón. No trajecto Medina-Madrid-Alcalá (que já tínhamos visto no Capítulo anterior), a Santa e as suas companheiras viajaram na cómoda carruagem das duas personagens que intervêm na fundação de Valhadolid: D. Bernardino de Mendoza e sua irmã D. Maria, irmãos do Bispo D. Álvaro de Mendoza. Foi durante esta viagem que D. Bernardino fez à Santa a sua proposta de fundação, que ela aceitou. Estamos em Janeiro de 1568.

Quando chegam a Alcalá, os dois irmãos Mendoza seguem viagem para Andaluzia, enquanto a Santa se dirige para Toledo e depois para Malagón, onde chega nos primeiros dias de Abril para a fundação. É aqui que a surpreende a prematura morte de D. Bernardino, acontecida em Úbeda em finais de Fevereiro, princípios de Março.

No início de Abril, Teresa recebe a Palavra do Senhor sobre a sorte da alma do falecido benfeitor, e vem à pressa para realizar a prometida fundação que, no entanto, se atrasa por causa dos compromissos que a Santa tem, precisando ela de viajar até Toledo (20 de Maio), depois a Escalona (30 de Maio), Ávila (2 de Junho), Duruelo e Medina.

Foi nesta última paragem, em Medina, que a Santa Madre impõe a Frei João da Cruz o hábito de Carmelita Descalço.

Seria agora interessante intercalar aqui a entrada de S. João da Cruz neste contexto. Em 1567, estando em Medina, Santa Teresa conhece Frei João de S. Matias, trazido à Santa, por um colega seu, Frei Pedro de Orozco. Estavam em Medina para cantar a primeira Missa. Foi aqui que se deu o primeiro encontro entre os dois Santos e Teresa conseguiu cativar João de S. Matias para a sua obra. Ele só lhe pediu que não tardasse muito.

Frei João matricula-se ainda na Universidade de Salamanca e regressa a Medina depois de terminar o ano lectivo 1567/1568. Quando o Santo chega a Medina, já Santa Teresa tinha voltado a Medina e feito a fundação de Malagón. Foi neste regresso de Malagón para Medina que Santa Teresa passou por Ávila e falou com Rafael Mejía que lhe ofereceu uma casinha de lavoura em Duruelo que ela, antes de retornar a Medina, aproveitou para visitar. Estamos em Junho de 1568.

Já de regresso a Medina, a Santa Madre encontra-se com Frei João, ao mesmo tempo que prepara a fundação de Valhadolid.

Nestes contactos que estabelece com ele, vai-o conhecendo e faz dele os mais rasgados elogios: “O Padre Frei João é uma das almas mais puras e santas que Deus suscitou na Sua Igreja. Nosso Senhor comunicou-lhe grandes riquezas

da sabedoria do céu” (declaração de Maria Evangelista, monja de Medina). E aconselha as Irmãs a confessarem-se com ele.

É nesta altura que lhe fazem o hábito e ele o prova diante de todas as Irmãs no locutório.

Como dissemos, a Santa está neste tempo a preparar a fundação de Valhadolid e a 9 de Agosto saem os dois (a Santa Madre e Frei João de S. Matias, ainda com o hábito de calçado), com uma boa comitiva de Irmãs (6 religiosas e uma jovem postulante), para Valhadolid, onde chegam no dia seguinte, 10 de Agosto, dia de S. Lourenço, como anota a Santa (n.3). Vai também com eles o Capelão de S. José, Julião de Ávila. Viajam de noite, saindo de Medina no final do dia. Frei João vai-lhes falando de Deus, da virtude e da vida de oração, durante a viagem, tornando-a assim mais agradável. Alguns anos mais tarde, algumas religiosas, recordando esta jornada, diziam que se tornou breve, ao ouvirem o jovem Carmelita a falar de Deus.

Quando a Santa chega à quinta de Rio de Olmos, a alguns quilómetros da cidade, fica aflita por ver como o lugar não era nada saudável, por causa da proximidade do rio e assim aconteceu: quase todas ficaram muito doentes, pouco tempo depois de ali se encontrarem.

Chegaram todos bastante cansados, depois da viagem feita durante a noite, mas a Madre decidiu ir ouvir Missa no Convento do Carmo, onde se encontrava o Provincial de Castela, Frei Afonso de Salazar, que juntamente com o Provincial anterior, Frei Ângelo de Salazar, deviam dar a licença para que o Padre António Herédia e Frei João de S. Matias pudessem iniciar a reforma dos religiosos em Duruelo. Com a ajuda do seu grande amigo D. Álvaro de Mendoza e sua irmã, D. Maria, conseguiu a licença.

Apesar da Santa Madre não estar muito contente com a casa, para não desanimar as Irmãs, não disse nada e pôs mãos à obra. Deus remediaria a situação como sempre fizera até agora. Mandou vir operários para acomodarem a

casa e assim “assegurar a vida de recolhimento, e ainda outras coisas necessárias” (n. 4).

Uma das razões por que a Santa Madre leva o Santo Padre consigo, era para ele aprender o espírito de família que havia entre as Irmãs para que incutisse esse mesmo espírito nos Padres.

Como não havia ainda clausura estabelecida, Frei João passa o dia com as Irmãs: participa na oração, observa as penitências, informa-se e observa tudo o que respeita a este novo estilo de vida inaugurado pela Santa Madre. Confessa as Irmãs, dirige-as espiritualmente e procede com muita liberdade e competência.

A Santa, apesar do local não ser bom para manter ali as Irmãs, ficou muito contente por poder celebrar ali a primeira Missa e assim ver libertado D. Bernardino do purgatório, como ela o diz: “Seja Ele para sempre louvado e bendito, pois assim paga com eterna vida e glória a baixaza das nossas obras, e as torna grandes, sendo de pouco valor”.

A partir deste momento entra em cena a irmã de D. Bernardino, D. Maria de Mendoza, que vê com os seus próprios olhos os inconvenientes da casa de Rio de Olmos e diligencia a trasladação da fundação para um local melhor dentro da cidade, onde as Irmãs ingressam no dia 3 de Fevereiro, dia de S. Brás, de 1569 ... “com grande procissão e devoção do povo” (F 10,7). A Santa Madre ficou muito agradecida a D. Maria que lhe arranjou uma nova casa: “Assim fez e deu-nos uma que valia muito mais. Além disso, quis dar-nos tudo o que era preciso até agora, e o fará enquanto for viva”.

Vamos entrar na segunda parte deste Capítulo, onde se narra a aventura vocacional de Cassilda de Padilla, que forma uma unidade com o Capítulo seguinte.



## CAPÍTULO X (2ªPARTE) E XI CASSILDA DE PADILLA

Este Capítulo trata da narração da vocação de Cassilda de Padilla.

Santa Teresa dedica a segunda parte do Capítulo X e todo o Capítulo XI a este tema e é a primeira vez que faz uma narração deste tipo no *Livro das Fundações*.

Santa Teresa escreve estes Capítulos quando ainda não conhece pessoalmente a Cassilda, nem os seus familiares. A vocação dela surge em finais de 1571, quando Santa Teresa era Priora na Encarnação de Ávila, e estes Capítulos são escritos em Segóvia, em 1574, quando Cassilda é postulante-noviça em Valladolid. Pensa-se que a fonte da narração da Santa Madre, da história de Cassilda, se deve a Maria Baptista, sobrinha da Santa, que era uma hábil Priora e boa cronista do convento Carmelita.

Cassilda de Padilla era filha de João de Padilla, Chefe-mor de Castela, que tinha falecido em 1563 e de D. Maria de Acuña. Tinham um filho mais velho, António, e outras duas filhas, Maria e Luísa. D. Maria era irmã do conde de Buendía, João de Acuña, que faleceu sem descendência e deixando, portanto, herdeira do título e do condado a sua irmã D. Maria.

Dos quatro irmãos da família Padilla-Acuña, o mais velho ingressa nos Jesuítas, com a idade de 17 anos. Depois a sua irmã Maria faz-se Dominicana. Em casa ficam Luísa e Cassilda, e será Luísa a acompanhar o drama vivido pela sua irmã. Destas duas, Luísa renuncia ao título de irmã mais velha, que recai sobre a última, Cassilda.

Além da família já citada, existem ainda dois tios paternos: D. Martim de Padilla, futuro e prometido esposo de Cassilda (para o efeito, isto é, para o futuro casamento de Cassilda com D. Martim, obtiveram de Roma a dispensa do parentesco entre tio e sobrinha) – e D. Pedro, Cónego da Catedral de Toledo.

Depois do fracasso do matrimónio de Cassilda com o tio, como veremos, por causa de Cassilda se fazer Carmelita, e no afã de lutar pela transmissão dos

títulos e poderes nobiliários, casam-se – enamorados ou não – D. Martim com D. Luísa, obviamente com nova dispensa vinda de Roma. Têm numerosa prole. E ao morrer D. Martim em 1602, sua esposa D. Luísa faz-se Carmelita Descalça e inclusivamente é a fundadora dos Carmelos de Talavera de la Reina e de Lerma.

Nos Capítulos X-XI do *Livro das Fundações*, Santa Teresa concentra a atenção na protagonista do episódio, Cassilda. Resumamos assim a sua história, completando o quadro:

Cassilda nasceu em Valhadolid por volta de 1560 e aos onze anos é desposada com o seu tio D. Martim de Padilla, que aspira a herdar os títulos e bens do seu irmão falecido. Mas, exactamente neste ano, surge a incontida vocação de Carmelita de Cassilda que, no dia 8 de Dezembro de 1572, trama uma primeira fuga para o Carmelo, de onde é tirada à força, com a intervenção das autoridades civis, no dia 28 de Dezembro de 1572.

Mas ela persiste na sua ideia de se fazer Carmelita Descalça e planeia uma segunda fuga, ingressando no Carmelo e tomando o hábito, apesar da sua tão pouca idade. No momento de lhe dar o dote, os seus familiares e, inclusivamente a mãe, regatearam com especial tacanhez. Interveio também o seu tio Cónego de Toledo, D. Pedro. A Santa tinha escrito numa carta à Priora de Valhadolid: “Quere-as Deus pobres honradas. Cassilda... é-o e vale mais que todos os dinheiros” (*Carta* 73). A jovem professou pouco depois, a 13 de Janeiro de 1577, aos 16 anos de idade (*Carta* 145), com o nome de Cassilda Juliana da Conceição, depois de obter de Roma a dispensa de idade. Em várias cartas dirigidas a várias pessoas, Santa Teresa apelida-a de “minha Cassilda”, “minha querida Cassilda”, “esse anjo”, “meu anjinho”, demonstrando todo o carinho que nutre por ela e a sua admiração pelas suas capacidades e virtudes. Numa carta ao Padre Graciano diz que Cassilda está contentíssima (*Carta* 145).

A Santa conhece Cassilda e convive com ela no Carmelo de Valhadolid em finais do ano de 1574, provavelmente pouco depois de ter redigido este Capítulo das *Fundações*.

No dia 2 de Janeiro do ano seguinte escreve a D. Teotónio a impressão que lhe causou Cassilda: “Eu digo a Vossa Senhoria que, nesta casa, há almas que me oferecem motivos para louvar a Deus quase continuamente. Ainda que Estefânia seja muito boa e, segundo o meu parecer, uma santa, a Irmã Cassilda da Conceição é, para mim, um assombro; na verdade, é de tal maneira, que não conheço outra (se Deus a guardar, virá a ser uma grande santa; vê-se claramente o que Deus nela realiza). Tem grande talento (para a sua idade parece impossível) e muita oração, de que o Senhor lhe fez mercê depois de vestir o hábito. Grandes o seu contentamento e humildade; é para estranhar” (*Carta 79*).

Seguem-se vários anos de vida religiosa normal no Carmelo de Valhadolid, até que acontece a grande surpresa. Os familiares de Cassilda, apesar da sua Profissão, não cessam as suas investidas e, alguns anos depois, Cassilda cede às suas pretensões e ao seu jogo. Os seus familiares trazem de Roma um Breve Pontifício, no qual se designa Abadessa do Convento de S. Bartolomeu de Franciscanas Concepcionistas da aldeia de Santa Gadea del Cid (Burgos), que é senhorio da família, concretamente do seu frustrado esposo, Martim de Padilla e de sua irmã Luísa. As coisas foram feitas tão em segredo, que Santa Teresa é apanhada em cheio pela surpresa. Escreve logo de seguida ao Padre Graciano numa carta: “Hoje trouxeram-me essa carta de Valhadolid, em que me deu um grande sobressalto a notícia; mas logo considerei que os juízos de Deus são grandes e que, enfim, ama esta Ordem... Da pobre rapariga tive muita pena... Não deve querer Sua Majestade que nos honremos com senhores da terra, mas com os pobrezinhos, como eram os apóstolos” (*Carta 408*). Entretanto, Santa Teresa fica a saber que também tiraram das Dominicanas a irmã de Cassilda, Maria, para a acompanhar e isto ocorre em princípios de Setembro de 1581. E diz a Santa Madre: “Que Ele [o Senhor] me livre destes senhores que tudo podem”. Santa Teresa diz que no caso de ela querer “voltar à Ordem [do Carmelo], penso que não nos ficará bem”. E mais tarde diz noutra carta: “Que pena me faz a pobre Cassilda... Deus esteja com ela”.

Cassilda ronda os 21 anos quando assume o cargo de Abadessa. Exerce o cargo em Santa Gadea del Cid durante oito anos, até 1589, data em que translada

o seu convento, edificado por D. Martim e D. Luísa, para a cidade de Burgos, onde continua Abadessa até à sua morte em 1618.

Cassilda apesar de Abadessa e Franciscana, nunca perdeu a sua grande veneração pela Santa Madre. A 28 de Junho de 1610 apresentou-se voluntária diante do tribunal que tramitava a causa de Beatificação de Teresa e entre várias coisas, depôs: “Esta testemunha teve tão estreito trato com a dita Santa Madre, que sendo de pouca idade a abrigava a Santa Madre e a deixava adormecer no seu regaço”. Chegou a vê-la nos altares, beatificada em 1614.

Apesar de todo o sucedido, a Santa Madre continuou a escrever o seu *Livro das Fundações* depois do abandono de Cassilda, e nem apagou, nem arrancou do caderno as páginas que contavam a sua vocação. Eliminaram-nas os primeiros editores do *Livro das Fundações*, saído da imprensa de Bruxelas, em 1610, sob a direcção do Padre Graciano. Mas em todas as edições actuais reproduz-se íntegro o relato teresiano com toda a sua ingenuidade e encanto, com as suas intrigas e episódios especiais, que podem fascinar a atenção do leitor.

A narração está cheia de emoção e profundo sentido religioso. A Santa comove-se diante do mistério da vida, da vocação religiosa, da família, dos ardis sociais e inclusivamente das servidões eclesiais. Daí as exclamações que constelam o texto, ou os momentos em que suspende o relato para se dirigir a Deus em oração intensa (Capítulo X, 9-11.14 até ao número final do Capítulo XI).

A Santa Teresa interessa-lhe transmitir ao leitor as suas convicções e a sua emoção.

## CAPÍTULO XII BEATRIZ OÑEZ

Neste Capítulo, um pouco estranho no livro, apresenta-se uma Carmelita modelo. Chama-se Beatriz Oñez, ainda pertencente à família de Cassilda, e que no Carmelo tomará o nome de Beatriz da Encarnação. Beatriz é uma das primeiras noviças do Carmelo de Valhadolid, onde toma o Hábito a 8 de Setembro de 1569, e professa no ano seguinte a 17 de Setembro de 1570. Morre três anos depois, a 5 de Maio de 1573, altura em que Santa Teresa se encontra Priora da Encarnação de Ávila. Será, mais ou menos, um ano depois da morte de Beatriz que a Santa escreverá o presente Capítulo, provavelmente em Segóvia.

O título do Capítulo não foi escrito pela Santa, mas por outra mão estranha, cujo estilo se manterá presente nos três fólios autógrafos do texto que se segue.

O relato aparece sobrecarregado de superlativos e super valorizações. Só nos primeiros números se afirma: “agradecimentos grandíssimos”, “grandíssima caridade”, “trabalhos “grandíssimos”, “terríveis enfermidades”, “gravíssimas dores”, “dores excessivas”; o *jamais*, repetido sete vezes, o *nunca*, outras tantas, ou o *nunca jamais se queixou...*, tudo isso pouco usual no estilo teresiano.

A Santa não parece ter convivido com a biografada, pois abandona o Carmelo de Valhadolid a 22 de Fevereiro de 1569 e Beatriz toma o Hábito pouco depois, a 8 de Setembro desse ano, como já dissemos. Santa Teresa serve-se de dois relatos que lhe enviam de Valhadolid, onde a Irmã Beatriz foi a primeira defunta, e cuja morte impressionou tanto as Irmãs, que transmitiram à Santa panegíricos exaltados. Ela própria desqualifica alguns deles. Escreve à Priora da casa que lhe envie outra relação, mas que “não se fie de Juliana, que as tolices e desatinos que dizia na relação de Beatriz da Encarnação [Oñez] eram intoleráveis...” (*Carta* 143).

Santa Teresa fará suas as relações que lhe enviaram e daí a sensação de que ela própria assistiu aos factos narrados: “não me recordo exactamente das palavras” (n. 3) [de Beatriz “quando levaram a queimar uns condenados”], assim como os pormenores na agonia de Beatriz: “um pouco antes das nove ... cerca de um quarto de hora antes de expirar” (n. 8). Esta forma de a Santa narrar a partir das relações enviadas, acentua o realismo da narração. Ela limitou-se a retocá-las para inseri-las no presente relato, que poderíamos resumir assim:

- Apresentação e elogio de Beatriz, sua paciência e obediência (n. 1-2)
- Episódio comovedor e decisivo dos condenados à fogueira (n. 3)
- Virtudes heróicas de Beatriz; suas enfermidades (n. 4-7)
- Sua morte e enterro (n. 8-9)
- Epílogo: projecto de escrever mais semelhanças modélicas (n. 10)

Tendo como base a biografia de Beatriz, a Santa Madre propõe no Capítulo um programa de virtudes para a leitora Carmelita: antes de tudo a humildade e a obediência; a oração pelos pobres (os condenados à fogueira são como o Pranzini de Santa Teresinha); o sentido de Deus na vida ordinária; o sofrimento calado nas enfermidades: “parecia com algumas pessoas de muita honra e brio, que antes preferem morrer de fome, que dar a saber aos estranhos o que passam” (n. 6); a normal comunicação de espírito com a Priora (“Com a Priora tratava todos os assuntos da sua vida interior, o que muito a consolava”, n. 5); o apreço das virtudes alheias... Eis o seu lema fundamental: “É incalculável o valor da mais pequenina coisa que se faça por amor de Deus” (n. 7).

Como noutros casos, a Santa tem certa complacência em exaltar diante das suas leitoras a morte ideal da Carmelita, “com uma paz muito grande” (n. 8).

## CAPÍTULO XIII DURUELO

Estamos no ano de 1568. Santa Teresa não renunciou à ideia de fundar os Frades Carmelitas Descalços. Deseja, pelo menos, poder erigir as duas casas permitidas no ano anterior pelo Padre Geral, a 10 de Agosto de 1567, ou seja, dois conventos de Religiosos Carmelitas, que partilhassem o mesmo estilo de irmandade implantado nos Carmelos femininos. Sabemos que num primeiro momento tinha sido através do Bispo de Ávila, D. Álvaro, que ela tinha feito o pedido ao Padre Geral, e que lhe foi negado. Depois voltou a insistir com ele por carta e o Padre Geral acabou por dar-lhe a sua licença, em Barcelona, antes de sair de Espanha. A ideia da Santa Madre era muito clara: “Considerando eu alguns dias depois que, se se fundassem mosteiros de monjas, precisava de Frades da mesma Regra” (F 2,5).

Neste Capítulo vamos ver os preparativos da fundação dos Frades Descalços. A Santa Madre nunca cita o nome do lugar, mas chama-lhe carinhosamente “lugarejo”, “lugarejo e casa”, “lugar”.

Poderíamos traçar assim o desenrolar do Capítulo:

- Antecedentes da fundação (n. 1)
- O local oferecido em Duruelo (n. 2-3)
- Os dois Frades fundadores (n. 4)
- A licença dos Superiores Provinciais (n. 5-6)
- Tudo, obra de Deus, Amen! (n. 7)

Os preparativos foram mínimos, mas muito importantes: a Santa Madre tinha encontrado dois Carmelitas plenamente disponíveis: Frei António de Herédia, de quase 60 anos, e Frei João, de 26 anos. Tinha “frade e meio”, comentou a Santa com as Irmãs. E faz de Frei João o mais rasgado elogio: “Quanto ao Padre Frei João da Cruz, não precisava de provas pois, embora estivesse com os do Pano (Calçados), sempre tinha feito vida de muita perfeição e religião” (F 13,1).

Já tínhamos visto anteriormente que é ela própria que vai procurar uma casinha para os Frades. O lugar encontrado para este novo estilo de vida foi oferecido por Rafael Mejía, de Ávila, que lhes cedeu uma casita de lavoura num “lugarejo pouco habitado”, que se chamava Duruelo e que ela foi visitar em finais de Junho com a Irmã Antónia do Espírito Santo (uma das quatro primitivas de S. José de Ávila) e com o Capelão Padre Julião de Ávila, como ela o narra: “Saímos de manhã mas, como não sabíamos o caminho, perdemo-nos. E, sendo o lugar pouco conhecido, ninguém sabia dar indicações precisas. Andámos todo o dia com bastante custo porque o sol era muito forte. Quando pensávamos estar perto, ainda faltava outro tanto para andar. Sempre me lembro do cansaço daquele dia e do caminho. Chegámos pouco antes de anoitecer. Quando entrámos na casa, estava de tal maneira que não nos atrevemos a ficar ali naquela noite, por causa da pouca limpeza e muita gente de Agosto. Tinha um portal razoável, uma câmara com alcova, um sótão e uma pequena cozinha. Todo o edifício era o nosso mosteiro. Pensei que do portal podia fazer-se a Igreja, o sótão servia bem para coro e a câmara para dormir” (F 13,3).

Era um projecto que mais parecia uma fantasia... Julião de Ávila cala-se, mas a Irmã Antónia mostra claramente o seu parecer: “Madre, não há, com certeza, espírito que resista, por bom que seja. Não trate disto!” (F 13,3).

Mas a Santa Madre, logo que chega a Medina, expõe o que encontrou aos dois pioneiros e os dois aceitam.

E agora vem o mais importante, de que já dissemos também alguma coisa, aquando da fundação do Carmelo de Valladolid: a Santa Madre leva consigo Frei João da Cruz para a nova fundação e, como não havia clausura, ele segue de perto toda a vida das Irmãs. A própria Santa corta e costura-lhe o novo Hábito de Carmelita Descalço que ele prova diante de todas. Informa-o do estilo de vida das Irmãs como ela diz: “acerca de toda a nossa maneira de proceder, para que levasse bem entendidas todas as coisas, tanto de mortificação como do estilo da nossa irmandade e recreação em comum, pois tudo se faz com tanta moderação e os recreios só servem para que as Irmãs aprendam a conhecer as suas faltas e tomem um certo alívio para levarem melhor o rigor da Regra. Ele era tão bom,



que mais podia eu aprender dele do que ele de mim; mas não era esta a minha intenção, apenas queria mostrar-lhe o modo de proceder das Irmãs” (F 13,5).

Tendo-se encontrado nesta altura em Valhadolid com o Provincial da Ordem actual e com o anterior, e com a intervenção do Bispo D. Álvaro e sua Irmã D. Maria, Teresa consegue a licença dos dois Provinciais para a fundação de Duruelo. Estamos em Agosto-Setembro de 1568.

Enquanto o Padre António fica em Medina a tratar de outros assuntos, Santa Teresa envia João da Cruz a Ávila, a 30 de Setembro de 1568, para ultimar os preparativos de Duruelo. Põe na sua mão uma carta de recomendação para o “cavaleiro santo”, Francisco de Salcedo, grande benfeitor da Reforma, em que faz nela o mais rasgado elogio do futuro Descalço tal como ela o vê nesse momento, e lhe pede que o ajude na sua nova tarefa de prover ao arranjo da casa para convento: “Fale Vossa Mercê a este Padre [a João da Cruz] – suplico-lho – e favoreça-o neste negócio, que sendo pequeno, entendo é grande aos olhos de Deus..., porque é prudente e próprio para o nosso modo, e assim creio que o chamou Nosso Senhor para isto. Não há frade que não diga bem dele, porque foi a sua vida de grande penitência... Torno a pedir a esmola a Vossa Mercê me fale a este Padre, e aconselhe o que lhe parecer para o seu modo de viver. Muito me animou o espírito que o Senhor lhe deu e a virtude entre tantas ocasiões, para pensar levamos bom princípio. Tem muita oração e bom entendimento. Leve-o o Senhor adiante” (*Carta de Setembro de 1568*).

E com tudo isto a fundação está em bom andamento e começo. Vai narrá-lo no Capítulo seguinte.

No final deste Capítulo, Teresa dirige-se ao Senhor, o Autor e Protagonista da empresa. Não é ela quem maneja os fios da história: “Tudo foi ordenado pelo Senhor. Só Sua Majestade podia, partindo de princípios tão humildes, elevar esta obra às alturas em que agora está. Deus seja bendito para sempre, Amen” (F 13,7). E já o tinha manifestado no início do Capítulo: “Foi Nosso Senhor servido que, depois de me ter dado o principal, isto é, os Frades para começar, deu-me também o mais que era preciso” (F 13,1).

## CAPÍTULO XIV

### DURUELO

Poderíamos dividir assim este Capítulo:

- Os dois fundadores: Frei João da Cruz e Frei António (n.1)
- A “casita” e o estilo de vida que se leva nela (n. 2-5)
- Inauguração, visita da Santa Madre, vida litúrgica na casa (n. 6-7)
- Pregação, bom exemplo, fama na comarca (n. 9-12)
- Presságio da transladação de Duruelo para Mancera (n. 10)

Depois de conseguida a licença dos dois Padres Provinciais, e com a ajuda do “cavaleiro santo”, Francisco de Salcedo, grande benfeitor, estreia Frei João a casa de Duruelo e inicia nela as obras de transformação da casinha em convento. Já vestido com o seu Hábito de Carmelita Descalço, faz de ajudante de pedreiro. Provavelmente é a ele que se deve a limpeza do portal, que é convertido em Igreja, o arranjo do sótão para o coro, a decoração da casa com cruzes e caveiras... Para Frei António ficará o varrer da porta da Igreja e o contributo dos relógios para ter “concertadas” as horas.

Realizadas as obras necessárias na casinha de Duruelo para se transformar em convento, Frei João avisa o Padre Provincial, a Santa Madre e o Padre António de Herédia.

Enquanto chegam e não chegam passam mais ou menos dois meses. Durante este tempo Frei João entrega-se ao apostolado. É nesta altura que aparece o seu irmão, Francisco de Yepes – talvez chamado por João da Cruz – que o acompanha quando sai a pregar pelos lugares circunvizinhos. Saem de manhãzinha cedo e, chegados à povoação, (pensa-se que se trata de Mancera de Arriba, que dista uma légua de Duruelo), Frei João confessa até à hora da Missa e do sermão. Terminado o seu ofício, regressam a Duruelo.

No dia 27 de Novembro chegam ao Conventinho seis Carmelitas: são o Padre Provincial Frei Alonso González, sob cuja jurisdição se encontra Duruelo;

dois sócios seus; o Padre Lucas Celis, conventual de Medina, muito doente, que vai ficar com os Descalços, à experiência, mas sem mudar o Hábito; o Irmão Frei José, ainda Diácono, e o Padre Frei António de Herédia, que renunciou ao priorado de Medina. O Provincial, como dizia a Santa Madre, “um santo velho e muito boa pessoa”, chorava de emoção diante daquele espectáculo do Conventinho cheio de cruces e caveiras. O Padre António, por sua vez, lamentava-se de Frei João se ter adiantado a vestir o Hábito de Descalço.

No dia seguinte, primeiro Domingo do Advento, 28 de Novembro de 1568, tem lugar a cerimónia muito simples, mas tão significativa. O Provincial celebrou a Santa Missa e Frei António de Herédia, Frei João de S. Matias e o Diácono Frei José aproximam-se do altar e diante do Provincial fazem a renúncia à Regra Primitiva de Santo Alberto, mitigada por Eugénio IV, que professaram até agora e prometem viver para o futuro a Regra corrigida por Inocência IV. Logo de seguida redigiu-se a acta de Fundação: “Nós, Frei António de Jesus, Frei João da Cruz e Frei José de Cristo, iniciamos hoje, 28 de Novembro, a observância da *Regra Primitiva*...” E assinaram os três, trocando o apelido pela primeira vez. O Padre Provincial, antes de partir, nomeou Superior do convento, o Padre António de Jesus.

Três meses depois os novos Carmelitas Descalços têm a sua vida totalmente organizada.

O mais importante a destacar na vida do grupo são: a alegria incontida (“um gozo interior muito grande”, o reiterado “grande contentamento”); a pobreza absoluta, como se “aqueles princípios” surgissem do nada; e uma nota muito importante: o “espírito” que se respira naquele ambiente.

Na Quaresma seguinte, finais de Fevereiro, princípios de Março de 1569, quando ia a caminho da fundação de Toledo, dirige-se a Santa Madre a Duruelo para ver com os seus próprios olhos a obra nascente.

Fica espantada com o espírito que o Senhor pôs na casinha, naquele “portalzinho de Belém, que não me parece era melhor” (n. 6), comovida com os comerciantes que choravam de emoção, convencida de que “era esta [fundação]

muito maior mercê que a que me fazia [o Senhor] em fundar casas de monjas (n. 12).

A primeira coisa que a impressionou foi ver o novo Prior a varrer a Igreja: “Estava o Padre Frei António varrendo a porta da Igreja com o rosto alegre de sempre. «Que é isto, meu Padre?» – lhe disse – «Que é feito da honra?» – «Maldigo o tempo em que a tive!», respondeu, mostrando-me assim o seu grande contentamento. Ao entrar na Igreja, fiquei espantada por ver o espírito que o Senhor ali havia posto. E não só eu, mas também dois comerciantes, meus amigos, que me acompanhavam desde Medina, que não faziam senão chorar. Tantas cruces! Tantas caveiras! Nunca mais me esquece uma cruz pequena de pau que estava junto da água-benta. Tinha pegada uma imagem de papel representando um Cristo. Parece-me que fazia mais devoção de que se fora coisa muito bem lavrada.” (F 14,6).

Nota-se em Santa Teresa a abundância de expressões como “espantar”/“espantar-se” para mostrar a sua estupefacção, o seu assombro. Teriam Frei João da Cruz e Frei António superado as suas expectativas?

Os detalhes que Teresa mais destaca “naqueles princípios” são a evocação do “portalzinho de Belém” e dos “nossos Santos Padres passados”, assim como “a Regra da Virgem Sua Mãe e Senhora nossa”; a pobreza da casa e a inesgotável alegria dos moradores; o espírito de oração e a celebração da liturgia; a extrema mortificação (“tanto rigor”, que chega a provocar o temor da Santa); a irradiação pastoral e o bom exemplo à sua volta.

Acerca deste ponto da irradiação pastoral, ou seja, a dimensão apostólica que a Santa Madre quis introduzir nos seus Carmelos e que mais tarde foi posta em causa, escreve:

“Jam pregar a muitos lugares da comarca, sem nenhuma doutrina nem de onde lhes viesse e por isso também folguei muito com a fundação daquela casa; disseram-me que não havia ali perto nenhum mosteiro, o que fazia muita pena. Em tão pouco tempo alcançaram tanto crédito, que me fez grande consolo, quando o

soube. Iam – como digo – pregar fora (à distância de légua e meia ou duas léguas, descalços e com muita neve e frio (não usavam então alpercatas, como mais tarde lhes mandaram) e, depois de terem pregado e confessado, voltavam a casa para comer. Mas tudo lhes parecia pouco, tão contentes andavam” (*F* 14,8).

De facto, sobre este ponto da dimensão apostólica introduzida no Carmelo pela Santa Madre, interessa deter-nos um pouco.

Quando em 1567 o Padre Geral, João Baptista Rubeo, dá a sua licença à Santa Madre para fundar em Castela dois conventos da Regra Carmelita não mitigada, pensa que sejam conventos de “Carmelitas contemplativos”, que “se exercitem em dizer Missas, rezar e cantar os officios divinos, realizar em horas convenientes as orações, meditações e outros exercícios espirituais”. E por sua vez, “que ajudem os próximos a quem se oferecer, vivendo segundo as constituições antigas”. No clima de reforma promovida pelos decretos Tridentinos, o Geral propõe-se recuperar a vida eremítica do Carmelo primitivo, tal como se apresentava na Regra “Primitiva”, com uma pequena margem de possível ministério pastoral. Os “contemplativos” seriam, em certo modo, um decalque da vida estritamente contemplativa instaurada em S. José de Ávila.

Mas, de facto, não foi exactamente assim. Nem Santa Teresa nem São João da Cruz entenderam em chave eremítica a vida Carmelita de Duruelo. O caso de Frei João é claro. Também ele, quando se encontra pela primeira vez com a Madre fundadora, está a acariciar o projecto de entrar na Cartuxa, aspirante à vida contemplativa. A Santa Madre convence-o a que opte pelo “estilo de irmandade e recreação” das suas Carmelitas de Ávila e Medina, mas adaptando o ideal eclesial apostólico destas às condições e possibilidades de uma Comunidade de homens sacerdotes. E, de facto, desde o primeiro momento, Frei João e Frei António, em Duruelo, longe de viver como Cartuxos, exercem o apostolado nas povoações vizinhas, como já referimos em *F* 14,8.

Rendidos à liderança da Santa Madre, renunciam de momento a elaborar estatutos próprios para a Comunidade nascente e optam por trasladar do feminino para o masculino – quase literalmente – as Constituições que ela tinha elaborado para as monjas de S. José de Ávila, com pequenas adaptações litúrgicas e deixando aberta a vida comunitária à acção pastoral.

Este aspecto é fortemente referendado pela Santa, aquando da sua visita a Duruelo, destacando na Comunidade: a pobreza, a vida de oração, a liturgia, a ascese penitencial e, muito realisticamente, o trabalho pastoral desenvolvido; ficou muito contente pelo espírito contemplativo e apostólico da Comunidade e aprova-o; ao contrário, não se solidariza nos rigores penitenciais, mas procura pôr freio aos extremos da ascese estabelecida na casa.

Por aqui podemos aperceber-nos do que era a intenção da Santa para o novo Carmelo.

A Santa Madre anota ainda a simpatia que tinham do povo e o bom exemplo que davam, e escreve: “Tinham abundância de víveres porque, dos lugares vizinhos, traziam-lhes mais do que o preciso. Vinham confessar-se com eles alguns senhores que moravam por ali e já começavam a oferecer-lhes melhores casas e sítios” (F 14,9). “Recebi ali a visita de um casal meu conhecido que vivia perto e que não acabava de falar da santidade e do grande bem que eles faziam naquelas povoações”. “Não me cansava de dar graças a Nosso Senhor com um gozo interior grandíssimo, por me parecer que via um princípio de grande proveito para a Nossa Ordem e de serviço para Nosso Senhor” (F 14,11).

E manifesta um desejo: “Praza a Sua Majestade fazê-los perseverar no caminho por onde agora vão, e o meu pensamento será bem verdadeiro” (F 14,11).

E antes de partir, Santa Teresa reúne os Padres para tratar com eles de alguns assuntos, em especial do espírito que ela deseja que se viva nestas casas: “Depois de termos tratado, os Padres e eu, de alguns assuntos, em especial – como sou fraca e ruim – roguei-lhes muito que em coisa de penitência não fossem de tanto rigor [como já referimos acima], que era demais. Tinha-me custado tantos desejos e orações que me desse o Senhor quem começasse e estava vendo tão bom princípio, que temia que, o demónio procurasse dar cabo deles antes que se efectuasse o que eu esperava. Como eu era imperfeita e de pouca fé, não via que, sendo obra de Deus, Sua Majestade a levaria por diante. Eles, como tinham o que me faltava a mim, fizeram pouco caso das minhas palavras e não abandonaram as

penitências. E assim me retirei com grandíssimo consolo, embora incapaz de dar a Deus os louvores que merecia tão grande mercê” (F 14,12).

E termina, dizendo: “[a fundação] tinha-me custado tantos desejos e orações [para] que me desse o Senhor quem começasse”. Tudo era “obra de Deus, Sua Majestade a levaria por diante”. E de novo o louvor ao Senhor: “pelos muitíssimos bens que Lhe devo, ámen” (F 14,12).

Como já tínhamos enunciado, a trasladação para Mancera deu-se a 11 de Junho de 1570. Duruelo tinha sobrevivido um ano e meio.

## CAPÍTULO XV

### TOLEDO

A Santa costumava chamar ao Carmelo de Toledo, em tom coloquial e humorístico, e com dois sentidos: “a quinta”, ou melhor, a “sua quinta”: quinta fundação/quinta de descanso.

Foi uma das suas fundações mais acidentadas, mais embrulhadas no tecido das classes sociais e preconceitos inveterados na Espanha do seu tempo. Em 1569, Toledo era uma das cidades mais populosas de Espanha, com cerca de 70 000 habitantes. Era famosa pela co-habitação de judeus, muçulmanos e cristãos.

Poderíamos articular o relato do Capítulo em três tempos:

- Primeiro projecto de fundação e seu fracasso, apesar de Teresa obter a dupla licença, civil e eclesiástica (n. 1-5)
- Segundo projecto: aluguer da casa com a ajuda do jovem Andrada. Fundação. Forte oposição do Conselho diocesano (n. 6-14)
- Retoma-se o primeiro projecto. Fundação definitiva (n. 15-17)

Teresa já conhecia a cidade de Toledo desde 1562, quando residiu no palácio de D. Luísa de la Cerda. Entre os seus bons amigos encontrava-se esta dama, os Carmelitas, os Padres Jesuítas da cidade e algum outro letrado. Foi um Padre Jesuíta que sugeriu a fundação, o famoso Padre Paulo Hernández, o mesmo que no epistolário Teresiano reaparecerá com o sobrenome de “Pai eterno”, pela eficácia das suas gestões na Corte de Madrid.

A fundação inicia-se com o diálogo à distância entre a Madre Teresa (em Valhadolid), e Martim Ramírez e o Padre Paulo Hernández (em Toledo). Logo de seguida dá-se o falecimento do primeiro, a 31 de Outubro de 1568, e Teresa desloca-se a Toledo, para dialogar com os familiares. Foram constituídos como garantes da fundação os herdeiros do toledano Martim Ramírez: o irmão deste, Alonso Alvarez Ramírez, e Diego Ortíz, “muito bom e teólogo” segundo



a Santa, mas tenaz em “pedir muitas condições que eu não me parecia convinha outorgar” (*F 15,4*). Foi aqui que se começaram a enredar os fios nas mãos da Fundadora. Os Ramírez eram ricos mercadores, mas sem o estilo da nobreza. Mas eram tão exigentes nas suas propostas, que nem conseguem licença, nem casa para fundar, nem se entendem com a Santa, de modo que o “concerto” inicial termina em claro “desconcerto”. Foram muitos os que desaprovaram este projecto de fundação, patrocinada por uns mercadores sem linhagem, nem fidalgos, nem cavalheiros. Também muito bem acolhida pela sua amiga D. Luísa, logo esta a abandona em pobreza total e dias difíceis, como veremos a seguir. Vem em sua ajuda um pobre, o jovem Alonso de Andrada, que lhe traz a oferta de uma humilde casinha alugada.

Neste momento a Diocese carecia de Pastor, após a detenção do Arcebispo Carranza, havia dez anos, pela Inquisição, em 1559 e sua transladação para Roma por exigência de Pio V. Os meses passavam sem que o Governador suplente, D. Gómez Tello de Girón, outorgasse a indispensável licença de fundação. Santa Teresa suportava facilmente as inclemências da pobreza, mas não as injustificadas dilações deste homem, que vieram a originar um clima de fortes tensões. Cansada de esperar, a Santa enfrenta pessoalmente o Governador eclesiástico da Diocese. E conta ela: “Assim, determinei-me a ir falar com o Governador. Fui-me a uma Igreja que fica junto da sua casa e mandei suplicar-lhe que houvesse por bem atender-me. Havia já mais de dois meses que se procurava conseguir a licença e cada dia era pior. Vendo-me na sua presença, disse-lhe que era duro ver mulheres desejosas de viver com rigor, perfeição e clausura, impedidas em tanto serviço do Senhor por pessoas que, não fazendo nada disso, passavam a vida regaladamente. Disse-lhe estas e muitas outras coisas com a grande determinação que o Senhor me infundia, ao mesmo tempo que lhe movia o coração de tal maneira que, antes de me despedir, deu-me a licença” (*F 15,5*). “Fui-me embora contentíssima e parecia-me ter já tudo, não tendo nada”.

Consegui a licença oralmente e negociou com o pobrezinho Andrada o aluguer da casa, graças a um fiador amigo, Alonso de Ávila. E erige-se a fundação em suma pobreza, com apenas três monjas (Santa Teresa, Isabel de S. Paulo e Isabel de S. Domingos), sem o apoio de D. Luísa, em cujo palácio se tinham

hospedado, já que esta também pertence ao grupo dos que apreciam o ser de nobre linhagem. E ainda faz frente aos senhores do Conselho Diocesano, que “se põem muito bravos”, ameaçam com “fazer e acontecer” e enviam às monjas “uma excomunhão para que não se dissesse Missa até que [Teresa] mostrasse a licença com que se tinha fundado” (n. 12).

Depois serão ainda os mercadores que vêm também contra ela. Fazem à Santa propostas mais aceitáveis, apesar de continuarem os rumores da classe que se julga importante: “Eram muitas as pessoas a quem parecia mal e diziam-mo” (F 15,5). Teresa também fica perplexa no meio de tudo isto, apesar de, como ela diz: “Eu sempre estimei mais a virtude que a linhagem. Mas tinham ido com tantos ditos ao Governador, que ele só me deu a licença com a condição de que fundasse como em outras partes” (F 15,5).

É neste momento que intervém a voz interior do Senhor: “O Senhor quis dar-me luz para este caso e, numa ocasião, disse-me como valem pouco, perante o juízo de Deus, essas linhagens e senhorios, e repreendeu-me severamente por dar ouvidos aos que me falavam em coisas impróprias para nós que desprezamos o mundo”. A este episódio refere-se ela mais detalhadamente na *Relação 8*: “Estando eu no Mosteiro de Toledo e aconselhando-me alguns que não concedesse o direito de ser nele enterrada a quem não fosse cavalheiro, disse-me o Senhor: «Muito desatinarás, filha, se olhares às leis do mundo. Põe os olhos em Mim, pobre e desprezado por ele. Porventura serão os grandes do mundo, grandes diante de Mim? Ou haveis vós de ser estimadas pela linhagem, ou pelas virtudes?»».

Todos os seus haveres, para começar a fundação, eram três ou quatro ducados, com que comprou duas estampas em tela (porque não tinha imagens para pôr no altar), e assim, da forma mais aventureira e humilde, fica erigido o Carmelo de Toledo. E diz a Santa Madre: “Passámos alguns dias só com os enxergões e a manta. Outra roupa não tínhamos e, naquele dia, nem um graveto havia para assar uma sardinha” (F 15,3).

Era o dia 14 de Maio de 1569. Tinha chegado a Toledo a 24 de Março. Depois da fundação ficará ainda duas semanas até que os mensageiros da Princesa de Éboli se apresentam de surpresa a reclamar a sua presença em Pastrana. Saiu de Toledo a 30 de Maio desse ano. As Irmãs ficarão na casa alugada até Maio

de 1570, data em que mudarão para a nova casa, após os negócios feitos com a família Ramírez.

O Carmelo de Toledo deixou-lhe recordações importantes. A primeira, umas palavras do Senhor, que ela narrará na *Relação* 8, como já vimos. Outra recordação será a morte feliz de uma das Irmãs da casa, Petronila de S. André, que contará no Capítulo seguinte. Para Santa Teresa, o Carmelo de Toledo será daí em diante refúgio e casa de repouso (a sua “quinta”, dirá ela), passagem obrigatória nas suas viagens em Castela e Andaluzia.

Em Toledo escreverá a primeira parte do seu *Castelo interior*, o *Modo de Visitar os Conventos*, numerosos Capítulos das *Fundações* e inúmeras *Cartas*.

## CAPÍTULO XVI MODELOS DE VIRTUDE

Mais uma vez a Santa Madre interrompe a narração para referir simples exemplos de virtude praticados “naqueles princípios”. E vai explicitar esta sua intenção ao começo e ao final do Capítulo, referindo que escreve “para que as que vierem procurem sempre imitar estes bons princípios” (n. 1). E no final do Capítulo diz: E “para que Nosso Senhor nos faça a mercê que nos prometeu” de termos uma morte serena e esperançada, como as aqui referidas.

O traçado do texto segue simplesmente a enumeração de exemplos e virtudes, como veremos:

- O caso da Irmã Ana da Mãe de Deus ao entrar no Carmelo de Toledo (n. 1-2)
- Mortificação e obediência nesse mesmo Carmelo (n. 3)
- Duas mortes exemplares e a promessa do Senhor, por ocasião da primeira (n. 4-7)

A Santa Madre vai então referir vários exemplos de virtude acontecidos nos seus Carmelos e deixa a memória de alguns “para que se louve Nosso Senhor nas suas servas”. Em primeiro lugar recorda e admira o desprendimento e a total entrega dos seus bens por parte de uma Noviça, ainda antes da sua Profissão, a exemplo dos cristãos da Igreja primitiva. Trata-se de Ana da Mãe de Deus. A Irmã Ana da Mãe de Deus nasceu em Toledo em 1529. Era filha de Pedro González de las Cuevas e de Maria Alvarez. Pouco depois de casar, ficou viúva, aos vinte e um anos. Conheceu a Santa no palácio de D. Luísa de la Cerda (1562). Ao fundar em Toledo, Ana apresentou-se à Santa Madre, disposta a entregar todos os seus haveres. Tinha quarenta anos. Diz a Santa Madre: “Tinha gasto toda a sua vida no serviço de Sua Majestade... antes de professar, deu todos os seus bens, pois era muito rica, como esmola para o convento” (F 16,1-2). Professou no Carmelo de Toledo a 15 de Novembro de 1570 e tinha feito a renúncia formal de todos os seus bens diante do notário a 22 de Maio de 1570. Ao adoecer a Priora de

Malagón (Brianda), Ana substituiu-a como Presidente interina da Comunidade (em 1577). Ela própria tinha estado gravemente enferma como se pode ler numa carta ao Padre Graciano de 19 de Novembro de 1577. Numa Carta a Ana de Santo Alberto, a 2 de Julho 1577, escreve a Santa Madre: “A Presidente de Malagón chama-se Ana da Mãe de Deus, e é muito boa religiosa e desempenha muito bem o seu ofício sem sair um ponto das Constituições”. Mas sucedem-se graves dificuldades dentro da Comunidade e com o inexperiente Capelão da mesma. A Santa não a retirou do cargo, como se refere numa carta ao Padre Graciano. Em 1585, Ana da Mãe de Deus acompanha a Madre Ana dos Anjos à fundação de Cuerva, onde vem a falecer a 2 de Novembro de 1610. Ainda chega a depor para o processo de Canonização da Santa Madre a 9 de Dezembro de 1595, em Cuerva.

Segunda parte deste Capítulo a Santa Madre faz o louvor da obediência e confirma-a com vários episódios concretos. O tema da obediência é muito recorrente no livro logo desde as primeiras páginas. É uma virtude “de quem eu sou muito devota”, escreve no Capítulo I, depois de dizer no Prólogo de que “a obediência dá forças”. Dedicar-lhe extensas recomendações nos Capítulos V e VI, e novamente no Capítulo XVIII. De si própria dá o testemunho que no mais alto nível de vida espiritual, a obediência prima no discernimento das suas experiências místicas. Testemunhá-lo-á quando narrar a fundação do Carmelo de Sevilha no Capítulo XXIV.

Neste episódio concreto que tratamos, insiste, sobretudo, na prudência e no discernimento, por parte de superiores e súbditas, para não se dar lugar a possíveis excentricidades.

E, finalmente, recorda com gozo, o episódio da primeira monja falecida no Carmelo de Toledo, que ela testemunhou: “Aconteceu estando aí” (n. 4). Trata-se da Irmã Petronila de Santo André. Era também de Toledo, e era filha do camareiro João de Robles e de D. Beatriz de Castro. Professou no Carmelo de Toledo a 23 de Março de 1571. Ficou célebre na biografia da Santa por dois motivos principais: porque sendo ainda Noviça renunciou também a todos os seus bens (106 000 maravedis e outros bens imóveis), a favor da Santa, em 29 de Maio de 1570 e, em segundo lugar, por ter tido em 1576 uma santa morte, refe-

rida com emoção pela Santa Madre. É nesta ocasião que Santa Teresa recebe do Senhor a maravilhosa promessa de “que todas as freiras que morressem nestes mosteiros, seriam assim amparadas por Ele”, enquanto ela O contemplava à cabeceira da moribunda com “os braços um pouco abertos como que a ampará-la”. É talvez o quadro mais belo de todo o livro: “Aconteceu ter adoecido gravemente uma irmã, estando eu nesta mesma casa. Recebidos os Sacramentos e depois da Santa Unção, era tanta a sua alegria e contentamento que, como se fora a outra terra, se lhe podia pedir que no Céu nos recomendasse a Deus e aos Santos da nossa devoção. Pouco antes de expirar, fui junto dela, depois de ter estado diante do Santíssimo Sacramento a suplicar ao Senhor que lhe desse uma boa morte; e, quando entrei, vi Sua Majestade a meio da cabeceira da cama. Tinha os braços um pouco abertos como que a ampará-la e disse-me que tivesse a certeza de que todas as freiras que morressem nestes mosteiros, seriam assim amparadas por Ele e que não tivessem medo de tentações à hora da morte. Fiquei muitíssimo consolada e recolhida. Daí a uns instantes, aproximei-me da irmã para lhe falar e então disse-me: «Ó Madre, que grandes coisas hei-de ver!» E morreu como um anjo” (F 16,3-4).

De facto, a morte tem para Santa Teresa uma transcendência mística e ela concede-lhe excepcional importância na vida de Comunidade e no caso pessoal de cada Religiosa. E conclui o episódio dizendo: “Espero, pois, na bondade de Deus que nos há-de fazer nisto mercê pelos méritos de Seu Filho e de Sua gloriosa Mãe, cujo Hábito trazemos. Por isso, filhas minhas, esforcemo-nos por ser verdadeiras Carmelitas, que depressa acabará a jornada. Se entendêssemos a aflição que muitos têm naquela hora e as subtilezas e enganamentos com que o demônio as tenta, teríamos em muito esta mercê” (F 16,5).

E, para ilustrar o que acaba de dizer, refere o episódio do homem que se deixou enganar pelo demônio, como aviso e advertência de todo o cuidado que havemos de colocar em sermos verdadeiras Carmelitas. E termina, dizendo: “Praza a Nosso Senhor, Irmãs, que vivamos como verdadeiras filhas da Virgem e nos conformemos com a nossa Profissão, para que Nosso Senhor nos faça a mercê que nos prometeu. Amen!” (F 16,7).

## CAPÍTULO XVII PASTRANA

Este Capítulo apresenta uma série de episódios dramáticos, com desenlace um tanto épico. Narra-se neste Capítulo o encontro da Santa com D. Ana de Mendoza, Princesa de Éboli, por ocasião, das duas fundações ocorridas no seu feudo de Pastrana. Começa de surpresa e de forma serena, com uma escalada de acontecimentos gozosos em Madrid, e agrídoces em Pastrana. Um longo percurso: de Toledo a Madrid, daí a Pastrana (a uns 100 quilómetros), e dois meses depois, regressa de Pastrana a Toledo.

Podemos dividir o Capítulo em cinco partes:

- Surpresa em Toledo pela mensagem da Princesa de Éboli, e a decisão da Santa (n. 1-4) – Viagem desta a Pastrana, com paragem em Madrid, onde conhece dois eremitães italianos
- Perfil de um deles, Padre Mariano Azzaro (n. 7-9)
- Díficeis trâmites da fundação em Pastrana (n. 10-13)
- Por fim, erecção das duas fundações (n. 14-17)

Pastrana era uma próspera vila da Alcarria (Guadalajara), com uma população de cerca de 5 000 habitantes. Desde Março de 1559 tornou-se senhorio de Ruy Gómez de Silva (1516-1573). Ruy Gómez é português, está ao serviço de Filipe II, o qual, em 1559, lhe confere o título de Príncipe de Éboli tornando-se, como já referimos, senhor de Pastrana. Em 1552, desposou D. Ana de Mendoza y de la Cerda, quando ela tinha doze anos, que assim passou a ser Princesa de Éboli. Em 1559, uniram-se em matrimónio e tiveram dez filhos, seis dos quais sobreviveram. A Princesa era, por sua vez, prima de D. Luísa de la Cerda, com quem tenta rivalizar, com a fundação de um Carmelo mais rigoroso que o recém-fundado em Malagón.

Já antes o tinha tratado com a Santa, como ela o narra: “Havia muito que estava tratado entre ela e eu”, mas agora (em Junho de 1569), apenas erecto o

Carmelo de Toledo, D. Ana surpreende imperativamente a Santa enviando-lhe um mensageiro e a sua própria carruagem, em 28 de Maio de 1569, para que empreenda a deslocação a Pastrana, de que maneira for.

A Santa vê a inoportunidade da viagem e resiste. Mas depois, na oração, e assessorada pelo seu confessor, aceita. Em dois dias, a 30 de Maio, inicia a jornada. Passa por Madrid, onde fica oito a dez dias hospedada pela Senhora D. Leonor de Mascarenhas. Em sua casa conversa com os dois eremitães italianos, Mariano Azzaro e João Narduch (que no Carmelo se chamará Frei João da Miséria), os quais convence a que vivam vida de eremitas, mas segundo a Regra do Carmelo. Pouco depois, também estes seguem de viagem até Pastrana.

Quando chega a Pastrana fica alojada no palácio da Princesa, onde tem que enfrentar os primeiros caprichos desta, que se mantém inamovível, de sorte que a Santa renuncia à fundação do novo Carmelo. Mas graças à intervenção de Ruy Gómez, a Princesa renuncia aos seus caprichos impositivos e chega-se à erecção das duas fundações: a das monjas, em 23 de Junho, e a dos Padres no mês seguinte, em 13 de Julho de 1569. Depois de conseguir a licença dos dois Provinciais Carmelitas (como no caso de Duruelo), a própria Teresa prepara os Hábitos Carmelitas para os dois postulantes italianos, que sob a direcção do Padre António, vindo de Mancera, põem em andamento o segundo convento de Descalços.

Passada uma breve temporada, a Santa regressa a Toledo, a 21 de Julho de 1569, de onde envia como Priora para Carmelo de Pastrana uma das suas monjas mais inteligentes, Isabel de S. Domingos. Quando as coisas parecem ter serenado, surgem os dois maiores contratempos:

O primeiro foi que, sem se esperar, Ruy Gómez falece pouco tempo depois, em 29 de Julho de 1573, deixando a sua esposa D. Ana, ainda jovem, viúva. Esta, num dos seus típicos golpes de cena, instala-se no Carmelo de Pastrana, em 31 de Julho de 1573, como mais uma monja, mas sem deixar de ser Princesa, com séquito, vestido e relações principescas, que tornam impossível



a vida num Carmelo Teresiano. Como consequência de tudo isto, a Princesa é forçada a regressar ao seu palácio, sem que cessem as suas intromissões no Carmelo, e a Santa, face a estas dificuldades, decide a retirada da Comunidade: apressa-se a fundar o Carmelo de Segóvia e, em plena noite, a 1 de Julho de 1574 as suas monjas abandonam definitivamente o edifício de Pastrana em mãos da Princesa, agora furibunda.

O segundo contratempo foi a vingança da Princesa, e esta foi mais adversa que a pequena epopeia da fuga de Pastrana. Exactamente antes de Teresa empreender a viagem a Pastrana, D. Luísa de la Cerda, prima da Princesa e amiga da Santa, tinha regressado de Andaluzia trazendo nas próprias mãos o *Livro da Vida*, revisto e aprovado pelo Mestre João de Ávila. Em Toledo entrega-o à Santa, que prefere não o deixar nas mãos de ninguém, e leva-o consigo para Pastrana, pensando talvez no rápido regresso a Ávila. A Princesa tem conhecimento disto e quando encontra a Madre, insiste em ler o manuscrito. Diante da resistência da Santa, interpõe-se a mediação autorizada de D. Ruy Gómez, prometendo-lhe ambos reserva absoluta. Santa Teresa acede ao pedido. Mas bem depressa se dá conta que o seu livro passa de mão em mão entre as criadas da Princesa, e é objecto de risos e chacotas. A Santa recupera-o, mas o mal estava feito. Estamos em 1568. E agora, ao quebrarem-se as boas relações entre ambas, o livro é denunciado pela Princesa de Éboli à Inquisição, que no ano seguinte (em 1575), o sequestra e o retém na prisão indefinidamente. Enquanto escreve as páginas deste Capítulo, a Santa ainda não sabe deste acontecimento. Sabê-lo-á pouco depois, enquanto instaura o Carmelo de Beas em Andaluzia.

O que é mais notável em todo o episódio é o tom submisso do relato e o respeito pela intrigante Princesa-fundadora, com quem a Santa manterá, durante toda a sua vida, relações cortesês e de suma deferência.

## CAPÍTULO XVIII

### AVISOS ÀS PRIORESAS

Neste Capítulo vai Santa Teresa interromper a narração da fundação de Salamanca para dar alguns avisos às Pioresas: “Oferecem-se-me agora algumas coisas sobre isto de mortificação” (F 18,6). “Por conseguinte, filhas (falo às Pioresas), perdoai-me, mas as coisas que tenho visto em algumas de vós, me obrigam a ser tão extensa nisto” (F 18,7).

Depois do que Teresa nos diz nos números 1 a 5 das suas viagens de fundadora, dedica o resto do Capítulo a dar avisos importantes às Pioresas. Podemos dizer que se tratam de pequenas partículas da pedagogia conventual da Santa Madre e em nenhum dos escritos da Santa insistirá tanto em dar conselhos específicos às Pioresas, como neste *Livro das Fundações*.

Neste Capítulo, a partir do número 6, dará os seguintes conselhos:

#### **1 – Discrição e suavidade**

Antes de tudo, aconselha discrição e suavidade na relação com as súbditas: “Não pense a Pioresa que conhece logo as almas; deixe, pois, isso para Deus que é só Ele que o pode entender. Antes procure levar cada uma por onde Sua Majestade a leva, conquanto não falte à obediência nem à Regra e Constituições” (F 18,9). “A Pioresa deve cuidar de não a aperfeiçoar [a Irmã] à força, mas dissimule e vá com vagar, até que o Senhor actue sobre ela” (F 18,10). Aconselha a ter paciência com o ritmo de cada Irmã e nunca impor os arrebatos do próprio fervor. E a ter também em atenção a medida a usar, nunca mandando a nenhuma o que seria áspero para si, ou seja, que não fosse capaz de cumprir. Mas o que ela recomenda vivamente, e é de grande exigência, é o conselho que não se cansa de repetir: “Preferia que cumprissem a Regra, o que já de si pede muito, e que, no restante, fossem com suavidade” (F 18,7).

Conclui Santa Teresa que conhecer a fundo a alma de cada Irmã, não é tarefa de um dia. E, por isso, não se cansa de repetir o seu duplo preceito no trato humano: “suavidade e discrição”.

## **2 – A obediência**

Tudo o que se relacione com a obediência é, para a Santa, de capital importância, como ela diz: “Eu antes folgo que vão um tanto além nesta matéria de obediência, porque tenho particular devoção a esta virtude e, por isso, tenho feito quanto posso para que a adquiram” (*F 18,13*).

Para Santa Teresa não há desenvolvimento da vida contemplativa se falta a obediência. A obediência fala de acolhimento da vontade de Deus, para levar até ao fim uma missão. É docilidade, disponibilidade de fundo à vontade do outro mais do que à própria, que traduz desapego e despojamento interior. Quem não obedece está carente de todas estas virtudes e não progredirá na vida contemplativa. A obediência é a expressão da fé que ajuda a descobrir a presença de Deus em todas as coisas, e em todos os acontecimentos.

Para Santa Teresa, a Madre não existe para mandar ou impor. Ensina a Priora que deve promover a vida e ajudar a secundar a vontade de Deus. Nunca deve esquecer que não é mais obediente a que sempre diz *ámen* a tudo o que se indica ou determina, mas a que oferece a própria vontade, porque descobriu que está a de Deus pelo meio. Obedecem as pessoas adultas, maduras, libertas de si mesmas e de coacções ou temores, não as infantilizadas. A Priora há-de sempre ajudar a pessoa a ser responsável, livre e confiante. Sempre que se trata de obediência, impõe-se sempre criar relação. Sem relação, a obediência perde-se ou dificulta-se.

Tudo isto a Santa Madre deixa sintetizado numa só frase, que resume todo um programa de actuação entre o animador da Comunidade, exercendo a autoridade, e os Irmãos e Irmãs que a formam. A Priora de um convento de Carmelitas Descalças é, antes de tudo, mãe: “Procure ser amada, para ser obedecida”. Sem o amor, a dependência filial não existe. A confiança recíproca perde-

-se. A relação será de mera aparência. A liberdade, que distingue toda a pessoa obediente, será coagida. A responsabilidade diminui. O amor oferecido para facilitar a obediência, pelo contrário, aproxima, faz que o religioso amadureça e aja como pessoa adulta.

Teresa queria nos seus mosteiros monjas obedientes, isto é: libertas de si mesmas, de profunda vida de fé, para não se ficarem em razões humanas, livres de temores, capazes de descobrir a vontade de Deus através das mediações humanas. A monja obediente é vista por ela em contínuo crescimento, em caminho para a santidade. A obediência deve viver-se “criativamente”, isto é, tudo o que signifique passividade ou falta de responsabilidade é um contra-sentido.

### **3 – Respeito pela diversidade de caminhos**

Deus conduz cada pessoa de forma diferente: “Enfim, o Senhor tem caminhos diversos. Mas as Priorosas devem advertir que não estão no cargo para escolherem caminho a seu gosto, mas para conduzirem as Irmãs segundo a Regra e as Constituições, apesar das repugnâncias e desejos naturais [das Irmãs]” (F 18,6).

### **4 – Moderação nas mortificações**

A Santa Madre, em matéria de mortificação, aconselha sempre a moderação: “Isto de mortificação não é de obrigação; atendam bem a isto antes de tudo. Embora seja muito necessário para que a alma se liberte e se eleve na perfeição” (F 18, 8). Numa carta à sua Priorosa preferida, Madre Maria de S. José, a propósito de certos rigores introduzidos no Carmelo de Malagón, escreve. “Não leve com rigor as monjas, que não são escravas, nem a mortificação há-de ser senão para aproveitar” (Carta 148). Santa Teresa não é amiga de inovações, mas prefere a ordem estabelecida pela Regra e Constituições.

## 5 – Respeito pela capacidade de cada Irmã

Santa Teresa recomenda nunca impor a uma Irmã um peso que, previsivelmente, exceda as suas forças psicológicas ou físicas: seria como um “menino carregado com duas fangas de trigo; não só não as levará, mas até ficará aniquilado e caído por terra” (F 18,10).

Todos estes **sábios conselhos dados às Priorosas**, poderiam ser sintetizados em **três critérios Teresianos** a ter em conta:

- 1 – *Pedagógico*: Adaptar-se às exigências da súbdita, para que o exercício da obediência produza o desenvolvimento teológico daquela que obedece;
- 2 – *Humano*: não levar a obediência à força de braços;
- 3 – *Humanismo Teresiano*: baseado no amor, ajudando a construir uma vida de amizade com Deus e de fraternidade entre todos os membros da Comunidade.

Para o discernimento vocacional e de avaliação do caminho feito, mesmo já sendo professoras, estes três critérios, juntamente com as cinco grandes virtudes Teresianas (amor de umas para com as outras, desapego, humildade, determinada determinação, afabilidade no trato) são extremamente valiosos.

### Resumindo

Podemos concluir que a pedagogia da Santa está assente nalguns princípios que se poderiam resumir em não ter pressa, dando tempo ao tempo, recorrendo a história de S. Córdula: “Das onze mil virgens, aquela que se escondeu, não deixou de ser santa e mártir”, apesar de ser a última que chegou ao martírio (F 18,9). Insiste sempre no “essencial” da Regra e das Constituições, que para todas ditam a norma, e aqui há-de estar toda a exigência; e opõe-se a sobrecarregar a vida de práticas e prescrições.

Mais tarde, a própria Maria de S. José, deixará às Priorosas um conjunto de conselhos que condensam o pensamento da Santa Madre: “(...) Governar um alma é governar um mundo. Pois se para governar um mundo seriam necessárias todas as ciências (o que obriga a partilhar o governo dos reinos entre muitos, dos quais uns atendem aos negócios de paz, outros aos de guerra), que dificuldades não passará um Prelado que, governando muitas almas, é como o governador de muitos mundos, onde se há negócios de paz, também os há de guerra espinhosíssimos, e tanto mais importantes quanto neles se trata da conquista ou perda de um grande reino? (*“Avisos e máximas para governar religiosas”*). Esta meia centena de “Máximas” são consideradas a melhor síntese do pensamento Teresiano sobre a arte de ser Priorosa num Carmelo. É o legado da Santa transmitido por uma das suas herdeiras.

Estes episódios concretos narrados pela Santa confirmam os conselhos e normas e reflectem o clima de fervor mantido naqueles primeiros Carmelos. Estes avisos e episódios oferecem uma imagem do estilo de vida instaurado por Santa Teresa nos seus conventos.

## CAPÍTULO XIX SALAMANCA

Esta fundação da Salamanca é, na opinião da Santa, a mais trabalhosa de todas as que realizou até este momento. E afirma-o ao concluir o relato: “O que sei é que, em nenhum destes mosteiros que o Senhor agora tem fundado da Regra Primitiva, as freiras têm passado coisa igual ou semelhante” (F 19,12).

Tinha começado a narração nos primeiros números do Capítulo anterior, interrompida logo pelo longo parêntesis de avisos às Priorosas. Ao retomá-la agora, é consciente disto e começa reconhecendo-o: “Muito me tenho desviado do que ia dizendo” (F 19,1), mas sem se desdizer. E imediatamente retoma o relato no dia da sua chegada a Salamanca, “véspera de Todos os Santos”, no ano de 1570.

O Capítulo desenvolve-se em dois tempos, duas sucessivas tentativas de fundação: o primeiro, nesse ano de 1570. O segundo, três anos depois.

É uma narração simples em duas secções:

– *Primeira tentativa*

\* Busca de um local, a casa grande dos estudantes (n. 2-3)

\* Instalação na noite de defuntos (n. 4-5)

– *Segunda tentativa*: nova busca de casa (n. 6-7)

\* Trasladação, e inauguração do novo edifício (n. 8-10)

\* Dificuldades sem fim com o vendedor (n. 11-12)

Na primeira parte do relato, a Santa conta, quase de forma burlesca, o episódio da noite de defuntos na casa desfeita dos estudantes; mas o que mais impressiona é a pobreza daqueles começos: um pouco de palha e “dois cobertores que pedimos emprestados” (F 19,4) eram todo o enxoval. E teve duas ajudas

simpáticas: as monjas de Santa Isabel e os desvelos de um amigo comerciante, Nicolau Gutiérrez, que Teresa conhecia desde a Encarnação, onde conviveu com seis das suas filhas monjas que, com o tempo, passariam quase todas para o Carmelo Teresiano.

O Padre Reitor da Companhia, Martim Gutiérrez, celebra a primeira Missa na nova casa a 1 de Novembro de 1570. Mas dada a sua péssima situação, não se atrevem a instalar o Santíssimo, e daí a grande pena da Santa Madre ao recordá-lo.

Poucos dias depois, chegam para integrar a nova Comunidade três Carmelitas vindas de S. José de Ávila (Ana de Jesus, entre elas), outras duas do Carmelo de Medina, e uma de Valhadolid. O aluguer da casa durou três anos – um triénio sem Santíssimo na casa – até Setembro de 1573.

Mais interessante e azarado é o segundo episódio, começando pela viagem de Ávila a Salamanca, em pleno verão e em grande comitiva. Acompanham a Santa uma monja da Encarnação, D. Quitéria, pelo menos dois Sacerdotes, o Padre Julião de Ávila e o Padre António de Jesus (Herédia), e vários amigos. As duas monjas viajam cada uma em seu jumento e os homens, em mulas de carga. No primeiro dia o Padre António cai aparatosamente, com o perigo de frustrar a viagem. Nessa mesma noite – conta Julião de Ávila – perderam o jumento, que levava as provisões e nada menos que quinhentos ducados para o Carmelo de Salamanca. Não foi assim tão mal, porque o encontraram na manhã seguinte, caído à beira do caminho com os alforjes intactos.

Como a Santa Madre despacha o relato em duas palavras, o Padre Julião de Ávila conta-no-lo com muito detalhe:

“Na outra noite foi maior a nossa perda que não a do jumento, ainda que levasse os quinhentos ducados; como íamos de noite e com muita escuridão, dividimos as pessoas em duas partes: uma dessas pessoas ia com a Santa Madre, que por sua honra, não quero dizer quem é, deixou-a a ela e à senhora D. Quitéria, que agora é Priora da Encarnação, numa rua de um lugarzinho, e que ali



aguardassem o resto das pessoas para que todos se juntassem e não fossem divididos; de maneira que por ir buscar os outros, que apareceram, voltou ele que a tinha deixado, a buscá-las, e não atinava onde as tinha deixado e, como fazia tão escuro, desatinou de tal forma, que por mais voltas que desse, não as encontrou e disse: devem ir adiante com os que vão mais adiante, e andámos um bom bocado, até nos encontrarmos juntos. Diziam uns aos outros:

– Vem aí a Madre?

Diziam:

– Não!

– Não vem convosco?

– Vinha era convosco. O que é que aconteceu?

De forma que nos encontrámos todos em grande escuridão, a da noite, que era muita, e a de nos encontrarmos sem a nossa Madre, que era muito maior. Não sabíamos se voltar atrás ou ir adiante. Começámos a chamar em voz alta. Não havia memória. Tivemos que nos voltar a dividir, uns a procurar o que tínhamos perdido, os outros a gritar se de algum lado nos respondia. Depois de um bom bocado que tivemos de pena e, mais ainda aquele que as tinha deixado, eis a nossa Madre, que aparece com a sua companheira e um lavrador, que o tiraram de sua casa e lhe deram quatro reais para que as guiasse no caminho, o qual foi o melhor afortunado, porque voltou muito contente para casa com eles e nós muito mais com todo os nossos encontrados, e com grande regozijo de ir contando as nossas aventuras”.

*(Vida de Santa Teresa)*

Por fim, a Santa chega a Salamanca no dia 31 de Julho de 1573, e imediatamente põe mãos à obra. Tinha que converter em Carmelo a casa solarenga da família de Pedro de la Banda, então ausente, mas que já tinha assinado o contrato de venda. Foram dois meses de intensa actividade. Rapidamente se construiu a nova Capela e inaugurou-se no dia de S. Miguel (29 de Setembro), depois de sofrer no dia anterior um pertinaz aguaceiro que pôs à prova os nervos da Madre Fundadora e o telhado da improvisada Capela, “tão mal coberta – escreve – que chovia na maior parte dela” (F 16,9).

Mas no dia da inauguração brilhou um esplêndido sol outonal, e a Santa desfrutou não só por ter entronizado, por fim, o Santíssimo Sacramento na Comunidade, mas ainda graças ao sermão pregado pelo melhor pregador salmantino naquele tempo, o célebre Diogo de Estella.

E o relato conclui com dois detalhes agrídoces: a fúria incontida do vendedor da casa, Pedro de la Banda, chegado no dia seguinte à inauguração, e que se debate num frente a frente com a Santa Madre; e o presságio teresiano da insegurança ou instabilidade do feito. Com efeito, o Carmelo de Salamanca terá que empreender de novo um êxodo sem fim: em 1582 terá que abandonar a casa de Pedro de la Banda. Terá que emigrar de novo para outra residência em 1584, e assim sucessivamente, até que em 1970 se constrói uma casa, com planta feita, nos arredores da cidade, em “Cabrerizos/Arenal do Anjo”, onde desfruta de boa saúde ainda hoje.

## CAPÍTULO XX

### ALBA DE TORMES

Para narrar esta fundação do Carmelo de Alba de Tormes temos que recuar um passo. No dia 3 de Dezembro de 1570, a Santa Madre desloca-se de Salamanca a Alba de Tormes para assinar os contratos do projecto de fundação. A 20 de Dezembro, em Adearrubias, a umas três léguas de Salamanca, obtém a licença do Bispo, D. Pedro González de Mendoza, e a 25 de Janeiro de 1571 ela própria preside em Alba à inauguração do novo Carmelo, interrompendo a sua estadia em Salamanca na casa grande dos estudantes, ainda que tenha sido por pouco tempo. Nos primeiros dias de Fevereiro já estava de regresso à incómoda casa dos estudantes, que lhe serve como base de operações.

Teresa Láyz é a fundadora do Carmelo de Alba de Tormes. Será a responsável do local e do edifício, dos seus Capelães e suas reservas económicas. Mas a organizadora da vida do novo Carmelo será a Santa Madre e não ela.

Alba de Tormes era uma povoação relativamente florescente, vila ducal, de uns 770 habitantes, com nove paróquias, dois hospitais, dois asilos, de economia escassa (a Santa viu-se na necessidade de fundar com renda), sob o padroado dos Duques que têm o título da vila, e que possuem nesse momento um excepcional castelo-palácio.

Alba de Tormes é a sétima das suas fundações. Como iremos ver a sua fundadora é a já mencionada senhora Teresa Láyz, uma dama de Alba, casada com Francisco Velázquez – também de Alba – e que tinha sido administrador da Universidade de Salamanca (1541-1566) e que, no momento presente, está ao serviço do Duque de Alba.

Neste relato dá-se tanta importância à figura de Teresa Láyz, que ela ocupa o Capítulo inteiro. Poderíamos esquematizá-lo assim:

- Introdução: “Não sentia grande vontade”... (n. 1)
- Apresentação da “fundadora”, Teresa Láyz, desde o seu nascimento (n. 2-6)
- Teresa Láyz projecta a fundação (n. 7-13)
- Inauguração no dia da Conversão de S. Paulo (25 de Janeiro de 1571) (n. 14)
- Breve epílogo (n. 15)

Pelo que se percebe das insinuações da Santa, não foi fácil o acordo entre as duas Teresas: “Tornou-se difícil chegarmos a um acordo” (F 20,13), apesar de no fim a Santa Madre agradecer e admirar a generosidade dos cônjuges fundadores: “O que mais me tocou foi que nos tivessem cedido a própria casa e fossem para uma bastante ruim” (F 20,14).

Apesar de tudo isto, sabe-se que Teresa Láyz manteve sempre uma postura muito rígida face ao Carmelo de Alba. Sentiu-se dona e senhora dele, chegando a infundir certo medo às pobres monjas, como a Santa narra nalguma das suas cartas ao Padre Graciano: “Por essa carta verá Vossa Reverência o que em Alba se passa com a sua fundadora. Começaram a ter-lhe medo” (Carta 372). E no último ano da sua vida, em 1582, a própria Santa terá que lhe fazer frente, quando ao preparar a fundação de Burgos, a Santa leva consigo para Priora a Madre Tomasina Baptista, sobrinha de Teresa Láyz. Esta reclama-a absolutamente para Priora do Carmelo de Alba. A Santa responde-lhe numa carta, poucos meses antes da sua morte: “Recebi a carta de Vossa Mercê; mas posso no que tinha dito fazer pouco; porque em tratando-o com Tomasina Baptista, pôe-se tal que diz que desde os pés até à cabeça se perturba de pensar voltar a essa casa...” E acrescenta logo, com toda a franqueza: “Se Vossa Mercê lhe quer bem, disto se haveria de folgar e não querer a quem não quer estar com Vossa Mercê” (Carta 460).

Mas, meses depois, o Carmelo de Alba tornar-se-ia privilegiado. Nele exalou Santa Teresa o seu último suspiro e nele repousam ainda hoje os seus restos mortais.

E, mais uma vez, tem lugar a presença da senhora Láyz no enterro da Santa. A senhora crê-se não só dona da fundação, mas quase dos restos mortais da Santa Madre, e decide que se enterrem sob uma boa quantidade de cal e entulho, para que ninguém os roube. Nos contratos de fundação lia-se a cláusula: “Que na capela não se possa enterrar pessoa alguma senão os ditos senhores [fundadores], ou quem eles mandarem”.

A senhora Teresa Láyz morreria no ano seguinte, em 1583.

## CAPÍTULO XXI

### SEGÓVIA

Neste Capítulo, Santa Teresa inicia uma nova fundação: o Carmelo de Segóvia. Teresa viaja de Salamanca para Alba de Tormes. Aqui a Duquesa põe à sua disposição a carruagem ducal para prosseguir até Ávila. De Ávila a Segóvia, a viagem é mais humilde, acompanhada por Frei João da Cruz, pelo Padre Julião de Ávila (que se apelida de seu “escudeiro”), o fidelíssimo António Gaytán e o grupo das fundadoras.

Saiu de Salamanca no início do ano, em Janeiro 1574. Aqui tinha acontecido o mais importante, a ordem de fundar: “Estando ali um dia em oração, disse-me Nosso Senhor que fosse fundar em Segóvia. Pareceu-me coisa impossível” (F 21,1). Mas o que é certo é que a partir dessa ordem, a fundação se põe em movimento.

Ao longo do Capítulo vão desfilando personagens interessantes. Cada uma delas se detém um momento em cena para dar lugar à seguinte. De algumas delas traça a Santa Madre um breve perfil.

O primeiro deles é o Comissário Apostólico, **Pedro Fernández**, que lhe impôs durante três anos o priorado da Encarnação e agora cede facilmente à proposta de Segóvia.

Já em Segóvia vai surgir a delicada figura de **D. Ana Jimena**, uma viúva nobre, que já há anos tinha sugerido a Santa Teresa a sua vinda e que, logo fundado o Carmelo segoviano, ingressa nele com a sua própria filha e nele será rapidamente Priora da Comunidade.

Segue a figura do cavalheiro de Alba, **Antonio Gaytán**, também viúvo e com uma filha. Pôs-se à disposição de Teresa, e quase sob a sua direcção espiritual. Diz dele a Santa Madre: “Não havia criado dos que iam connosco que assim

fizesse tudo quanto era preciso. É alma de muita oração e faz-lhe Deus tantas mercês, que acha gosto e facilidade naquilo que aos outros causa contrariedade, parecendo-lhe sempre leve todo o trabalho que tem tido nestas fundações” (F 21,6).

Em contraste com este tríptico, surge a figura do **Provisor** – suplente do Bispo, ausente no Conselho Real de Madrid – que, apenas celebradas as primeiras Missas, “veio logo muito aborrecido e não consentiu que se dissesse mais Missa”, e quase erra o tiro da sua ira querendo levar preso João da Cruz que não tinha sido o celebrante da primeira Missa. Como bom suplente, muito cioso do seu posto, com um gesto fulminante privou a casa de ter Santíssimo: “tirou o Santíssimo Sacramento” (F 21,8).

Surgem ainda outras personagens, de face benévola: **os dois irmãos Jimena**. André de Jimena é aquele a quem recorre a Santa Madre para que fale ao iracundo Provisor (F 21,8). Sua irmã, Isabel de Jesus, que veio também para a fundação de Segóvia, é a que cantou o poema da Santa “*Vejam-te meus olhos...*”, que em Salamanca tinha provocado na Madre o êxtase da Páscoa.

Depois surge ainda outra personagem célebre, “um sobrinho do Bispo”: **João de Orozco**, que, dizia a Santa Madre: “fazia tudo o que podia por nós”.

Todas estas figuras entram em acção no relato, que se articula muito simplesmente em três ou quatro pontos:

- Antecedentes e contactos para a fundação (n. 1-4)
- Ingresso e inauguração de surpresa em casa alugada (n. 5-8)
- Trasladação para a casa definitiva e séquito de dificuldades (n. 8-10)
- Regresso à Encarnação de Ávila (n. 11)

Vamos, depois de ter apresentado as diferentes personagens do relato, destacar os momentos mais intensos da narração.

O *primeiro* é sublinhado logo pela Santa Madre ao iniciar o Capítulo: é a sua decisão de fundar, inesperada e de surpresa. É inesperada por causa da sua dupla situação:

- De obediência ao Comissário Apostólico, decididamente contrário a posteriores fundações.
- E o seu *status* de Priora da Encarnação de Ávila, nesse triénio de 1571 a 1574, e já com uma longa ausência para promover a causa do Carmelo de Salamanca.

Nesta situação, parece à Santa Madre, “coisa impossível” empreender a nova fundação. Mas esta impossibilidade é anulada pela palavra do Senhor, o primeiro actor, como se vê, nesta fundação do Carmelo de Segóvia e pela inesperada condescendência do Comissário Apostólico à neutral proposta da Santa.

O *segundo* momento, muito mais tenso, é o criado pela inauguração da casa. Privada do Santíssimo conseqüente, com grande dificuldade, a celebração da Eucaristia, mas entretanto a Santa tem que adaptar e “alargar” a pequena vivenda recém alugada para uma Comunidade Carmelita que se torna grande para ela. Em segredo absoluto, Teresa organiza o desalojamento do Carmelo de Pastrana, e de noite, em cinco carros, guiados por Julião de Ávila e por António Gaytán, apresentam-se em Segóvia as Carmelitas fugitivas de Pastrana para engrossar, sem mais, a nova Comunidade. Tantas monjas em tão exíguo asilo! “As que estão cá – escreve a Santa Madre à Priora de Valhadolid – asseguro-lhe que são em extremo. Ficando aqui vinte e duas, indo as seis, e a Priora – que não é daqui (é Isabel de S. Domingos, vinda de Pastrana), e a sub-Priora, fica razoável” (*Carta 73*). Ou seja, a casita e a Comunidade ficam razoáveis, depois de partirem para outros Carmelos outras quatro das vindas de Pastrana “e ainda assim são poucas”. Escrevia isto em Setembro de 1574, e a pequena avalanche das fugitivas de Pastrana tinha chegado à casa alugada de Segóvia a 7 de Abril, poucos dias depois da inauguração. A vinda do novo Carmelo, tornou-se numa situação que ultrapassava os limites da casa.

Já tinham entrado as primeiras ilustres vocações segovianas, entre as quais, a dama D. Ana de Jimena e sua filha e, noviças ainda, morre-lhes aí em



Segóvia, aos 24 anos de idade, o filho herdeiro, D. Diego de Barrios, o que vai trazer novas preocupações e dificuldades para a casa e suas fundadoras.

Um *terceiro* momento intensivo é o plano de regresso à Encarnação, para terminar o priorado. Enquanto tramita a aquisição da nova casa, já faltam poucos dias para Teresa terminar o seu cargo de Priora, que cessa a 6 de Outubro. Por isso terá de regressar a Ávila antes dessa data. Vai não só terminar o seu priorado, mas vai fazê-lo com uma despedida digna. Já no seu retorno de Alba a Segóvia, ao deter-se em Ávila, tinha mitigado a pobreza da casa com os mil reais que lhe havia dado a Duquesa, sua admiradora. Mas o mosteiro continua tão pobre, que a Santa intensifica a partir de Segóvia as suas relações com o administrador da Encarnação, preocupando-se pela comida necessária e ajuda económica. Estamos em finais de Setembro. Escreve pouco antes à sua colaboradora, a Priora de Valhadolid, Maria Baptista: “Ao fim deste mês [de Setembro] irei à Encarnação. Se quiser enviar algo, escreva-me... Se tiver por aí quem me empreste alguns reais... porque não levo nada, e para ir à Encarnação não se sofre, e aqui não há agora disposição, como se há-de acomodar a casa. Pouco ou muito, procuro-mo!” (*Carta 71*).

São estes os afãs dos seus últimos dias como Priora da Encarnação, e não deixa de ser uma imagem interessante: a mística Priora que levou para a direcção espiritual desse convento o místico Frei João da Cruz, agora aparece tão seriamente preocupada, no momento de o deixar, em fazer chegar à Encarnação apoio económico, para ajudar a pobreza da casa, e comida para as pobres monjas do mosteiro.

## CAPÍTULO XXII

### BEAS

A fundação do Carmelo de Beas, é sem dúvida, a mais audaz e aventureira das gestas fundacionais da Santa. A Madre teve que empreender uma longa e perigosa viagem, aos sessenta anos de idade, num dos momentos mais cruciais, tanto da sua saúde física, como da sua obra de escritora, e arriscando inconscientemente as suas relações com o Superior Geral da Ordem.

Este projecto de fundação surge nos trabalhosos dias de Salamanca, pelo ano de 1573. Levará dois anos para a realizar. Quando em princípios de 1575 o antecipa a D. Teotónio de Bragança, conta-lhe que nesse momento lhe urgem para que funde em Zamora, em Torrijos, em Madrid, e em Caravaca. Ela opta pela oferta de Beas de Segura, e já tem previsto o guião da rota: “Eu partirei daqui [escreve a 2 de Janeiro de Valhadolid], em passando os Reis. Vou a Ávila e, em caminho, por Medina, onde penso não estarei mais que um dia ou dois, e em Ávila também não, pois irei logo a Toledo”. Seguirá por Malagón, onde envolverá na comitiva, a futura Priora de Sevilha, Maria de S. José, enfrentará de seguida a passagem de Despeñaperros e os riscos quase mortais de Sierra Morena, especialmente no último dia ao passar os “riscos altíssimos” de Gualdinferno. Tudo isto sucedeu em pleno inverno até chegar a Beas a 16 de Fevereiro, e inaugurar o novo convento no dia 24.

Na decisão de iniciar esta primeira fundação em terras de Andaluzia, teve que superar graves dificuldades que ela aponta no início do relato: primeiro, porque Beas era uma pequena povoação, situada além da fronteira de Castela, enquanto Teresa prefere instalar os seus Carmelos em ambientes citadinos; além disso, carece de faculdades para erigi-los fora de Castela, e sobretudo, porque Beas pertence à Comenda da Ordem de Santiago, que muito dificilmente se dobraria a conceder a licença de fundação. No entanto, todas estas dificuldades, são rapidamente superadas.

E, uma vez mais, o relato fundacional se converte em monografia das duas Irmãs fundadoras, que a esperam impacientes em Beas: Catarina Godínez e Maria Sandoval; com a particularidade de que deram a Santa Teresa um rascunho dos acontecimentos que, no presente Capítulo, serve de decalque para a extensa narração biográfica das duas fundadoras.

Com um desenvolvimento simples do tema, poderíamos dividir assim o Capítulo:

- Antecedentes e difícil decisão de fundar em Beas (n. 1-3)
- Decalque de uma crónica alheia (n. 4-24)
- As duas Irmãs fundadoras Godínez-Sandoval (4-13)
- A licença do Conselho das Ordens (n. 14-18)
- Acontecimentos depois da chegada da Santa a Beas (n. 19-24)

No pano de fundo do Capítulo silenciam-se quase de todo dois ou três episódios mais incisivos.

Só mais à frente, no Capítulo XXIV, a Santa Madre explicará: “Por várias razões tinha-me sempre recusado muito a fazer conventos na Andaluzia e não teria ido para Beas, se soubesse que era desta Província. A bem dizer, a terra não é ainda Andaluzia que só começa umas quatro ou cinco léguas mais adiante, mas depende da Província andaluza. Foi esta a causa do engano” (F 24,4). Esclareceu-o ainda o Padre Graciano: “Averiguou-se que quanto aos pleitos seculares das chancelarias era distrito de Castela, mas quanto às religiões era província de Andaluzia” (*Scholias*). Só que este esclarecimento do Padre Graciano chegou quando a fundação era já um facto consumado.

Teresa também remeterá para os Capítulos futuros a referência a outro grande acontecimento da sua vida: foi aqui, na primavera de 1575, que a Santa Madre se encontra pela primeira vez com Jerónimo Graciano, que daqui em diante será seu confidente e colaborador mais assíduo e imediato.

Silencia ainda no Capítulo outro dos acontecimentos fortes da sua biografia: aqui em Beas chega-lhe a notícia da delação e sequestro do seu *Livro da Vida* pelos inquisidores de Madrid. É a mais insigne das suas companheiras, Ana de Jesus, nesse momento Priora do Carmelo de Beas, quem refere, emocionada, este acontecimento: “Estando a Madre em Beas, chegou um mensageiro de Valhadolid com carta do Bispo de Palência, D. Álvaro de Mendoza, e das nossas monjas, em que lhe escreviam que tinha a Inquisição ido buscar o livro em que tinha escrito a sua vida ... e que andavam com todo o cuidado a procurar todos os papéis e escritos que havia disto”.

Estávamos em inícios de Maio. E o único eco da denúncia por parte da Santa, é talvez a sua carta de resposta ao Bispo D. Álvaro, a 11 de Maio desse ano: “Cada dia entendo mais a mercê que me faz Nosso Senhor em ter entendido o bem que há em padecer para levar com quietude o pouco contento que há nas coisas desta vida ...” (*Carta 80, 1*).

O dado mais relevante na história das origens deste Carmelo é já posterior ao relato da Santa. Com a chegada de Frei João da Cruz ao retiro do Calvário, em 1578, Beas converter-se-á numa espécie de feudo espiritual do seu magistério. Aí estabelece relações profundas com a futura destinatária do *Cântico Espiritual*, primeira Priora da Comunidade, Ana de Jesus. Às Carmelitas de Beas dedica grande parte das suas *Cartas*, dos seus *Ditos de Luz e Amor*. E, inclusivamente, quando em 1586 morrer a fundadora Catarina de Jesus (Godínez), é o próprio Frei João da Cruz que transcreverá pela sua própria mão o texto da sua autobiografia, agora editado em facsímil por Eduardo de Santa Teresa (Vitória, 1948).

Catarina de Jesus aparece com uma vida espiritual altamente cotada por S. João da Cruz e pelo Padre Jerónimo Graciano. Segundo este, “a Madre Catarina é das maiores Santas da Ordem” (*Peregrinação de Anastácio, diál. 16*). Dela transcreve numerosos avisos espirituais, conservados autógrafos no Carmelo de Consuegra.

De facto, o reduzido número de Carmelitas selectas de Beas, será – depois da Encarnação de Ávila – a grande escola e cátedra espiritual do Santo.

## CAPÍTULO XXIII SEVILHA (PADRE GRACIANO)

Com este Capítulo começa uma secção especial de quatro Capítulos, dedicados à história da fundação do Carmelo de Sevilha. A Santa Madre escreve-os em Toledo, no ano seguinte ao da fundação de Sevilha. Começa com o perfil biográfico do Padre Jerónimo Graciano (Capítulo XXIII), e termina com outro perfil biográfico, a primeira vocação de Sevilha, Beatriz Chaves (Capítulo XXVI).

No título do Capítulo XXIII anuncia a erecção da fundação do Carmelo de Sevilha, com os correspondentes patrono e data. Mas logo desde a primeira linha a pena desliza para o tema biográfico do Padre Graciano e ocupa com ele todo o Capítulo.

Poderíamos resumir assim os quatro Capítulos:

- Capítulo XXIII: perfil biográfico do Padre Graciano
- Capítulo XXIV: viagem das fundadoras de Beas a Sevilha
- Capítulo XXV: trabalhosa erecção do Carmelo de Sevilha
- Capítulo XXVI: regresso da Santa a Castela e primeira vocação andaluza

O Padre Graciano aparece na história das fundações teresianas por dois motivos: porque, ao chegar a Beas, resolve o problema da jurisdição da fundação; e porque aí mesmo é ele quem decide, contra o parecer da Santa, a imediata fundação do Carmelo de Sevilha.

Em todo o caso, o encontro com a Santa em Beas é para esta um acontecimento excepcional. Não só a fascina o jovem Carmelita Descalço, mas capta a atenção da sua pena, que se detém amorosamente a traçar o seu perfil: família numerosa, estudos brilhantes em Alcalá, encantadora devoção mariana, visita a Pastrana e entrada naquele noviciado, então em clima de um ascetismo em extremo, sob um mestre de noviços absolutamente imprudente, refractário às

directrizes do próprio Frei João da Cruz e desqualificado pelo teólogo dominicano Domingos Báñez.

O Padre Graciano faz a sua estreia na vida religiosa com vinte e sete anos. “Passou o ano de provação com a humildade do mais pequeno dos noviços” (n. 9), com uma boa aprendizagem nas “coisas de obediência”, “como bom capitão que havia de ser dos filhos da Virgem”.

É em Pastrana que faz a sua Profissão, precisamente no momento em que as coisas se tinham agravado com a presença e viuvez da imprevisível Princesa de Éboli. Para evitar cair sob a sua influência, afasta-se de Andaluzia e chega a Beas com apenas três anos de vida Carmelita, mas investido já com poderes de Visitador Apostólico.

A Santa Madre vê-o como um homem providencial. Depois da fundação dos Descalços em Pastrana, estes perderam o controle, não só pela violência do extremismo rigorista (“sempre me espanta ver como o podiam suportar” (F 23,9), mas também porque “em cada casa faziam como lhes parecia”, sem Constituições a que ater-se e uniformizar-se, de modo que “levavam jeito de cair muito em breve”, até ao ponto de que “algumas vezes me pesava de a ter começado” [a reforma dos Padres].

Perante esta situação, a chegada do Padre Graciano ao grupo dos Descalços foi para a Santa uma autêntica providência de Deus: “se eu quisesse pedir-Lhe alguém para pôr em ordem todas as coisas da Ordem no seu início, não acertaria a pedir tanto como Sua Majestade nos quis dar. Bendito seja para sempre!” (F 23,3).

É a tese sustentada ao longo do Capítulo: “parece que Nossa Senhora o escolheu para bem desta Ordem primitiva” (F 23,1). E repete-o literalmente no final: “que se via bem... que Nossa Senhora o tinha escolhido para acudir à Sua Ordem” (F 23,13).

Na futura história do *Livro das Fundações*, esta ardente apologia do Padre Graciano e da sua função na família dos Descalços terá um papel decisivo. Será um dos factores que atrasará a edição da obra mais de vinte anos. E quando por fim o próprio Padre Graciano, já expulso da família Teresiana, a edite em 1610, o presente Capítulo provocará a ira e a rejeição dos irresponsáveis Carmelitas espanhóis, mas continuará a proclamar a personalidade e excelências do injuriado Padre Graciano.

## CAPÍTULO XXIV

### SEVILHA

Este Capítulo conta a dificultosa fundação do Carmelo de Sevilha, num relato em três tempos:

- Decisão de fundar em Sevilha renunciando, de momento, a fundar em Caravaca
- Aventuras da viagem de Beas a Sevilha
- Combatida e provisória inauguração do Carmelo de Sevilha

Sevilha é talvez a única fundação que a Santa empreende contra a sua vontade: “Eu sempre tinha recusado muito fazer conventos destes na Andaluzia” (F 24,4). E conta como se afez à decisão do Padre Graciano. Mas, na realidade, foi este quem impôs a sua opção ao critério pessoal da Santa Madre, como narra o Padre Graciano, em “*Scholias*” composto pelo Padre Ribera:

“Quero contar outra prova de espírito que aqui me aconteceu com a Madre Teresa. Eu desejava que se fizesse mosteiro de monjas em Sevilha, ela desejava-o em Madrid. Porque em ambas as partes havia comodidade, disse-lhe que o tratasse com Nosso Senhor com muitas veras para que nos desse luz. E ao fim de dois ou três dias em que tinha feito oração sobre este caso, disse-me que já tinha resposta clara da maneira que costumava: que fosse fundar o mosteiro em Madrid. Eu disse-lhe, com tudo isso, que fosse fundar em Sevilha, e assim, sem réplica nenhuma, se arranjaram as carros para caminhar para lá. Perguntei-lhe, ao fim de poucos dias, se ela sabia se aquele seu espírito era verdadeiro – como o tinham certificado os mais graves e santos homens de Espanha – e se ela desejava fazer a vontade de Deus, porque não tinha replicado. Respondeu-me, sorrindo-se:

- Não sabe que todas as revelações que tenho não me dão certezas de fé que o manda Deus? Porque é que havia de replicar?

Disse-lhe que o tornasse a tratar com o Senhor e víssemos o que lhe dizia. Respondeu que lhe tinha dito:



- Fizeste bem em obedecer. Melhor guiarei eu por aqui os negócios da nossa Ordem, mas custar-vos-á grandíssimos trabalhos”.

Em Beas estava à espera um grupinho de monjas destinadas à fundação de Caravaca. Pois bem, mudam de rumo e, sem demora possível, põem-se a caminho de Sevilha, enquanto o próprio Padre Graciano adopta um rumo oposto, a caminho de Madrid, para acudir “ao pedido do Nuncio”.

O relato tem um desenvolvimento simples:

- Decisão de fundar, não em Caravaca, mas em Sevilha (n. 1-4)
- A comitiva de fundadoras: seis monjas e a Madre Teresa (n. 5-6)
- Peripécias da viagem, em pleno calor andaluz, no mês de Maio (n. 7-13)
- Chegada a Sevilha, trâmites e fundação: (n. 13-20)

Apesar de aparecer silenciado, no pano de fundo do relato late um facto contrastante: o Superior Geral da Ordem, o Padre Rubeo, autorizou-a a fundar Carmelos em Castela, não na Andaluzia. Agora o Padre Graciano, com a autoridade de Comissário Apostólico, impõe-lhe a decisão contrária. E a Santa Madre, em submisso gesto de obediência ao segundo, põe-se a caminho, se bem que a voz interior – o seu Senhor – lhe antecipe que “vos custará grandíssimos trabalhos”.

O contraponto jurisdicional “Rubeo-Graciano” agrava-se nesse momento, pela celebração do Capítulo Geral da Ordem em Piacenza (em Maio-Junho de 1575), em que se adoptam duras medidas contra os Descalços. À própria Santa Madre chegar-lhe-á aí, em Sevilha, a falsa notícia de que, segundo o dito Capítulo Geral, “é apóstata e estava excomungada” (*Carta* 102). E ela própria escreve ao Padre Geral, Rubeo.

Para a viagem e a fundação escolhe seis Carmelitas de Beas, entre o melhor das suas monjas: “Porque, as seis que iam comigo, eram almas de tal tèmpera, que me parece que com elas me atreveria a ir à terra dos turcos, pois teriam fortaleza para isso ou, antes, Nosso Senhor lha daria para padecerem por Ele” (*F* 24,6).

Conta uma delas, Maria de S. José no seu *Livro de Recreações*, que na carruagem “tudo se passava rindo e compondo romances de tudo o que acontecia, o que a nossa Santa gostava imensamente”.

E recorda a pausa depois do primeiro dia de caminho: “Naquele primeiro dia chegámos à [hora da] sesta a uma bela floresta, de onde apenas podíamos pôr a nossa Santa Madre. Com a diversidade de flores e canto de mil passarinhos, toda se desfazia em louvores de Deus” (*ib*, *Recreação IX*).

Seguem-se no relato da Santa as inverosímeis peripécias do caminho, quase como uma novela: o “grandíssimo calor”; a esgotante febre da Santa e o seu pobre refúgio numa espécie de pocilga – “um pequeno compartimento de telha vã, sem janela. Quando se abria a porta, entrava o sol em cheio”; o quase naufrágio na passagem do Guadalquivir; a entrada angustiante na cidade de Córdoba, na festa de Pentecostes; os acampamentos nocturnos a campo aberto, ou debaixo das arcadas de uma ponte; o sossego na solitária ermida de Santa Ana, em Écija; ou a peleja de espadachins na venda de Andino (ou Albino), já próximo de Sevilha, como narra o Padre Julião de Ávila:

“Chegámos a uma venda aonde estavam uns homens, os mais perversos que já vi na minha vida. E ia ali o Padre Frei Gregório Nazianzeno, que lhe tinham acabado de lhe dar o Hábito... Foram tantas as velhacarias que aqueles homens disseram ao recém-tomado o Hábito, que nem por bem nem por mal, bastava para os fazer calar... Até que o Senhor permitiu que entre eles se levantasse uma certa questão, de modo que lançando mão das espadas uns contra os outros, saíram todos da venda e nos deixaram em paz. Em tudo isto, estive a Madre e as suas monjas nos carros, cobertas, para que não as vissem, que se as vissem, como trataram por palavra ao Padre, tratariam a Santa Madre... Nesta venda padeceu-se bastante sede, porque o calor era muito excessivo e cada jarrito de água muito pequeno custava dois maravedis, e havia mister para cada monja muitos jarrinhos, de sorte que era muito mais barato o vinho que a água”. (*Vida de Santa Teresa*)

No total, foram oito dias de viagem, sob o toldo das carruagens, em companhia dos dois assíduos companheiros, Julião de Ávila e António Gaytán, mais o Noviço Carmelita Gregório Nazianzeno e o grupo dos condutores das carruagens e moços de mulas.

Tinham saído de Beas a 18 de Maio e, quando chegaram a Sevilha, a 26 do mesmo mês, “depois de pagas as despesas da viagem, não me restavam senão uns cobres” (F 24,17), refere a Santa Madre.

Agora em Sevilha sobrevêm dificuldades absolutamente imprevistas pelo grupo de fundadoras. Aconteceu que nem o Padre Graciano nem o Padre Ambrósio Mariano tinham solicitado a licença do Prelado de Sevilha, D. Cristóbal de Rojas, que se opõe resolutamente à fundação. Permite à Santa Madre e ao seu primeiro grupo celebrar Missa na improvisada casa que lhes tinham alugado, mas sem toque de sinos, nem exibição alguma da sua presença religiosa, com surpresa absoluta da Santa, que está disposta a empreender o caminho de regresso a Beas, para iniciar a fundação de Caravaca: “Se não fosse por atenção ao Padre Comissário Apostólico e ao Padre Mariano, eu teria voltado para Beas com as minhas freiras para tratarmos da fundação de Caravaca, e com bem pouca pena” (F 24,18).

“Julgo ter sido mais dum mês” a resistência do Bispo, anota a Santa. “O Padre Mariano nunca me deixou escrever ao Arcebispo e, a pouco e pouco, ia procurando convencê-lo” (F 24,18). Esse mês coincidiu com o mais duro do verão andaluz: Junho/Julho de 1575.

E o relato fica suspenso; terá o seu desenlace no Capítulo seguinte.

## CAPÍTULO XXV

### SEVILHA

Passam-se longos meses de espera numa casa alugada e mal acomodada, em Sevilha. Segundo o cálculo da Santa Madre, desde a chegada à cidade a 24 de Maio de 1575, “até pouco antes da Quaresma” do ano seguinte, passam-se quase nove meses de busca infrutífera.

Isto explica a admiração da Santa Madre ao começar o Capítulo. Por dois motivos: por um lado, o assombro, e por outro o desencanto, ou o receio, perante o panorama inóspito da cidade. Diz ela: “Ninguém podia prever que numa cidade tão importante e de gente tão rica como Sevilha, haveria menos ajudas para fundar do que em qualquer das outras partes onde estivera. E até foram tão somenos, que algumas vezes cheguei a pensar que não nos convinha fundar um mosteiro naquele lugar” (*F 25,1*).

E continua a manifestar o desencanto pelo clima, os demónios, o ambiente, a própria debilidade psicológica...

A cidade de Sevilha não se parecia com as cidades castelhanas antes conhecidas pela Santa Madre. Era uma cidade superpovoada, com mais de 150 000 habitantes, toda voltada para o novo mundo, ponto de afluência de toda a classe de pessoas, espanhóis e estrangeiros, navegantes e banqueiros, comerciantes e traficantes, os hábeis para enganar e os aventureiros... Por Sevilha passará o próprio Miguel de Cervantes.

Dada a facilidade comunicativa da Santa Madre, assim como a sua grande abertura ao trato social, é normal que nos nove meses de espera se acautele com as luzes e sombras que planam sobre a cidade. Estabelece amplas relações com letrados, comerciantes, clérigos, consultores da Inquisição... Encanta-a o espectáculo das embarcações prontas no Guadalquivir para zarpar rumo à América. Através dos comerciantes sevilhanos desfruta das especialidades chegadas da América: as batatas, a resina odorífera, o coco... Não há nenhum vestígio de que contacte com os representantes do mundo muçulmano.

Tudo o que conseguiu como solução final, conta-o enumerando os diversos colaboradores que entram a fazer parte da fundação, começando pelo Padre sevillhano **Garciálvarez**; seguindo o seu irmão Lourenço de Cepeda, chegado providencialmente da América; o venerável prior da Cartuxa de las Cuevas, Fernando de Pantoja; culminando com a adesão do relutante Arcebispo D. Cristóbal de Rojas.

Poderíamos resumir assim o Capítulo:

- Nove meses de trâmites infrutuosos (n. 1-2)
- Três colaboradores: **Garciálvarez**, Lourenço, Pantoja (n. 3-9)
- As monjas passam para o novo edifício; um mês de arranjos (n. 7-10)
- Inauguração solene da fundação: (n. 11-14)

Como incondicional colaborador da Santa surge o seu irmão **Lourenço de Cepeda**, “que há mais de trinta e quatro anos estava” nas Índias, e que chega a Sanlúcar a 12 de Agosto, com seu irmão Pedro e três filhos pequenos, entre eles o encanto de Teresinha. Lourenço não só reaviva o espírito familiar da Santa Madre, mas contribui com o seu dinheiro e serviços à fundação (n. 3).

Antes de Lourenço tinha aparecido em cena o Sacerdote sevillhano **Garciálvarez**, que se ofereceu para celebrar a Missa diária para o grupo das fundadoras, e que felizmente impede a compra errada de um imóvel inútil (*F* 25,5). A Santa Madre ficar-lhe-á cordialmente agradecida mesmo quando o pobre Padre mude de parecer e perturbe gravemente a vida do Carmelo sevillhano. Escreverá então à Priora de Sevilha: “Por amor de Nosso Senhor Ihe peço, filha, que sofra e cale... por mais trabalhos que com ele tenham. Porque não posso sofrer que nos mostremos ingratas com quem nos fez bem” (*Carta* 264, verão de 1578).

A história de **Garciálvarez** está para lá do narrado no *Livro das Fundações*. O desenvolvimento posterior ocorrerá em 1578, quando o Núncio Felipe Segá depôs o Padre Graciano e colocou as monjas de Sevilha sob a jurisdição do sinistro Provincial Diego de Cárdenas, que depõe Maria de S. José, e nomeia

Prioressa a juvenzinha Beatriz Chaves, “a negra vigária” – dirá a Santa Madre. Pois bem, nesse momento Garcíálvarez torna-se totalmente adverso à Comunidade, ameaça-a reiteradamente de denúncia à Inquisição, e torna-se adverso a Maria de S. José e à própria Madre Teresa. Em 1579, Segá retira os seus poderes a Cárdenas, e é repostá Maria de S. José. Mas Garcíálvarez fica definitivamente afastado do Carmelo. Mesmo assim, em 1595, apresentar-se-á diante do tribunal de Sevilha para depor a favor da Santa Madre no seu processo de Beatificação.

A terceira figura que surge na série dos colaboradores é **Fernando de Pantoja**, “Prior [da Cartuxa] de las Cuevas..., grandíssimo servo de Deus... uma grandíssima amizade por nós, logo desde a nossa chegada e, segundo creio, durar-lhe-á até que se lhe acabe a vida o fazer-nos bem por todos os meios” (*F* 25,9). A ele recorrerá a Santa Madre para comunicar com o oprimido Carmelo sevilhano, quando o bom Garcíálvarez o tiver maltratado (*Carta* 283, Janeiro de 1579).

A todos estes se soma finalmente o Arcebispo de Sevilha, que preside à festa inaugural da nova casa e não só dá a bênção solene à Santa Madre, mas se ajoelha diante dela e lhe pede – o que Teresa já não contará – que seja ela quem o abençoe a ele (*F* 25,11-13).

Com este acto inaugural, o desenlace foi glorioso e triunfante. Instala-se o Santíssimo, no Domingo 3 de Junho de 1576 e, no dia seguinte, a Santa empreende o regresso a Castela, o que contará no Capítulo seguinte.

## CAPÍTULO XXVI

### SEVILHA

Este é o último Capítulo dedicado à Fundação de Sevilha. A Santa já se encontra há um ano na capital andaluza: desde Maio de 1575 até Junho de 1576. Sai para Castela, de manhãzinha cedo, no dia seguinte à inauguração definitiva do Carmelo sevilhano. Viaja comodamente com os seus irmãos Lourenço, Pedro e com os seus sobrinhos.

Escreve este Capítulo pouco tempo depois de ter chegado a Toledo. Começa recordando, emocionada, a despedida de Sevilha. No entanto duas sombras perturbam o espírito da Santa Madre:

- 1 – A solidão e a distância em que deixa a querida Comunidade de Sevilha.
- 2 – A ordem que lhe chega de Roma (e de Madrid) para se encerrar definitivamente num dos seus Carmelos. Mas este último acontecimento não é mencionado pela Santa, apesar de estar latente e ser urgente.

1 – Quanto ao sentimento das doze Carmelitas que ficam na Comunidade de Sevilha, é normal, porque partilharam com a Santa Madre as fadigas e trabalhos durante um ano inteiro. Na Comunidade há Irmãs de compleição débil, mas firmes na vocação. A mais querida de todas, Maria de S. José, engendrou-se para que o Padre Graciano obrigasse a Santa a deixar-lhes, ao menos... o seu retrato. E o Padre Graciano manda a Santa Madre posar diante da paleta e dos pincéis do leigo calabrês Frei João da Miséria, como ele próprio Padre Graciano o conta, entre sério e divertido:

“Mandei com muito rigor que obedecesse a tudo o que Frei João da Miséria lhe mandasse, e sem querer ouvir razão nem réplica alguma, ausentei-me; e o Frei João da Miséria não era grande retratista, nem tão primoroso como outros... E assim disse a Santa Madre depois que viu o retrato: Deus te perdoe, Frei João, que me fizeste padecer aqui o que Deus sabe e ao fim pintaste-me feia e remelosa”. (*Scholias*)

2 – O segundo factor é o desenlace de um grande pesadelo, fruto do machismo da época, ocasionado pelos Superiores Maiores da própria Santa Madre. Repete-o mais de uma vez o Núncio Ormaneto ao Padre Graciano: “A mim não me agradou nunca o modo que tem – como Santa, digo – aquela Madre Teresa de andar às voltas a fundar e visitar mosteiros, porque as mulheres regulares hão-de estar dentro das suas casas e não andarem fora, porque estas visitas convêm só aos Superiores, que podem andar fora sem escândalo nem perigo”. Em síntese, estas viagens fundadoras da Santa Madre têm ar de escândalo.

Isto escrevia o Núncio alguns meses antes, a 11 de Novembro de 1575. Agora estas ordens são impostas de Roma taxativamente à Santa Madre. É o Padre Graciano que, por sua conta, a retém em Sevilha. Mas é ela quem decide “encerrar-se” no Carmelo de Toledo, para dar cumprimento ao mandato que lhe chegou de Piacenza (Capítulo XXVII, 19). Estará quase quatro anos sem fundar.

O resto do Capítulo (n. 3-16) dedica-o a propor um exemplo de vocação Carmelita, como já tinha feito em Capítulos anteriores com modelos como Cassilda e Beatriz no Carmelo de Valhadolid, ou como Graciano e Catarina Godínez nos Capítulos de Beas e Sevilha.

Agora, “para dar gosto às leitoras” (n. 2), opta por apresentar-lhes o caso da primeira vocação sevilhana, quando esta é ainda Noviça. Trata-se de Beatriz Chaves, em religião Beatriz da Mãe de Deus, que ingressou no recém-fundado Carmelo de Sevilha, no dia 29 de Maio de 1575. A Santa Madre escreve o seu relato em Toledo, no Outono do ano seguinte (cf. Capítulo XXVII, 23), quando Beatriz já tinha ficado órfã de pai, quando a sua própria mãe Joana da Cruz já tinha ingressado no Carmelo sevilhano, e quando a própria Beatriz é ainda simples Noviça, pois só emitirá os seus votos a 29 de Setembro desse mesmo ano de 1576.

A recém-professa conta trinta e oito anos. Teve uma juventude difícil. Conviveu com a Santa apenas alguns meses de noviciado Carmelita, aproximadamente de Setembro/Outubro de 1575 até começos de Junho do ano seguinte. Já no Noviciado teve as suas dificuldades e tentações, como faz notar a Santa



Madre, nalgumas cartas (*Carta* 110, 4 de 18 de Junho de 1576, em Malagón) e já depois, recém-professa, continuou a preocupar a Santa Madre pelas suas estranhezas na oração (*Carta* 132), por causa da sua “fraca imaginação” (*Carta* 136; *Carta* 188).

Infelizmente, dois anos depois, em 1578, Beatriz deu uma volta de cento e oitenta graus na sua conduta de Carmelita. Enganou o Sacerdote sevilhano Garcíálvarez, denunciando a Comunidade perante a Inquisição, conseguindo a deposição da Priora Maria de S. José e fazendo-se nomear “vigária”, desacreditando a própria Santa Madre diante da cidade e provocando grandes sofrimentos em todas as Irmãs, inclusivamente na sua própria mãe, Joana Gomez (no Carmelo Joana da Cruz). Destituída do seu cargo poucos meses depois, finalmente o fino tacto da Santa Madre e da ex-Superiora de Sevilha, conseguem recuperá-la para uma autêntica vida de Carmelita. Todavia, em Dezembro de 1580 escreverá a Santa Madre a Maria de S. José, reposta no seu cargo de Priora: “Quisera que tivessem horta maior, para que Beatriz se ocupasse mais...” (*Carta* 364). No epistolário da Santa Madre passa a ser a “negra vigária”. Tudo isto acontece depois da Santa Madre já ter escrito este Capítulo.

Teresa fará todo o possível para que Beatriz se recupere e se reintegre na vida comunitária do Carmelo. Esta ficará arrependidíssima. Conta Maria de S. José que foram tantas as suas “lágrimas, que está cega de chorar” (*Recreações*, 9).

Beatriz chegou a conhecer a Beatificação da Santa Madre e morreu em 29 de Dezembro de 1624.

O que interessa neste Capítulo à autora e ao leitor é o tipo de vocação Carmelita desenhado pela Santa:

- Firme superação de dificuldades
- Determinada determinação
- O Carmelo como objectivo preciso
- Devoção à Virgem Maria e Sua Mãe Ana no contexto dos ermitãos do Monte Carmelo

Literariamente este é um caso como o de Cassilda de Padilla, no Capítulo XI. Teria sido fácil à Santa Madre arrancar do manuscrito autógrafo os quatro fólios que enaltecem, não muito certamente, a vocação e a pessoa de Beatriz. Mas não o fez. E o Padre Graciano também os não eliminou nem obscureceu, na sua primeira edição do livro.

## CAPÍTULO XXVII CARAVACA

Este é o último Capítulo escrito pela Santa na sua reclusão de Toledo (em 1576). Pensou ela que tinha acabado a fundação dos seus Carmelos, e assim concluiu o presente livro. Ao ser deposto o Padre Graciano pelo Núncio Segá, termina para Teresa o mandato de escrever, que lhe tinha sido imposto nesse mesmo ano por Graciano.

A Santa Madre levará três longos anos a retomar a dupla tarefa de fundar e de fazer o seu respectivo relato. Prosseguirá a narração com a fundação de Villanueva de la Jara (em 1580). Ao deixar o Carmelo de Toledo, levará consigo o manuscrito em que foi referindo a sua história: levá-lo-á de Toledo a Ávila, de Ávila a Medina e Valhadolid, e a cada uma das suas quatro últimas fundações, inclusivamente na sua última viagem, de Burgos a Alba de Tormes.

Este Capítulo divide-se em quatro pontos:

- A fundação de Caravaca, único tema anunciado no Capítulo (n. 1-10)
- Diálogo aberto com as leitoras (n. 11-16)
- Valorização retrospectiva das fundações (n. 17-21)
- Anotação final (n. 22-24)

### **A Fundação de Caravaca**

A fundação de Caravaca era já um projecto de longa data, “estando em S. José de Ávila...” em 1574. Põe-no em movimento com a sua viagem a Beas, em 1575. Nele envolve um duplo grupo de monjas fundadoras: um grupo para Beas, outro para Caravaca, com duas possíveis Prioras de alta qualidade: para Beas, Ana de Jesus; para Caravaca, Maria de S. José.

Mas o projecto fracassa por dois contratempos: em vez de Caravaca, obrigam-na a fundar em Sevilha. No entanto, quando se dá conta da grande distância

de Caravaca, envia aí os seus dois escudeiros de serviço, Julião de Ávila e António Gaytán, para que desdigam a promessa de fundação (cfr. *F* 27,3). Estes, pelo contrário, ficam dominados pelos caravaquinhos e apoiam o projecto, regressando entusiasmados e com as escrituras feitas. Mas quando conseguem de Madrid a devida licença para proceder à erecção, o documento de concessão vem em termos inadmissíveis, porque Caravaca pertence à Comenda de Santiago e a licença de fundação exige que as futuras monjas se submetam à obediência do Conselho das Ordens, coisa inaceitável para a Santa Madre que, face a essa dificuldade, desvia para Sevilha o grupo de monjas destinadas a Caravaca.

Entretanto, ela própria se entusiasma pela fundação e escreve ao Rei que lhe obtém a licença em condições. Escreve-lhe então, muito agradecida: “Pela mercê que Vossa Majestade me fez concedendo a licença para fundar o Mosteiro de Caravaca, beijo a Vossa Majestade muitas vezes as mãos.” (*Carta* 86).

No entanto, das quatro jovens que se tinham reunido em casa de Rodrigo de Moya à espera da Santa, apenas perseveraram duas.

A Santa propõe como fundadora Ana de S. Alberto, que é nomeada oficialmente Priora pelo Padre Graciano, a 22 de Novembro de 1575. A própria Santa lhe entrega um bilhete sobre o que se há-de fazer em Caravaca:

“Jesus. Memória do que se há-de fazer em Caravaca. Em Vossa Reverência chegando, permaneça encerrada dentro de sua casa e não permita a entrada de mais nenhuma pessoa; o que tiver que falar seja num lugar onde venham a ser postas as grades, enquanto não estejam postas, ou na roda; e procure que aquelas sejam postas imediatamente. É necessário, antes que se diga Missa – isto é, que se tome posse – colocar o sino e fazer que um letrado veja as escrituras feitas por essas senhoras, em que dão a renda para a casa; mostrar a patente autorizada que Vossa Reverência leva do nosso Reverendíssimo Padre, junto com o poder que eu lhe confiro, em virtude dos quais pode Vossa Reverência assentir sem nenhum encargo nem obrigação de nenhum género, porque assim lhe está dada essa faculdade na escritura. Feita esta escritura – e que o Padre Vigário Frei Ambrósio considere que está em ordem – e uma vez assinada por Vossa Reverência e por essas senhoras, poder-se-á colocar o Santíssimo Sacramento. Advirta que também se há-de mencionar na escritura a licença de Sua Majestade, pois a

do Bispo penso que basta possuí-la. Deverão tocar o sino para a Missa para tomar posse. Não é necessário benzer a Igreja, pois não é própria. Uma vez tomada a posse, poderão essas senhoras tomar o Hábito quando pedirem” (*Carta 95*).

Acerca de Ana de S. Alberto, escreve a Santa Madre: “Procurei que fosse como Priora alguém que, a meu parecer, o faria muito bem, porque é muitíssimo melhor do que eu” (*F 27,8*).

Inaugurou-se o novo Carmelo a 1 de Janeiro de 1576, enquanto decorria ainda a fundação de Sevilha. O Carmelo de Caravaca será um Carmelo feliz. Contará com a simpatia e o magistério de S. João da Cruz, que manterá abundante correspondência epistolar com a fundadora Ana de S. Alberto.

### **Em conversação com as leitoras**

Sem mudar o tema nem passar a página, a narração converte-se, a partir do n. 11 em diálogo íntimo com as leitoras. A autora toma consciência de que está a escrever para elas. Tem interesse em que a narração da história das fundações seja para elas fonte de vida. O objectivo da obra não é a pura história, mas a provocação; de tal forma que esta exige fidelidade e vida, começar de novo, ir começando sempre.

Daí a insistência coloquial estabelecida com as leitoras de então, tão forte que impacta igualmente o leitor de hoje: “Vede, minhas filhas, os juízos de Deus e a obrigação que temos de servi-Lo”... “Em Seu nome vos suplico, Irmãs e filhas minhas, que sempre o supliqueis a Nosso Senhor... Olhai que de pequenas coisas se abre a porta para muito grandes... Donde pensais que teria vindo a uma mulherzinha como eu o poder para tão grandes obras? ...Vede, minhas filhas, vede a mão de Deus... Crede-me, filhas, que por onde pensais acrescentar, perdereis...” (*F 27*)

O tema principal do colóquio é a convicção de que as origens fundacionais do grupo são pura obra de Deus, que “se bem o advertirdes, vereis que as mais destas casas não foram, de certo modo, fundadas por homens, mas pela

poderosa mão de Deus...” (F 27,11). “Bendito seja Aquele que tudo fez..., não sejamos ingratas a tantas mercês, Amen” (F 27,16).

São lemas que se tornarão em tópicos repetidos nos Capítulos seguintes. A narração histórica tem valor enquanto motivo para reviver o acontecido. Evocar o que foi começado é um compromisso para o prosseguir, compromisso com quem, na realidade o iniciou, que foi o Senhor.

Seguem-se ainda dois complementos terminais: “Já vistas, filhas, que se passaram alguns trabalhos...” (F 27,17-21) e a anotação final: “Comecei a escrever estas fundações... em Salamanca. Acabou-se hoje... aos catorze dias do mês de Novembro de 1576 no Mosteiro de S. José de Toledo” (F 27,22-23).

## CAPÍTULO XXVIII VILLANUEVA DE LA JARA

É o Capítulo mais extenso e mais complexo de todos os que escreveu até agora. A Santa Madre narra esta fundação quatro anos depois de ultimado o epílogo precedente.

Segundo o título, este Capítulo trataria apenas da fundação de Villanueva de la Jara (Cuenca). Mas na realidade estende-se a vários sectores circundantes, a saber:

- Resume os quatro últimos anos precedentes de perseguição aos Descalços (n. 1-7)
- Recorda a proposta das nove reclusas de Villanueva, que é rejeitada por parte da Santa Madre e finalmente aceite por esta (n. 8-17)
- Base de operações, a ermida-cova dos Descalços em la Roda (n. 10-20)
- Singular descrição da ermitã Catarina de Cardona (n. 21-36)
- Viagem triunfal para Villanueva e fundação desse Carmelo (n. 37-45)

A Santa começa por resumir o que se sofreu durante estes últimos quatro anos de pausa fundacional: “eu não faço mais do que tocar nisto para que as futuras freiras entendam quanto estão obrigadas a levar por diante a perfeição” (*F* 28,5). Está convencida de que a sua obra das fundações esteve a ponto de acabar. Os factores determinantes foram, por um lado, os decretos do Capítulo Geral de Piacenza em 1575, que determinou, entre outras coisas, a supressão de todas as fundações de Descalços na Andaluzia; por outro, as condenações e cárceres infligidos pelo Núncio Felipe Segá aos superiores dos Descalços: “Padre Graciano, Padre António Herédia, Padre Ambrósio Mariano...” (Omite o nome de S. João da Cruz que, no entanto, ao ser encarcerado em 1577, motivou uma das suas duas cartas fortes ao Rei. Escreve outra carta semelhante, ao mesmo Rei Felipe II, em 1577, para defender o Padre Graciano contra as calúnias de um escrito infame).

Felipe Segá foi uma personagem poderoso nos pontificados de Pio IV, Pio V e Gregório XIII. Foi o sucessor do Núncio Ormaneto na Nunciatura de Madrid, a partir de Julho de 1577 até 1581. Foi adverso à obra da Santa Madre, nunca se interessou pela sua pessoa, nem nunca tratou com ela.

No presente Capítulo, a Santa Madre relaciona o desenlace dessa grave situação dos Descalços com a intervenção do mesmo Felipe II, graças ao qual o Núncio Segá teve que nomear um tribunal de quatro assessores selectos, que em Dezembro de 1578 ditaram sentença mais ou menos favorável aos Descalços.

Com a fundação de Villanueva de la Jara, Teresa sai dessa situação incómoda e difícil.

A história do Carmelo de Villanueva começa com o episódio das nove ermitãs ou anacoretas, de Villanueva que clamam pela vinda da Santa Madre para iniciar sua vida carmelita. Este clamor chega a Teresa, que “estando em Toledo, vinha da fundação de Sevilla” (em 1576). Era talvez o pior momento. Já se tinha dado um caso semelhante em Beas, mas ali as postulantes eram só duas postulantes excepcionais. Agora são um grupo numeroso, que se há-de iniciar na vida carmelita, terá que se adaptar ao novo estilo de irmandade “que levamos juntas”, e aos critérios da nova Superiora e monjas da Comunidade.

A Santa Madre resiste a esta proposta, como ela narra: “Era tal o meu temor de admitir tantas Irmãs, parecendo-me que poderiam formar partido...” (n. 14). Resiste à pressão de cartas que lhe chegam de todos os lados, inclusivamente do município de Villanueva. Alega contra, um conjunto de razões – cinco – formuladas uma a uma (n. 9). Mas vai fazer ainda as suas consultas. Uma ao Provincial Ângelo de Salazar, que se dobra às suas razões, e outra ao teólogo Alonso Velázquez que, pelo contrário, é de parecer favorável às “nove”.

Dos letrados passa Santa Teresa à oração, e uma só palavra do Senhor muda radicalmente o seu parecer. A Santa Madre encontra-se em Malagón. Estamos no ano de 1580. Está doente. De Malagón a Villanueva de la Jara são “vinte e seis léguas”, diz ela. Apesar de tudo isto, irá pessoalmente “por muitos motivos... embora me custasse muito, pois já viera muito doente para Mala-



gón e assim tinha continuado sempre” (F 28,17). Estava-se em pleno Inverno de 1579/1580.

A seguir conta rapidamente a mediação dos Carmelitas eremitãos de La Roda. La Roda era um eremitério de Carmelitas Descalços. Em torno da ermida de Nossa Senhora do Socorro, tinha-se fundado, em 1572, por iniciativa e a expensas de Catarina de Cardona, o convento de Descalços, que em 1603, foi trasladado para Villanueva de la Jara.

Teresa continua o relato e passa a descrever a estranha figura de **Catarina de Cardona**, residente como mais um eremitão nos antros desse eremitério de Nossa Senhora do Socorro, a três léguas de Villanueva. Desta vez não introduz o perfil de Catarina de Cardona como mais um modelo de vocação Carmelita, mas como um admirável e admirado exemplo de renúncia ao mundo e de vida penitente. Catarina de Cardona fez parte do séquito da Princesa de Éboli e depois da corte de Madrid, até que em 1563 se retira para o deserto e faz a vida eremita na cova do eremitério, como já referimos acima. Catarina trabalha pela fundação dos Descalços em La Roda e veste o Hábito de frade Descalço. Não parece que se interesse pela fundação dos Descalços em Villanueva. Prossegue a sua vida penitente neste deserto de La Roda até à sua morte, em 11 de Maio de 1577.

Não teve relações pessoais com a Santa, nem chegaram a conhecer-se. Contudo, a Santa Madre cumula-a de superlativos, até raiar o elogio exagerado. Em última instância terá que insinuar, num tom de voz mais baixo, um correctivo que lhe chega a partir das suas experiências místicas: “Também me disse [o Senhor] outra coisa que não é para escrever” (F 28,36), aludindo provavelmente ao citado na *Relação* 23: “Estando eu uma vez a pensar na grande penitência que fazia D. Catarina de Cardona e como eu pudera ter feito mais, segundo os desejos que o Senhor me tem dado alguma vez de a fazer, se não fora para obedecer aos confessores, e se não seria melhor não lhes obedecer neste ponto de aqui em diante, disse-me: «Isto não, filha; bom caminho levas e seguro. Vês toda a penitência que ela faz? Em mais tenho eu a tua obediência»”.

A última secção do Capítulo conta, por fim, a fundação. O relato adquire um tom triunfal. Para se dirigir a Villanueva, a Santa Madre seleccionou duas

monjas de Toledo e outras duas de Malagón. “E como tanto se tinha pedido a Sua Majestade, acertou-se muito bem”, comenta. Apesar do cru do Inverno (Fevereiro), as monjas viajantes tiveram bom tempo e, sobretudo, gozou a Santa Madre de “tanta saúde, que parecia nunca ter estado doente, que eu me espantava”.

Foi gloriosa a entrada e travessia da vila, em procissão, com toques de sinos. Mas mais ainda que tudo isto, a Santa Madre narra a excelente impressão que as nove reclusas lhe produziram, depois da ansiosa espera de “quase seis anos” de trâmites e receios: “Depois de as conhecer e de ver como eram santas, fiquei entendendo bem como suas orações e lágrimas tinham negociado a sua admissão na Ordem; e, assim, tive por muito maior tesouro a entrada nela destas almas, do que muitas rendas que trouxessem” (F 28,39). E insiste: “e quanto mais as ia conhecendo mais contente estava por ter vindo” (F 28,43).

E a mesma coisa ocorre com as suas companheiras fundadoras. Também elas tinham partilhado os temores e receios da Santa Madre. Mas agora “conhecendo-as melhor e entendendo a sua virtude, se alegraram muito por terem ficado com elas e já lhes tinham muito amor” (F 28,43).

**Em resumo:** a Santa e a sua comitiva tinham partido de Malagón a 13 de Fevereiro. Entre 17 e 20, detêm-se uns dias em La Roda. No dia 21 chegam a Villanueva, e a 25, as nove postulantes recebem o Hábito. No dia 20 de Março a Santa Madre sai de novo para Toledo, aonde chega no dia 26 e, poucos dias depois, cai gravemente doente do coração.

Mas esta empresa de Villanueva de la Jara foi gratificante e gloriosa. A Santa tinha começado receosa, depois decidida e, finalmente, apoteótica.

## CAPÍTULO XXIX PALÊNCIA

Com a fundação do Carmelo de Palência, começa o trio das últimas fundações teresianas. Este Capítulo terá sido escrito, provavelmente, na própria cidade de Palência, uma vez estabelecida a fundação. Como sempre, a Santa Madre tudo atribui ao Senhor e desfaz-se em louvores e gratidão a Palência e à sua gente: “Toda aquela gente é da melhor têmpera e nobreza que tenho encontrado”. Completa o quadro com uma profissão de inaptidão a respeito de si própria: “Cada vez mais me espanto do pouco talento que tenho para tudo. Dia após dia o vou vendo melhor, por isso não se pense que isto é humildade. Parece que Nosso Senhor quer que reconheça, e também todos os outros, que só Sua Majestade é quem faz estas obras” (F 29,24).

Efectivamente, para o andamento da fundação, será determinante uma palavra do Senhor escutada na intimidade de um momento eucarístico (F 29,6), que faz de charneira entre o não e o sim da fundação.

O relato avança como uma pequena peça teatral:

- Surge o projecto em plena enfermidade da Santa, que se sente incapaz e resiste, até que por fim, a palavra de Deus o põe em movimento (n. 1-6)
- Em pleno Inverno, viagem de Valhadolid a Palência, e inauguração provisória do Carmelo (n. 7-11)
- Trâmites de compra, opção definitiva pela ermida de Nossa Senhora de la Calle e fundação (n. 12-29)
- Eco gozoso de um acontecimento contemporâneo: o decisivo Capítulo de Alcalá (n.30-33)

A fundação de Palência não foi uma tarefa fácil. Teve um começo sombrio. No Verão de 1580, a Santa Madre tinha regressado de Toledo a Valhadolid, reclamada por D. Álvaro de Mendonça, agora Bispo de Palência, desejoso da fundação. E a 18 de Outubro deste ano, o Padre Ângelo de Salazar concede à Madre a licença para fundar em Palência. No entanto, tudo se atrasa. Em toda a Castela

grassa a terrível epidemia do chamado “catarro universal”, que leva à morte milhares de pessoas, em lares e conventos. Também Santa Teresa é vítima da epidemia, ficando doente, à morte, em finais de Agosto, como ela própria narra: “Chegada a Valhadolid, deu-me uma enfermidade tão grande que todos pensavam que morreria. Fiquei tão desanimada e sentia-me tão incapaz de qualquer coisa que, embora a Priora me importunasse, por desejar muito esta fundação, não podia persuadir-me” (F 29,1). Durante todo o mês de Setembro não escreveu uma única carta. De facto, estará incapacitada para escrever, desde o dia 21 de Agosto até 4 de Outubro desse ano de 1580. A este respeito conta o Padre Graciano: “Quando foi o *catarro universal*, estando a Madre Teresa em Valhadolid, apertou-a de tal forma, que esteve muito próximo de ir gozar a Deus...” (*Scholias*).

Enquanto ela jaz de cama, vão morrendo os seus melhores amigos: o Visitador Dominicano, Padre Pedro Fernández em Salamanca; o seu confessor Jesuíta, Padre Baltazar Álvarez, em Belmonte; e o Bispo de Sevilha, D. Cristóvão de Rojas, em Cigales, a dois passos de Valhadolid, assistido pelo Padre Graciano. Pouco antes, tinha falecido em La Serna, o próprio irmão de Santa Madre, Lourenço de Cepeda.

Teresa não sucumbe à epidemia, mas “desta enfermidade – escreve o Padre Graciano – ficou tão mudada e fraca, que parecia já de idade...” (*Scholias*). Este é o clima nefasto em que se gera a fundação. Decidida, mas não reposta, empreende viagem a 28 de Dezembro, com muito mau tempo. Tinha estado em Valhadolid de 8 de Agosto até esta data. Em Palência, e antes de que alguém se tivesse dado conta da sua chegada, no dia 29 de Dezembro, por ser dia da festa do Rei David – de quem ela era muito devota, e que constava, efectivamente, do Breviário Carmelita em uso – celebra-se a primeira Missa conventual, na casinha que alugou, graças aos amigos de Palência.

Ao longo da narração refere os dificultosos trâmites para se decidir pela ermida de Nossa Senhora de la Calle e as casas adjacentes. Aí estabelece o seu novo Carmelo.

Pelo relato desfila todo um coro de colaboradores incondicionais: três Cónegos, Reinoso, Salinas e Porras; o admirável Suero de Vega; o generoso Provisor D. Prudêncio Armentia, que assina a fiança sem se aprear da mula... E prossegue cantando os louvores da população de Palência: “Verdade é que me parecia coisa dos primeiros tempos da Igreja, pelo menos, não muito usada agora no mundo” (F 29,27).

Como apêndice, o relato conclui recordando o mais fausto acontecimento da família Teresiana nesses dias, o **Capítulo de Alcalá**, que se celebrou de 3 a 19 de Março de 1581, e que decidiu a erecção de uma Província separada para os Descalços. “Estando em Palência, foi Deus servido que os Descalços se separassem dos Calçados, formando uma Província aparte, que era tudo o que desejávamos para nossa paz e sossego” (F 29,30). “Agora, Calçados e Descalços, estamos todos em paz e ninguém nos impede de servir Nosso Senhor...” (F 29,32). A Santa Madre tinha participado intensamente na preparação do Capítulo, primeiro com o envio de mensageiros a Roma para o negociar, e depois recolhendo e enviando o Memorial de cada Carmelo para informação dos Capitulares, e multiplicando ela própria as sugestões e recomendações ao Padre Graciano, que sairia eleito Provincial.

Na sua narração, Teresa não se perde em detalhes e minudências históricas. O Capítulo pôs fim aos episódios de sofrimentos e turbulências dos últimos quatro anos. Foi para ela “um dos maiores gozos e consolações que poderia receber nesta vida” (F 29,31).

E termina com um duplo gesto conclusivo: a gratidão ao Senhor e à Virgem, “como Senhora e Padroeira Nossa”, e o olhar posto no futuro do grupo, para o qual reitera o seu lema, já antes formulado mais que uma vez: “Agora começamos, e procurem ir começando sempre, de bem em melhor... Ponham sempre os olhos na casta de onde vimos, naqueles Santos Profetas. Quantos santos temos no Céu que trouxeram este Hábito! Tenhamos a santa presunção, com a ajuda de Deus, de ser como eles” (F 29,32.33).

O Bispo D. Álvaro vem de Valladolid para o dia da inauguração do Carmelo de Palência e ele mesmo se encarrega da reconstrução da ermida e de outras provisões para a casa ir por diante. A inauguração foi no dia 26 de Maio de 1581, quase cinco meses depois da chegada da Santa Madre a Palência. A Santa Madre tinha ficado em Palência de 28 de Dezembro de 1580 até 29 de Maio de 1581, dia em que sai para Sória.

Este Capítulo é redigido em Palência depois de terminado o Capítulo de Alcalá, e antes de viajar para Sória, provavelmente entre Abril e Maio desse mesmo ano de 1581.

## CAPÍTULO XXX

### SÓRIA

“Estando eu em Palência”, escreve a Santa Madre, surgiu o projecto da fundação de Sória. Estava-se por volta de Maio de 1581. Como vimos no Capítulo anterior, a 29 desse mês, empreende a viagem de Palência a Sória. Chega a 2 de Junho e inaugura a fundação no dia seguinte. Parte para Ávila a 16 de Agosto. E provavelmente aí, no Outono desse ano, escreve o presente Capítulo, sendo já Priora do Carmelo de Ávila.

Entre as várias fundações teresianas, esta aparece descrita como fácil e gozosa, quase triunfal: viagem em carruagem, acolhimento cordial, Igreja e morada conventuais bem preparadas, todo um coro de colaboradores incondicionais, dispostos a trabalhar pela fundação e a aprontá-la... Tanta ventura terá o seu lado contrário à hora de regresso, com uma viagem final horrorosa.

Podemos acompanhar assim o relato, dividido em quatro momentos:

- Começa com o oferecimento e os planos para a fundação (n. 1-4)
- Segue a viagem Palência-Sória (n. 5-7)
- Fundação do novo Carmelo (n. 8-11)
- Viagem de regresso Sória-Ávila (n. 12-14)

Ao ser tão simples a fundação, tão carente de episódios dramáticos e de dificuldades burocráticas ou económicas, o relato da Santa desenrola-se em gratidão e elogios a quantos colaboraram na empresa fundacional. De sorte que o Capítulo se enche de retratos e panegíricos desses bons amigos, abundantemente historiados. Basta recordá-los um a um, sem reiterar os perfis já esboçados pela pena teresiana.

O primeiro de todos é o Bispo Alonso Velázquez, que tinha sido professor nas universidades de Alcalá e de Valhadolid, confessor e assessor da Santa Madre em Toledo (1576). Desde 1578 é Bispo de Osma (obviamente de Sória)

e sê-lo-á pouco tempo depois, em 1583, de Santiago de Compostela. Nesse momento goza da absoluta confiança da Santa Madre, à qual escreve longas missivas, ao mesmo tempo que lhe oferece uma Igreja paroquial para o novo Carmelo: “O Bispo ofereceu-se a dar uma Igreja muito boa, toda abobadada, que era duma paróquia que estava perto”. Ao longo do Capítulo ela cumula D. Alonso de elogios e agradecimentos. E entre tantos louvores destacam-se duas alusões veladas, quase reticentes; uma ao referir o seu encontro com ele em Toledo: “Verdade é que houve também outro motivo que não é para aqui” (F 30,1). Está nesta passagem uma tímida referência ao facto místico em que o Senhor a remete para Alonso Velázquez como assessor da sua alma, e que ela relata na *Relação* 63:

“Tendo-me começado a confessar com uma pessoa, na cidade onde presentemente estou, e ela, apesar de me ter muita amizade e de a ter ainda depois que aceitou o governo da minha alma, esquiva-se de cá vir. Estando eu uma noite em oração, pensando na falta que me fazia, entendi que o detinha Deus para que não viesse, porque me convinha tratar minha alma com uma outra deste mesmo lugar. A mim custou-me isto, por ter de conhecer nova mentalidade, pois podia ser que não me entendesse e me inquietasse, e por ter afeição a quem me fazia esta caridade. Sempre que vi e ouvi pregar esta outra pessoa deu-me contento espiritual, mas como tem muitas ocupações, também me parecia não convir. Disse-me o Senhor: «Eu farei que te ouça e te compreenda. Abre-te com ele que de algum remédio te servirá em teus trabalhos». Este final foi, segundo penso, porque andava eu então aflitíssima de estar ausente de Deus. Também me disse Sua Majestade que bem via o trabalho que tinha mas, enquanto vivesse neste desterro, não podia ser de outro modo, que tudo era para meu bem e consolou-me muito. Assim aconteceu; ouve-me com agrado e busca tempo e tem-me compreendido e dado grande alívio. É muito letrado e santo”.

A outra alusão velada é a referência à viagem para Sória: “Fiquei muito satisfeita porque, deixando à parte o ser boa a fundação [em Sória], tinha desejo de comunicar-lhe algumas coisas da minha alma e de o ver, pois afeiçoara-me muito a ele pelo bem que me fizera” (F 30,2).

De facto, logo que chega a Sória, conseguirá estabelecer essa comunicação, inclusivamente por escrito, abrindo-lhe o panorama íntimo da sua alma



na extensa *Relação* 6, que é sem dúvida a melhor apresentação de si mesma no entardecer da vida, não só para o destinatário da *Relação*, mas para o leitor de hoje: “Oh! Quem pudesse dar bem a entender a Vossa Senhoria a quietude e sossego em que se encontra a alma! É já tanta a certeza de que há-de gozar de Deus, que parece já goza a alma da posse que se lhe há dado, embora não tenha o gozo”.

A segunda pessoa amiga que aparece no relato e na gratidão da Santa Madre é **D. Beatriz de Beamonte y Navarra**, magnificamente apresentada no Capítulo. É viúva, sem filhos e oriunda de família real. É generosa em dotar o novo Carmelo; entregará para este o seu próprio palácio soriano, de tal forma que todo o trabalho da Santa consistirá, nesse momento, na construção de um passadiço que ligue a Igreja doada pelo Bispo com o palácio oferecido pela dama navarra. D. Beatriz ficará tão impressionada e motivada pela personalidade da Santa Madre que, não muito depois (em 1583), ela própria ingressa com o nome de Beatriz de Cristo, no Carmelo de Pamplona, onde falecerá em 1600.

O terceiro grande colaborador da fundação é o **Padre Nicolau Dória**, recém-eleito no Capítulo de Alcalá (em 1581) como primeiro Conselheiro do Provincial, Padre Jerónimo Graciano, e delegado por este para acompanhar a Santa Madre na viagem de Palência a Sória, enquanto ele cuida em Salamanca da edição das Constituições Teresianas. O Padre Dória será, mais tarde, uma difícil personagem na história das Carmelitas Descalças, mas agora vive um dos momentos melhores da sua vida: desfruta do apreço incondicional da Santa Madre, que tece o seu elogio no coração do Capítulo (n. 5-7). Leva como companheiro o leigo Frei Eliseu da Mãe de Deus. “Teve pouco trabalho neste caminho”, adverte a Santa Madre, e logo depois de assinadas as escrituras da casa (em 14 de Junho de 1581), empreende a retirada. Já não acompanhará a Santa Madre na penosa viagem de regresso.

A comitiva das fundadoras é selecta e abundante. São dez Carmelitas, incluindo a Santa e a sua enfermeira, a encantadora Ana de S. Bartolomeu. Entre todas destaca-se Catarina de Cristo, proposta pela Santa Madre para Priora da

casa. É jovem (1543-1594), provém do Carmelo de Medina e estreia-se no ofício. Mais tarde será fundadora do Carmelo de Pamplona (1583), e pouco depois inaugurará a fundação do primeiro Carmelo catalão em Barcelona (1588), de onde sairão, dois anos mais tarde, as fundadoras do Carmelo de Génova, em Itália (1590). Tanto em Pamplona como em Barcelona será acompanhada fielmente pela singularíssima navarra Leonor da Misericórdia, que será depois sua excelente biógrafa.

Por fim, encontramos o trio que escolta a caravana: **Pedro de Ribera**, que conduz boa parte da comitiva na carruagem do Bispo. A outra metade do grupo de fundadoras vai na carruagem pessoal de D. Beatriz, escoltado pelo seu capelão Francisco de Cetina e o respectivo cocheiro. O oficial de justiça preside ao cortejo, da parte do Bispo, passando nas povoações com o seu bastão ao alto, perante as rondas de curiosos impertinentes.

Chegaram a Sória no dia 2 de Junho de 1582, ao cair da tarde, e no dia seguinte começou-se a vida carmelita no palácio de D. Beatriz. No dia 14 de Junho, festa de S. Eliseu, Profeta, segundo o Breviário Carmelita, o próprio Bispo celebrou a primeira Missa conventual. Acelerou-se a construção do passadizo para unir o palácio com a Igreja, e finalmente colocou-se o Santíssimo no dia da Transfiguração do Senhor (6 de Agosto), ficando inaugurado felizmente o Carmelo soriano, com o título de Santíssima Trindade.

A Santa Madre partirá de Sória no dia 16 de Agosto, depois de ter dado o hábito no dia anterior às duas primeiras postulantes da Comunidade.

Mas no Carmelo ficava muito por fazer, para mudar o palácio em mosteiro. Por isso, antes de partir, a Santa escreverá para a Madre Priora um memorial minucioso com todos os pormenores da obra pendente, até a última e simpática previsão, nº 15 das recomendações: “Sempre, depois que saiam de Matinas [noite cerrada], acenda-se uma lamparina que chegue até de manhã; porque é muito perigoso ficar sem luz, por muitas coisas que podem suceder, que uma candeia com torcida fina é de muito pouco custo, e muito o trabalho, se a uma Irmã lhe acontecer um acidente, encontrar-se às escuras. Isto peço eu à Madre Priora que não se deixe de fazer” (cfr. *Obras da Santa, anotações e memoriais*).

Só ficava por narrar a odisseia da viagem de regresso. A ele dedica a Santa os últimos três números do Capítulo. Será uma das viagens mais aventureiras da Fundadora. Parte de Sória em pleno Verão “com tão grande calor”, anota ela, acompanhada apenas pela enfermeira Irmã Ana de S. Bartolomeu e pelo fiel Pedro de Ribera, e pelos condutores de turno. Foi uma viagem longa, de Sória até Ávila, com pausas para descanso, primeiro em Burgo de Osma e depois em Segóvia (em 23 de Agosto), mas pernoitando em míseras pousadas do caminho, e correram sérios riscos durante a viagem, como ela narra: “O moço que nos conduzia sabia ir até Segóvia mas não pelo caminho dos carros, de maneira que nos levava por sítios onde era preciso apeiar-nos muitas vezes e o carro parecia ficar quase suspenso sobre profundos despenhadeiros” (*F* 30,13).

Por fim, descansa também na pousada de Villacastín, nos dias 4 e 5 de Setembro. Antes de retomar a interminável viagem escreve daqui, uma carta a Maria de S. José, que está em Sevilha, (esta carta está conservada intacta nas Agostinhas de Villadiego, Burgos): “Cheguei já de noite, no dia 4 de Setembro, a este lugar de Villacastín, cansada de andar, que venho da fundação de Sória, que até Ávila, aonde agora vou, são mais de 40 léguas. Grandes trabalhos e perigos nos aconteceram. Apesar de tudo, venho boa, glória a Deus, e o fica aquele mosteiro. Sirva-se Ele de tanto padecer, que com isto é bem empregue” (*Carta* 405).

Chega a Ávila a 6 de Setembro de 1581 e, poucos dias depois, é reeleita, pela última vez, Priora do Carmelo de S. José.

## CAPÍTULO XXXI

### BURGOS

É o último e o mais extenso Capítulo do livro. É também o mais dramático, com intrigante e prolongado “suspense” antes do desenlace.

Deus aparece como o Protagonista absoluto de toda a acção, como se pode ver ao longo do relato, com uma série de intervenções místicas que vão marcando a narração.

A Santa Madre introduz no relato não só o seu “eu” de narradora, mas ainda o seu “eu” de mística, com a sua própria história de sentimentos, emoções, temores, juízos de valor, seguranças e ânsias de espera. Reiteradamente insiste no objectivo final da narração, que não consiste em narrar por narrar, mas em provocar – quase comprometer – a gratidão e a oração das leitoras, presentes e futuras: “Mencionei aqui os nossos primeiros benfeitores, porque é justo que as irmãs que estão cá agora e as que hão-de vir, se lembrem deles nas suas orações. Isto deve-se ainda mais aos fundadores” (*F* 31,29) e interrompe várias vezes o diálogo para o recordar.

Poderíamos dividir assim o Capítulo:

- Propostas remotas e preparativos da fundação (n. 1-15)
- Façanha da viagem, em pleno Inverno, de Ávila a Burgos (n. 16-18)
- Quase um mês de pausa em casa de D. Catarina de Tolosa (n. 19-26)
- Quase outro mês de espera no Hospital da Conceição (n. 27-39)
- Trâmites (n.33-38), aquisição e passagem para a casa definitiva (n. 40-48)
- “Tudo está acabado: podes ir-te embora” (n. 49)

A narração está marcada, como já aludimos, por uma série de acontecimentos místicos, que vão fixando os momentos cruciais do pequeno drama em movimento. Vamos enumerá-los:

1 – Já no Capítulo XXX, antecipando a fundação de Palência, tinha referido a palavra do Senhor, que punha fim à crise psicofísica da Santa Madre (“determinada a não fazer nenhuma fundação” – n. 6) e que lhe dirigia a ordem de envio. Agora é-lhe recordada e repetida ao começar a fundação de Burgos: “Que temes? Quando te faltei Eu? Sou agora o mesmo que tenho sido; não deixes de fazer estas duas fundações” (F 31,4).

2 – Face às suas enfermidades persistentes e os previsíveis frios da viagem em pleno Inverno, Santa Teresa opta por não ir pessoalmente a Burgos, mas delegar a liderança na Priora de Palência, Madre Inês de Jesus; mas o Senhor repete a mesma ordem de envio: “Não façás caso desses frios, que Eu sou o verdadeiro calor” (F 31,11). É a ela a quem se assinala essa missão.

3 – Mais adiante, quando os colaboradores parecem resignar-se ao fracasso e o Provincial Padre Graciano está a ponto de empreender a retirada perante o total bloqueio do horizonte de Burgos, é dirigida de novo à Santa Madre uma ordem simples e humaníssima: “Agora, Teresa, sê forte” (F 31,26). A empresa não fracassará.

4 – Por fim, encontrou-se um excelente edifício à venda, muito a propósito para o novo Carmelo, mas... e o dinheiro para o comprar? De novo sobrevém uma palavra do Senhor, quase mais humorística que mística: “Embaraças-te com dinheiro?” (F 31,36). E executa-se a compra.

5 – Por fim, missão cumprida: “... Podes ir-te embora” (n. 49).

É muito interessante ver na narração, fundirem-se, paradoxalmente, dois estratos contrastantes: por um lado, a forte batalha de resistência tenaz em polémica crescente; e, por outro, o fluir das experiências místicas da autora-fundadora, aberta ao transcendente, enquanto está dependente do vil dinheiro.

Na leitura do Capítulo, damo-nos conta de que tudo converge no confronto do Arcebispo de Burgos com a Santa Madre e seus colaboradores e

colaboradoras. Santa Teresa teve a infelicidade de vir a Burgos com a anuência oficial da cidade, mas sem a licença escrita do Arcebispo. Daí o incontido aborrecimento deste que, no entanto, falta à palavra dada oralmente, e põe a Santa Madre em risco de desistir de todo o empreendimento da fundação: “Bonitos estavam os caminhos e o tempo corria mesmo à feição” (F 31,21).

O Prelado incorre ainda no duplo jogo das boas palavras, em contraste com as decisões e acções: “Ele dizia sempre que desejava esta fundação mais que ninguém, e eu acredito, pois é tão bom cristão que não seria capaz de dizer senão a verdade. Contudo, não o mostrava por obras...” (F 31,31).

Mas o confronto não se dá só entre a Santa Madre e o Arcebispo. Entram também em confronto, de forma mais disfarçada, os dois Bispos, o de Palência e o de Burgos. A Santa Madre tem que fazer de medianeira pacificadora, sem chegar nunca a uma franca desqualificação do Arcebispo, seu adversário, a quem qualifica ironicamente de “bom cristão”.

Até que, por fim, ele se rende face à evidência do facto, e acede a presidir à cerimónia da Tomada de Hábito da filha de D. Catarina: “E pregou o Senhor Arcebispo na Igreja nova do dito convento... Tomou-lhe nova devoção [à Madre Teresa] e foi daí em diante muito favorável àquele convento”, assegura a companheira da Santa, Irmã Ana de S. Bartolomeu. (BMC 2, 328).

Mas neste confronto não intervieram só estes actores. O Capítulo está sobrepovoado, de colaboradores que animam e complicam a narração. Por um lado, os amigos da Santa Madre, que constituem o grupo maioritário. Por outro lado, estão o Arcebispo e os seus oficiais imediatos, muito poucos, mas poderosos. Para a leitura compreensiva do Capítulo, basta uma simples apresentação dos mais importantes:

- Destacam-se em primeiro lugar os dois Bispos: o já conhecido **D. Álvaro de Mendoza**, agora Bispo de Palência, amigo incondicional da Santa Madre. E frente a ele, o Arcebispo de Burgos, **D. Cristóvão Vela**, natural de Ávila, recém-chegado do bispado das Canárias (em 1580), quase familiar da Santa Madre. Em Ávila os Vela e os Cepeda habitavam em palácios próximos desde a infância de Teresa. Francisco Vela

é padrinho de Baptismo da Santa Madre. Outro familiar, D. Francisco Blasco Vela – pai do nosso Arcebispo – sendo Vice-rei do Perú, morreu na batalha de Iñaquitos (1546), na qual lutaram a seu lado vários irmãos de Teresa. O determinante neste presente confronto entre a Santa Madre e o Arcebispo foi que D. Cristóvão conservava uma má impressão das revoltas na cidade de Ávila, ocasionadas pela primeira fundação da Madre. Essa imagem converte-se agora em preconceito adverso contra ela e suas monjas, às quais não negará pertinazmente a fundação, mas a celebração da Eucaristia no domicílio, apesar de terem à sua disposição, primeiro a Capela de D. Catarina, e depois a dos senhores Mansino.

- Do lado oposto, destaca-se um grupo de mulheres fiéis à Madre. Primeiro que tudo, as suas acompanhantes Carmelitas, que fazem de sofredoras e sacerdotisas orantes, e quase à altura da Santa Madre levanta-se a outra promotora da fundação, **D. Catarina de Tolosa**, viúva de Sebastião de Muncharaz, com oito filhos. A casa de D. Catarina era uma espécie de mosteiro caseiro. Nela se rezava todos os dias o Ofício Divino e exercitava-se a caridade.

D. Catarina tem já quatro filhas nos Carmelos Teresianos, duas em Palência, Maria e Isabel; e as duas mais velhas em Valhadolid: Catarina e Cassilda. E logo depois de fundado o Carmelo de Burgos, tomará nele o Hábito a filha mais nova, Elena. A outra das suas filhas, Beatriz, morre jovem, aspirante a Carmelita, e suplica que seja enterrada no Carmelo de Burgos. Ela própria, D. Catarina, ingressará no Carmelo de Palência, com 49 anos, depois da morte da Santa Madre.

Um dos seus filhos, Sebastião, professa em Pastrana. E o outro filho, Lesmes (o meu “Lesmitos”, como dizia Teresa), toma excepcionalmente o Hábito Carmelita no Carmelo de Palência, aos doze anos, com o nome de João Crisóstomo, ao mesmo tempo que sua mãe, D. Catarina. Logo de seguida, ele partirá para o seu noviciado. D. Catarina (Catarina do Espírito Santo), foi súbdita da sua própria filha, Isabel da Trindade, Priora da Comunidade, e do seu filho Sebastião, Provincial dos Carmelitas de Castela. E também ela própria

chegará a ser Priora neste Carmelo de Palência, onde morrerá a 13 de Julho de 1608, depois de vinte anos de vida Carmelita (1588-1608), assistida na agonia pelos seus dois filhos Sacerdotes Carmelitas, tendo-lhe administrado os últimos sacramentos, o seu filho Sebastião, então Provincial. Depois de recebidos os sacramentos, o Padre Sebastião e a Madre Isabel da Trindade, que também era Priora, pediram-lhe a bênção para eles e os outros irmãos ausentes, ao que ela, com grande humildade, respondeu: “Vossas Reverências é que ma hão-de dar a mim pelos officios que têm”. Durante a sua vida de Carmelita, distinguiu-se, sobretudo, nos serviços humildes de jardineira e de enfermeira da casa.

Agora, em plena fundação, será fiel à sua dupla função de mãe de família e de seguidora da Santa Madre. Não chegará a entrar em confronto com o Prelado diocesano, mas porá a sua casa e as suas amizadas ao serviço da fundação. Com ela fazem grupo outras damas de Burgos: D. Catarina Manrique e D. Beatriz de Arceo Cova rrubias, que logo ingressará nesse Carmelo.

- O terceiro grupo é formado por vários senhores de Burgos, quase todos amigos do Padre Graciano, antigos discípulos de universidade. Entre eles sobressai “o Dr. Manso” (Pedro Manso de Zuñiga), Cónego da Catedral, futuro Bispo de Calahorra, agora quase o único capaz de influenciar o Arcebispo em favor da causa teresiana. Também discípulo e amigo do Padre Graciano é o licenciado Aguiar (António), “de muito bom entendimento”, médico pessoal da Santa Madre, que não só no Hospital da Conceição, mas em todo o necessário, se porá amistosamente ao seu serviço. E aí, no próprio Hospital, disporá ela da ajuda e amizade de Hermande de Matanza, Regedor da cidade, que lhe facilita o alojamento e, mais tarde, lhe traz em mão própria, a licença do Arcebispo para a fundação. Ao lado do Regedor Matanza, comparecerá outro homem ilustre, Francisco de Cuevas, marido da celeberrima escritora Luísa Sigea: “Também Francisco de Cuevas, correio-mor da cidade, que olha muito por este hospital, nos ajudou e favoreceu sempre que se apresentou ocasião” (F 31,28).



Ficam sem mencionar tantos outros, desde o hostil Provisor do Arcebispo, até aos escrivães de ocasião, e as primeiras vocações que se avizinham do Carmelo de Burgos, ou os cocheiros da passagem dos Pontões... Tudo isto só torna manifesta a força moral e social que irradia a Santa Madre, assim como do movimento em espiral que brota da sua presença.

Um último pormenor revelador, apesar de silenciado pela Santa, é a sua reacção perante a privação da Eucaristia comunitária, e a sua dor ao ver as suas monjas chapinhando descalças pelos lodaçais das ruas para ir à Missa. Chega um momento em que ela opta por recorrer ao Núncio papal – então em Lisboa com a Corte real – para obter a anelada licença da Eucaristia em comunidade. Escreve o Padre Ambrósio Mariano – muito metido em assuntos reais – à Duquesa de Alba, D. Maria Enríquez, e a outras pessoas influentes, para que aprovelem muito em segredo a sua petição, uma vez que o Prelado de Burgos também não está disposto a permitir-lhes a Missa na recém-adquirida casa dos Mansino: “Por caridade – insiste o Padre Mariano – não se descuide em fazer-me esta mercê” (*Carta 436*).

Ignoramos se conseguiu a licença do Núncio papal. Mas conseguiu-se, por fim, que se celebrasse a Eucaristia no convento.

Podíamos resumir assim a cronologia da fundação: no dia 2 de Janeiro de 1582, a Santa Madre sai de Ávila, acompanhada pela Irmã Ana, pela sua sobrinha Teresinha de Cepeda e pelo Padre Graciano, em pleno Inverno. Chega a Medina del Campo a 4 de Janeiro. Retoma a viagem em Valhadolid, no dia 9, e no dia 24 sai de Palência para enfrentar o trajecto mais penoso do caminho: três dias de carruagem até Burgos. Aí chega na tarde do dia 26 de Janeiro. Nos arredores da cidade, o grupo faz uma pausa para venerar o Santo Cristo e aloja-se, cerca de um mês, na casa de D. Catarina de Tolosa. No dia 23 de Fevereiro, traslada-se para o Hospital da Conceição, então nos arredores da cidade, e reside nele quase outro mês, até ao dia 18 de Março. Nesse dia, traslada-se apressadamente para a casa dos Mansino, adquirida dois dias antes, onde se instala definitivamente o novo Carmelo, com o título de S. José de Santa Ana, e onde ainda hoje continua o mosteiro.

No dia 18 de Abril concede o Arcebispo a licença de fundação e no dia seguinte celebra-se a primeira Missa.

No dia 17 de Maio é cancelada, perante o notário, a renda dada por D. Catarina de Tolosa, a que alude a Santa Madre no n. 48 do Capítulo: “Alguns dias depois da fundação da casa, pareceu-nos, ao Padre Provincial e a mim, que na renda dada por Catarina de Tolosa ao mosteiro, havia certos inconvenientes dos quais podia resultar algum pleito e causar-lhe a ela algum desassossego. E quise-mos antes confiar em Deus do que ficar em condições de lhe dar dissabores. Por esta e por outras razões renunciámos, com licença do Padre Provincial e perante o notário, à doação que nos tinha feito e restituímos-lhe as escrituras” (F 31,48).

No dia 24 de Maio transborda o rio Arlanzón e inunda o convento: a Santa Madre e as monjas refugiam-se no piso de cima.

É aqui, em Burgos, no final de Junho, que escreve este Capítulo das *Fundações*: “Isto fez com que não gozasse tanto dos acontecimentos da viagem; o mal durou-me até agora, que estamos em fins de Junho” (F 31,17).

No dia 26 de Julho, festa de S. Ana, titular do Carmelo de Burgos, a Santa Madre sai de Burgos e empreende a longa viagem de regresso, Burgos-Ávila. A meio caminho faz um desvio para Alba de Tormes, onde chega no dia 20 de Setembro, vindo a falecer aí na noite de 4 de Outubro, pondo fim à sua missão terrena, entregando a sua alma ao Senhor.

## EPÍLOGO

Já no Prólogo das *Fundações* a Santa Madre apresentava o livro como continuação do relato da *Vida*. Agora, o Epílogo serve de conclusão a ambos.

No *Livro da Vida* Teresa tinha referido como, ao fundar em 1562 o Carmelo de S. José, o Provincial Ângelo de Salazar o excluiu da Ordem, tendo que se colocar sob a obediência do Bispo diocesano. Agora, ao contrário, reintegra-se no grupo dos outros Carmelos, sob a jurisdição do respectivo Superior Carmelita.

A decisão desta mudança, adopta-a a Santa Madre em Toledo, ao regressar de terras andaluzas. A meados de Junho de 1577 surpreendem-na, aí no seu Carmelo toledano, dois factos importantes e algo desconcertantes: a morte do Núncio papal Nicolau Ormaneto, e a trasladação de D. Álvaro de Mendoza, da sede episcopal de Ávila, para Palência.

Com isto, a Santa Madre apercebe-se que o Carmelo de Ávila vai ficar sob a obediência de um Prelado ignoto, sucessor de D. Álvaro, ficando definitivamente isolado, separado dos outros Carmelos, fundados sob a jurisdição da Ordem. E, ao mesmo tempo, prevê os tempos maus que sobrevirão com a chegada do novo Núncio papal Filipe Segá.

Na oração acolhe a voz do Senhor que a incita à união daquele Carmelo com o grupo das outras fundações. Referenda-o o seu sábio confessor, o Dr. Alonso Velázquez, então Cónego de Toledo, Bispo de Osma, quando Teresa escreve este Capítulo.

Imediatamente ela se põe a caminho de Ávila, antes que venha o sucessor de D. Álvaro, e da chegada a Espanha do novo Núncio Felipe Segá, e se complica quem as coisas.

A transferência da jurisdição organiza-se com toda a solenidade. Elabora-se uma detalhada instrução sobre os passos a dar, para que a trasladação, seja juridicamente incontestável.

D. Guiomar de Ulloa, a dama que em 1562 tinha solicitado de Roma a fundação do Carmelo de S. José, tramita diante do escrivão uma petição oficial do Bispo D. Álvaro, com data de 27 de Julho de 1577.

No dia seguinte, a Comunidade de S. José reúne-se na Sala Capitular, “a sineta tocada”, e dá o seu beneplácito ao projecto de mudança.

Por fim, no dia 2 de Agosto, diante do notário público, assina a sua concessão o Bispo D. Álvaro, que “disse que absolvía e absolveu a Priora, monjas e convento do dito mosteiro da obediência que lhe tinham prestada e dada como Bispo de Ávila aos seus sucessores, e as livrava da dita obediência” (*MHCT* 2,371).

E segundo o estabelecido na instrução prévia: “logo a Priora e as monjas lhes beijaram a mão [ao Bispo e ao novo superior Padre Graciano], e o Padre Visitador e a senhora Teresa de Jesus sentaram-se como seus Superiores no lugar mais proeminente... E em nome da fundadora e do Senhor Bispo e do convento, enviar-se-á a pedir a confirmação ao Papa. E isto, com brevidade” (*ib* 367).

Tudo foi feito com precisão e rapidez. Poucas vezes tinham tido em S. José, um acontecimento tão solene.

A Santa Madre redigiu em duas páginas à parte o final do autógrafo das *Fundações*, provavelmente não muitos dias antes da sua morte. Faz de conclusão do livro a doxologia final: “Bendito seja o Senhor que, com tanto cuidado, olha pelo que toca às Suas servas! Seja para sempre bendito, Amen”.

## BIBLIOGRAFIA

PADRE TOMÁS ÁLVAREZ,

*Comentarios al libro de las "Fundaciones" de Santa Teresa de Jesus*

Colección Karmel, Monte Carmelo, Burgos, 2011

PADRE TOMÁS ÁLVAREZ,

*100 Fichas sobre Teresa de Jesus*

Monte Carmelo, Burgos, 2007

PADRE TOMÁS ÁLVAREZ (Dir.),

*Diccionario de Santa Teresa, Doctrina e Historia*

2ª Edición, Monte Carmelo, Burgos, 2006

PADRE EFREN DE LA M. DE DIOS y O. STEGGINK,

*Tiempo y Vida de Santa Teresa*

Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1968

SANTA TERESA DE JESUS,

*Obras Completas*

Edições Carmelo, 2000

*Santa Teresa de Jesús, FUNDACIONES,*

*Guiones de Lectura Teresiana*

[Casa Geral], 2011

